



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

LILIAN BARTIRA SANTOS SILVA

**DA GESTÃO À ESCUTA
UMA ANÁLISE SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE CLUBES DE RÁDIO EM ESCOLAS
PÚBLICAS DE FORTALEZA**

**FORTALEZA - CE
2018**

LILIAN BARTIRA SANTOS SILVA

DA GESTÃO À ESCUTA
UMA ANÁLISE SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE CLUBES DE RÁDIO EM ESCOLAS
PÚBLICAS DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação e Linguagens.

Linha 2: Mídia e práticas socioculturais.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

FORTALEZA - CE
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S581g Silva, Lilian Bartira Santos.
Da gestão à escuta : uma análise sobre as experiências de Clubes de Rádio em Escolas Públicas de Fortaleza / Lilian Bartira Santos Silva. – 2018.
164 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.
1. Comunicação. 2. Educação . 3. Dispositivos Móveis. 4. Clubes de Rádio Escolar. 5. Rádio. I. Título.
CDD 302.23
-

LILIAN BARTIRA SANTOS SILVA

DA GESTÃO À ESCUTA
UMA ANÁLISE SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE CLUBES DE RÁDIO EM ESCOLAS
PÚBLICAS DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Luciana Miranda Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por colocar os meus pés sobre as minhas alturas e surpreender-me cada vez que Sua força se aperfeiçoou em minhas fraquezas. Por permitir-me, ainda, vivenciar novamente a universidade pública e nela experienciar conhecimentos, partilhas, conquistas e amizades.

Ao meu marido, Edson, pelo companheirismo, lealdade, incentivo e paciência em todos os momentos dessa travessia. Obrigada por todos os dias! Vencemos!

Aos meus pais e irmãos, por prefigurarem essa narrativa de realização.

Ao meu orientador, Professor Dr. Edgard Patrício, sempre assertivo, responsável e ético no acompanhamento desta pesquisa.

À ‘Panela Mestra’, pelas experiências compartilhadas em sala de aula, no restaurante universitário, nas caronas, na casa de Sérgio... Vocês são massa! Cícero, André, Rosa, Luizete, Rafael e Sérgio, foi maravilhoso vivenciar a Pós-graduação com vocês!

À CAPES, pelo incentivo à pesquisa e apoio financeiro por meio da política de concessão de bolsas.

Aos professores participantes da Banca examinadora, Luciana Miranda Costa e Ricardo Jorge de Lucena Lucas, pelas significativas colaborações e tempo despendido em apreciar cuidadosamente o trabalho.

Meus sinceros agradecimentos a todos.

"Contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas. Essa observação ganha toda a sua força quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores. Toda a história do sofrimento clama por vingança e pede narração."

Paul Ricoeur

RESUMO

As experiências de Rádio Escolar alteraram-se significativamente após a inserção dos dispositivos móveis nos contextos escolares. Nesse sentido, a presente dissertação contemplou atividades de Clubes de Rádio de duas escolas municipais de tempo integral em Fortaleza, com o objetivo de investigar, da gestão à escuta, como essas experiências são desenvolvidas, identificando se, e de que maneira, os princípios dialógicos, basilares para o exercício coletivo, têm sido promovidos. A partir daí, especificamente, verificar como são planejadas tais atividades, como se dão as relações dentro dos Clubes, como se caracterizam as escutas após a convergência rádio/dispositivos móveis e, por fim, como os ouvintes leem os Clubes e acolhem suas respectivas programações. As três categorias estruturais do trabalho foram: coletividade, convergência e protagonismo, discutidas principalmente a partir de Freire (1977), Jenkins (2009) e Souza (2006), nesta ordem. Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se mediante observação participante (Angrosino, 2009). A apreciação dos dados apontou para uma concepção de interpretação narrativa dessas experiências, inspirada na atividade mimética proposta por Ricoeur (2010), delineada em três dimensões: *mimesis* I (pré-figuração), II (configuração) e III (reconfiguração), compreendendo, assim, o contexto cultural sonoro que ancora as experiências dos Clubes de Rádio, as experiências ‘narrativizadas’ e a recepção (construção de sentidos), respectivamente. Tal análise propôs um acolhimento das subjetividades imbricadas em todo o processo experienciado pelos estudantes envolvidos. A construção da pesquisa permitiu concluir que a dimensão coletiva, por vezes, encontra-se comprometida, assim como os traços de protagonismo que se esboçam, mas não se efetivam. Quanto à incorporação dos dispositivos móveis ao cotidiano dos estudantes, ampliaram-se as possibilidades de consumo sonoro, hibridizando os usos dos meios. Mesmo com a conveniência da portabilidade e da escolha protagonista de optar pela *playlist* pessoal, a rádio mantém sua importância enquanto dispositivo midiático escolar. As narrativas demonstraram que os ouvintes das rádios escolares não se sentem valorizados, respeitados e atendidos em seus pedidos musicais, não se identificam com as programações e, ainda, questionam a participação de integrantes que não se adequam às demandas de um Clube de Rádio. No entanto, apesar dos problemas identificados, as experiências de Rádio Escolar podem ser potencializadas, se compreendidas em suas inúmeras possibilidades e assistidas em suas necessidades técnicas, e, principalmente, formativas.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Rádio. Dispositivos Móveis. Clubes de Rádio Escolar.

ABSTRACT

The experiences of School Radio changed significantly after insertion of the mobile devices in the school contexts. In this sense, the present dissertation contemplates the activities of Radio Clubs of two full-time municipal schools in Fortaleza, in order to investigate, from management to listening, how these experiences are developed, identifying if and in what way the dialogical principles, basic to the collective exercise, have been promoted. From there, specifically, to verify how these activities are planned, how the relations within the Clubs are given, how the listening after the radio / mobile convergence is characterized and, finally, how the listeners read the Clubs and accept their respective schedules. The three structural categories of this work were: collectivity, convergence and protagonism, discussed mainly by Freire (1977), Jenkins (2009) and Souza (2006), in this order. The research was developed methodologically through participant observation (Angrosino, 2009). The appreciation of the data pointed to a conception of narrative interpretation of these experiences, inspired by the mimetic activity proposed by Ricoeur (2010), outlined in three dimensions: mimesis I (pre-figuration), II (configuration) and III (reconfiguration) comprising, thus, the sound cultural context that anchors the experiences of the Radio Clubs, the experiences 'narrativized' and the reception (construction of senses), respectively. This analysis proposed a reception of the subjectivities imbricated in all the process experienced by the students involved. The construction of the research allowed to conclude that the collective dimension is sometimes compromised, as well as the traits of protagonism that are outlined, but are not effective. As the incorporation of mobile devices to the daily lives of students, have widened the possibilities of sound consumption, hybridizing the uses of media. Even with the convenience of portability and the choice of choosing the personal playlist, radio maintains its importance as a school media device. The narratives have shown that the listeners of the school radios do not feel valued, respected and attended to in their musical requests, they do not identify with the schedules and, also, they question the participation of members who do not fit the demands of a Radio Club. However, despite the problems identified, the experiences of School Radio can be enhanced, if understood in their innumerable possibilities and assisted in their technical, and mainly, formative needs.

Keywords: Communication. Education. Radio. Mobile devices. School Radio Clubs.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Amplitude modulada
CAMEAM	Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COMÍDIA	Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ETI	Escolas de Tempo Integral
FM	Frequência modulada
GEOTEC	Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade
GESTEC	Mestrado Profissional Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação
GT	Grupo de Trabalho
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IFRJ	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
MC's	Mestre de Cerimônias
MCP	Manual dos Clubes de Protagonismo
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação
OIJ	Organização Ibero-americana de Juventude
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PPG	Programa de Pós-graduação
PPGCOM	Programa de Pós-graduação em Comunicação
PPGED	Programa de Pós-graduação em Educação
PPGESA	Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos
PNME	Programa Novo Mais Educação
PRADJAL	Programa Regional de Ações para o Desenvolvimento da Juventude na América Latina
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
SAR	Serviço de Assistência Rural
SER	Secretarias Executivas Regionais
SIRENA	Sistema de Rádio Educativo Nacional
SIREPA	Sistema de Rádio Educativo do Estado da Paraíba
SME	Secretaria Municipal de Educação
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
TIMS	Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e Sem fio
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UERR	Universidade Estadual de Roraima
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

UFU	Federal de Uberlândia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNIUBE	Universidade de Uberaba
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	TESSITURAS POLIFÔNICAS DA PESQUISA EM RÁDIO ESCOLAR	
2.1	Considerações iniciais sobre os Clubes de Rádio	21
2.2	Projetos de Rádio no Âmbito Educativo	24
2.3	A pesquisa em Rádio Escolar	27
2.3.1	Rádio Escolar e Cidadania	31
2.3.2	Rádio Escolar e Participação	34
2.3.3	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	37
2.3.4	Rádio Escolar e Tecnologia	43
2.4	Tensionando o estado da arte com o objeto de pesquisa	46
3.	CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS DA SOCIEDADE EDUCATIVA MIDIATIZADA	
3.1	A Mdiatização e as múltiplas Aprendizagens	50
3.2	Comunicação-Educação – Abordagens para a interface	53
3.3	A convergência para além dos dispositivos	58
3.3.1	Dispositivos e mídia sonora	62
3.4	A dimensão coletiva na concepção dos Clubes de Rádio	66
3.5	O Protagonismo Juvenil e seus Discursos	69
4.	PERCURSOS METODOLÓGICOS	73

5.	O ARCO MIMÉTICO DAS EXPERIÊNCIAS DE CLUBES DE RÁDIO	
5.1	<i>MÍMESIS</i> I: O que a cultura sonora dos estudantes tem a dizer sobre suas experiências com Rádio Escolar	83
5.2	<i>MÍMESIS</i> II: Configurando as experiências dos Clubes de Rádio	98
5.2.1	Como se configuram os Clubes Kennedy e Bonsucesso	99
5.2.1.1	Estrutura	99
5.2.1.2	Funcionamento	100
5.2.1.3	Quadros de Gestão	101
5.2.1.4	Programação	101
5.2.1.5	Organização e Planejamento	102
5.2.2	O “nós” e os “nós” da construção coletiva dos Clubes de Rádio	103
5.2.3	A Rádio Escolar em tempos de Convergência	114
5.2.4	O Protagonismo nos Clubes de Rádio	120
5.3	<i>MÍMESIS</i> III: Com a palavra os ouvintes: deslocamentos da recepção dos Clubes de Rádio	127
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
	REFERÊNCIAS	152
	Apêndice	159
	Anexos	160

1. INTRODUÇÃO

Pré-figuração da pesquisa

Meu sonho de criança era ser escritora. Escrever foi uma das atividades mais prazerosas de minha infância. Recordo-me com muito carinho de um livro que escrevi na quarta série do Fundamental como atividade referente à disciplina de Língua Portuguesa. O livro foi sendo construído semana a semana. Todas as sextas-feiras escrevíamos e ilustrávamos o texto que iria ser publicado numa espécie de narrativa coletiva de nossas infâncias e que só se completaria no final do ano letivo. Com o mesmo carinho, recordo-me também da alegria de conquistar o terceiro lugar num concurso de Redação, também no Fundamental I. Minhas melhores memórias da escola estão sempre ligadas a atividades que me colocaram num lugar de liberdade para transpor para o papel aquilo que eu era, queria ou imaginava ser. Considerava bonito e prazeroso escrever e assim fui me construindo até chegar à Faculdade de Jornalismo. Hoje, talvez, essa não fosse minha primeira opção de curso, mas foi dessa forma que, mais uma vez, pude trabalhar com as palavras, os textos, as narrativas.

Após a graduação, ao voltar para minha cidade natal, no interior da Bahia, descobri que o mercado de trabalho era insustentável tanto em termos financeiros quanto éticos. Surgiu então a oportunidade de fazer uma prova para portadores de diploma no curso de Licenciatura em História, na Universidade do Estado da Bahia, sendo bem sucedida. Ainda no primeiro semestre comecei a estagiar numa escola estadual e, logo no período seguinte, por meio de um concurso temporário, cujas vagas poderiam ser preenchidas também por bacharéis, fui “efetivada”. A partir daí minha relação com a sala de aula e a vivência escolar se estreitaram. Num primeiro momento, fiquei assustadíssima! As turmas tinham mais de 30 alunos e minha didática era a minha intuição. Por incontáveis vezes senti medo de não ser relevante naquele espaço e de não trazer para aqueles estudantes, experiências que lhes fizessem algum sentido. Diferente dos outros professores, seguros e experientes, eu estava começando em uma área de conhecimento da qual era apenas estudante. Assim, na tentativa de criar meu próprio caminho naquele lugar onde trabalharia pelos próximos quatro anos, resolvi trazer a minha verdade, as experiências apreendidas na graduação de Jornalismo.

Dessa experiência, minha primeira percepção foi de que a Comunicação contribuiria e muito para a excelência de um trabalho que traria significado para mim e para os estudantes. Aprendi, na prática, que o educador é sempre um educando e que o educando é também um educador (FREIRE, 1977). As trocas eram simultâneas e, à medida que eles se envolviam e se desenvolviam, eu seguia o mesmo curso. É óbvio que as condições de trabalho numa escola

pública são por vezes limitadas; desenvolver atividades sem um laboratório ativo de informática, com uma carga horária apertada e extremamente exaustiva não é fácil; no entanto, todas as vezes que os estudantes foram estimulados a produzir algo, os resultados mostraram-se sempre surpreendentes.

Ao longo desses quatro anos, algumas práticas educacionais foram se delineando nas aulas de Sociologia, Arte e Produção de Texto. Não porque eu conhecesse as teorias que teciam essa interface – acabei conhecendo-as bem depois –, mas porque a crítica social e as funções do texto se constituem matérias fundamentais no campo da Educação e da Comunicação. Frequentemente, nossas aulas foram dedicadas à crítica da mídia, trazendo à discussão as telenovelas, noticiários e propagandas. Dentre as propostas educacionais experimentadas nesse período tivemos a produção de vídeos-documentário, vídeos de animação (adaptação de narrativas clássicas como *Dom Quixote*, a partir das leituras e ilustrações produzidas nas aulas de Arte), construção de um *blog* com notícias, reportagens e entrevistas relacionadas ao contexto escolar, exposição fotográfica, análise de comerciais publicitários e produção de *fanzines*.

Hoje, percebo que esse diálogo e essa prática não são apenas possíveis, mas necessários. Quando os estudantes são estimulados a pensar sobre os meios de comunicação e sua influência nos mais diversos aspectos, eles são também provocados a consumi-los de outra forma. Quando são direcionados a traduzir o conhecimento através de uma produção artística ou midiática, eles são impulsionados por ações de criatividade, colaboração, participação, socialização; quanto ao conteúdo da peça, estarão, de alguma forma, depositadas ali as suas digitais, suas formas de compreensão do mundo e do tema, seu domínio sobre aquele recurso ou técnica e, por fim, no compartilhamento ou exposição, o resultado de todo um ecossistema comunicativo. (SOARES, 2001)

Compreendo ainda que se as teorias relacionadas à interface Comunicação-Educação me tivessem chegado àquela época, talvez minha segurança para investir amplamente nesses exercícios pudesse ter sido maximizada. No entanto, sinto-me satisfeita ao lembrar que, apesar da minha inexperiência com a sala de aula, das dificuldades internas e externas à realidade escolar, presenciei, em muitas ocasiões, esse ecossistema comunicativo funcionar e acredito que da mesma forma que minhas memórias escolares persistem por conta das atividades que fizeram para mim sentido, certamente essas atividades farão sentido na vida de muitos dos meus educandos que as vivenciaram entre 2010 e 2014. Sentido e significado, como bem propõe a filosofia freireana.

Não cheguei a concluir a licenciatura em História, mas voltei à UNEB ainda em 2014

para iniciar uma especialização em Estudos Culturais, na tentativa de encontrar leituras que ampliassem meu conhecimento sobre práticas comunicativas em ambientes horizontalizados, fora dos conglomerados de mídia, e então encontrei a Educomunicação. Nessa abordagem pude refletir sobre a minha experiência como educadora, mas também perceber a relevância que há no diálogo entre as duas áreas, Educação e Comunicação, e concluir que elas não apenas se interdependem, mas se potencializam.

No ano seguinte, de mudança para o Ceará e já com a perspectiva de ingressar no Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), descobri que a pesquisa em práticas educacionais atendia às demandas de uma das linhas do programa. Era, então, a oportunidade não apenas de compreender com mais profundidade a teoria concernente à interface apresentada pelas duas áreas, mas experimentar novamente o universo escolar, só que dessa vez como pesquisadora.

A pesquisa

Passou-se já meio século desde que McLuhan (1964) registrou sua percepção acerca do rádio. Afastando-se do reducionismo instrumental do meio, o autor buscou avaliá-lo a partir de suas potencialidades no sentido de promover experiências, ao mesmo tempo, particulares e coletivas. Essa potência dual do rádio é o que interessa aqui, sobretudo, porque em suas múltiplas finalidades (educativas, interativas, políticas, comerciais, dentre outras), mesmo agregando seus ouvintes a uma única câmara, as percepções se dão de forma descentralizada, com acolhimentos individualizados.

Em seus propósitos educativos o rádio se expandiu com proeminência, conferindo aos modelos educacionais tradicionais do século passado uma nova e importante dinâmica nos processos de aprendizagem. As configurações socioculturais alteraram-se estruturalmente com os avanços tecnológicos e, nesse contexto, os ambientes escolares agora comportam e convivem não apenas com o rádio, a televisão ou o computador nas salas de informática, mas com uma gama de dispositivos móveis portados por estudantes e professores.

Nesse sentido, podemos afirmar que a Rádio Escolar, objeto aqui investigado, assinala questões relevantes de investigação por convergir experiências comunicativas e educativas num contexto macro de mediação e micro de inserção em escolas públicas periféricas. Porém, antes de adentrar nos pontos norteadores da pesquisa, é importante destacar que o caminho traçado pretendeu não apenas averiguar as experiências de rádio escolar e apreciá-las à luz dos fundamentos teóricos, mas trazer com relevo as percepções dos principais sujeitos

envolvidos nesses processos, a saber, os estudantes, que além de produzirem e acolherem as programações radiofônicas, diversificam-se entre os variados consumos midiáticos possibilitados nos ambientes escolares.

A fim de delinear um trajeto próximo ao do desenvolvimento deste trabalho, foi utilizada a condução narrativa para apresentar o objeto, a construção dos objetivos, o levantamento das questões de pesquisa, as razões que amparam e justificam o trabalho, bem como o percurso metodológico seguido para responder as indagações que motivaram essa investigação.

Em primeira visita à Secretaria Municipal de Educação (SME), do Município de Fortaleza, descobri que as Escolas de Tempo Integral (ETI), caracterizadas pela jornada ampliada e, portanto, mais aptas à adesão de atividades extracurriculares como as educacionais, funcionavam com um projeto pedagógico chamado Clubes de Protagonismo. Nessa perspectiva, as rádios escolares haviam assumido nova identidade, “Clubes de Rádio”, e também novas características. O passo seguinte foi protocolar a solicitação para a realização da observação-participante (ver anexos A e B), procedimento comum para validar a presença do pesquisador em instituições públicas e acompanhar as escolas com a finalidade de compreender a dinâmica dos Clubes de Rádio e, assim, selecioná-los para o início da investigação.

A escolha pelos dois clubes – em escolas dos bairros Bonsucesso e Presidente Kennedy – para análise se deu de forma bastante peculiar, por três razões: primeiro, porque a equipe técnica de educação em tempo integral da SME (Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza), por estar envolvida numa série de atividades destinadas à inauguração de outras escolas, não pôde fornecer, de imediato, os nomes e endereços das escolas que possuíam Clubes de Rádio funcionando em 2016; segundo, o período eleitoral dificultou-me o acesso às informações entre agosto e outubro do mesmo ano, e, inclusive, o portal eletrônico da SME apresentou campos de acesso restritos pela legislação eleitoral; e, finalmente, porque eu chegara a menos de um ano no Estado do Ceará, conhecia muito pouco da capital e residia (ainda resido) na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), um tanto distante naquele período de tantas novidades.

Na ausência de informações objetivas da SME, a alternativa foi recorrer às diversas redes sociais digitais, onde encontrei, dentre alguns projetos e atividades no *facebook*, uma escola que funcionava com o Clube de Rádio, no bairro Bonsucesso¹. Após algumas visitas à

¹ A fim de preservar os nomes das escolas dos Clubes de Rádio investigados, esses foram denominados nesta pesquisa de acordo com os nomes de seus respectivos bairros, portanto, Clube Bonsucesso e Clube Kennedy. O

escola, já familiarizada com o ambiente, com a coordenadora e alguns estudantes, fui direcionada pelo vice-presidente do Clube de Rádio da instituição para outro clube que ele havia conhecido na reunião de formação promovida pela Secretaria de Educação, ainda em 2016, e assim cheguei à escola do bairro Presidente Kennedy. Como as duas escolas apresentaram realidades bastante diferentes no que diz respeito ao funcionamento de seus Clubes de Rádio, compreendi que já teria material de análise satisfatório para o desenvolvimento da pesquisa.

Durante as primeiras visitas à escola no Bonsucesso, percebi que o funcionamento da rádio escolar estava muito aquém do esperado: nenhuma notícia ou entrevista, nenhum outro gênero radiofônico, apenas a programação musical. Sequer a rádio possuía microfone utilizável. Frustrrei-me, a princípio, e precocemente deduzi que não haveria material necessário para construir a dissertação. No entanto, a travessia foi redefinindo o meu olhar e a pesquisa para elaboração do estado da arte foi importantíssima nesse processo. Ao descobrir que as rádios escolares já haviam sido muito bem analisadas a partir da categoria de Cidadania por uma mestranda do mesmo programa (PPGCOM-UFC), segui com as visitas e fui percebendo que meu objeto já não estava só enquanto elemento comunicativo durante suas programações e que os Clubes de Rádio não eram apenas ‘rádios’ em funcionamento.

Nesse momento, busquei ter acesso ao material que rege a política formadora dos Clubes de Protagonismo e, em seguida, comecei a observar os Clubes de Rádio a partir de suas particularidades. Primeiro, os estudantes são incentivados a se preocupar com o legado do clube, preparando/estimulando os integrantes para continuar as atividades no ano letivo seguinte. Segundo, o trabalho em equipe é a mola propulsora dos clubes; por isso, a participação geralmente se dá por meio de inscrições e, em caso de grande adesão, dentro das possibilidades, são formadas equipes de revezamento (o manual que rege os clubes propõe que o número de componentes seja equivalente ao volume de trabalho). Terceiro, os Clubes de Rádio possuem um núcleo gestor com presidente, vice-presidente e outros cargos relativos a funções específicas da natureza de cada clube. A escolha dos membros se dá por consenso ou votação (geralmente, o presidente é do 9ºAno do Fundamental II, por conta da idade e experiência). E, finalmente, nos Clubes de Protagonismo não há mediação do professor ou profissional monitor, o que não impede que haja apoio e acompanhamento dos membros da comunidade escolar no desenvolvimento das atividades, além de fazerem parte da proposta

cuidado foi tomado, pois no decorrer da pesquisa, sobretudo no capítulo de análise, muitas narrativas estudantis e relatos da observação participante apontaram situações e problemas relevantes envolvendo sujeitos da gestão escolar e do corpo docente, por isso, ao nomear as escolas, as personagens narradas seriam, em certa medida, expostas.

pedagógica do currículo da educação de tempo integral em Fortaleza.

Esses aspectos, portanto, apresentaram-me uma categoria importante que acompanha todo o processo dos Clubes de Rádio, desde a gestão até a escuta: a dimensão coletiva dos processos. Tais características contribuíram fundamentalmente para o redirecionamento da abordagem, mas não somente elas. Ao acompanhar, como ouvinte, as programações radiofônicas dos clubes, identifiquei que a escuta, que pretende ser ampla coletiva (mesmo sendo também individual) estava “concorrendo” com os fones de ouvido dos *smartphones* dos estudantes. Percebi que a rádio escolar, enquanto possibilidade comunicativa, não está mais sozinha nos horários livres da escola e que as disputas sonoras estão entre a *playlist* da rádio e a dos dispositivos móveis. Descobri ainda que além de não estar só, a rádio também tem se expandido para os *sites* de redes sociais e mesmo as reuniões já têm sido agendadas via *chats* na *internet*, potencializando os espaços de diálogo e coletividade.

A partir dessa compreensão, a dimensão coletiva mostrava-se como uma relevante categoria de análise, pois perpassava todo o processo de desenvolvimento dos clubes. Deste modo, estabeleci como objetivo geral para a pesquisa: investigar, da gestão à escuta, como as experiências educacionais nos Clubes de Rádio são desenvolvidas, identificando se, e de que maneira, os princípios dialógicos, basilares para o exercício coletivo, têm sido promovidos. Na sequência, especificamente, verificar como são planejadas as atividades radiofônicas; como se dão as relações dentro dos clubes; identificar como se caracterizam as escutas nos auditórios das escolas após a convergência rádio/dispositivos móveis; e, por fim, averiguar como os ouvintes leem os Clubes de Rádio e avaliam/acolhem suas respectivas programações.

Mas o que justificaria essa pesquisa? O estudo da construção coletiva em experiências e espaços de Clubes de Rádio em escolas públicas é pertinente por algumas razões. Vejamos: a escola contemporânea tem sido cobrada a trazer para o seu universo as tecnologias comunicacionais com o objetivo de agregá-las como importantes possibilidades didáticas e pedagógicas. Dessa forma, a adesão crescente desses meios pelas escolas, e, sobretudo, os seus usos e resultados são de extrema relevância para a pesquisa no campo da Comunicação, pois aponta para discussões referentes à descentralização e democratização dos meios, convergência midiática, educação para as mídias, dentre outros fatores.

Nesse mesmo contexto, no trabalho com práticas educacionais, em especial com o rádio, os estudantes são levados a conhecer as potencialidades da linguagem radiofônica e, assim, compartilhar experiências múltiplas de aprendizado. Esse caminho dialógico entre a Comunicação e a Educação é, portanto, transdisciplinar e necessário. “Talvez o ângulo de

interação mais relevante entre os dois campos seja esse espaço de transdisciplinaridade, no qual os processos, conceitos e reflexões de um campo sejam postos, todos, a serviço do desenvolvimento do outro campo, através de um trabalho comum”. (BRAGA & CALAZANS, 2001, p. 70). Nesse sentido, o desenvolvimento de experiências que aliem Comunicação e Educação precisa ganhar ainda mais espaço, solidez, e, para tal, é necessário que as discussões em torno do tema se ampliem, assim como as políticas públicas de incentivo.

O percurso da análise aqui proposto é ainda relevante e imperativo ao destacar a potência das experiências coletivas e dialogadas a partir da apropriação dos meios de comunicação pela juventude, sobretudo, num contexto de convergência midiática que acentua as possibilidades de compartilhamento. Verificar como essas experiências têm se estabelecido na realidade das escolas públicas periféricas e como os jovens têm feito e compreendido esses usos é uma finalidade fundamental desse estudo. Martín-Barbero (2014, p. 33) diz que “Dialogar é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam. É lançar as bases para uma posse coletiva, comunitária, do mundo”. Essa afirmação é, sem dúvida, norte para as discussões centrais da pesquisa aqui desenvolvida, visto que a comunicação será o elo que ligará os pontos mais conflituosos do tecido formado pelas abordagens da construção das experiências coletivas dentro da comunidade escolar, a partir dos Clubes de Rádio. Sendo estes, portanto, gestados em comunidades escolares, espaços tais que implicam estímulo à coparticipação, trocas, convivências, o nosso interesse é investigar se esse processo tem – e de que forma – se estabelecido fecundamente em coletividade.

Problematizando a questão, três perguntas fundamentam a pesquisa: 1) Os Clubes de Rádio, em suas relações internas e externas, têm promovido princípios de coletividade ou essas experiências de gestão e recepção têm sido atravessadas pelo não diálogo? 2) Tendo em vista que os Clubes de Rádio fazem parte de uma proposta maior que é desenvolver o perfil do estudante protagonista e autônomo, que aspectos de protagonismo se esboçam e/ou se concretizam nas experiências desses mesmos Clubes de Rádio? 3) Quais aspectos da cultura da convergência podem ser identificados nos Clubes de Rádio e como têm alterado as experiências que envolvem as atividades radiofônicas (gestão, produção e recepção)?

Para responder a essas questões e atingir os objetivos propostos utilizou-se o método da observação participante, estratégia que facilita o procedimento de coleta no campo de estudo, constituindo, então, a junção do papel do pesquisador (participante, de algum modo) com a técnica real de coleta de dados (observação). (ANGROSINO, 2009) Dentre as fontes de coletas de dados utilizadas destacam-se: incursões para a observação participante (visitas às

escolas), notas de campo, rodas de conversa (informais e gravadas) com os integrantes dos clubes e ouvintes, aplicação de questionários e pesquisa bibliográfica. A descrição de aspectos significativos dessa inserção em campo e a exposição mais aprofundada, tanto do método quanto dos mecanismos para a obtenção dos dados, demandaram a construção de um capítulo específico (ver capítulo 3).

Na busca por cumprir os objetivos da pesquisa de forma a privilegiar a compreensão do potencial da coletividade nas experiências educomunicativas, procurei construir discursivamente essa pesquisa a partir, principalmente, das narrativas estudantis. Interessou-me ouvir o que eles tinham a dizer sobre suas próprias experiências e como as avaliavam, para identificar suas referências culturais e consumos midiáticos refletidos nessas atividades. Nesse sentido, para além do observado durante as visitas, foi necessário abrir caminhos de diálogos para que os clubes e suas programações fossem relevantemente analisados mediante as narrativas compartilhadas por eles nas rodas de conversas.

A fim de ampliar a apreciação dos dados para uma discussão que agregasse as referências contextuais/culturais dos estudantes, experiência e recepção das atividades radiofônicas, a inspiração metodológica analítica se apoiou no arquétipo apresentado por Ricoeur (2010), onde o autor sistematiza um modelo de análise delineado em três dimensões: *mimesis* I (pré-figuração), *mimesis* II (configuração) e *mimesis* III (reconfiguração). Essas etapas compreendem os elementos referenciais e socioculturais onde se estabelecem as experiências (o mundo contextual, prefigurado), as experiências “narrativizadas” e a recepção, respectivamente. Portanto, tal análise aponta para um acolhimento das subjetividades imbricadas em todo o processo experimentado por esses estudantes “protagonistas” nos Clubes de Rádio.

A presente pesquisa foi construída em quatro capítulos, compreendendo desde os primeiros projetos de Rádio Educativa no Brasil até a análise dos Clubes de Rádio Escolar em escolas públicas de Fortaleza. No capítulo de abertura da pesquisa estão as “TESSITURAS POLIFÔNICAS DA PESQUISA EM RÁDIO ESCOLAR”, que apresentam as considerações iniciais sobre os Clubes de Rádio, situando-os, em seguida, num contexto maior de projetos radiofônicos educativos desenvolvidos no país para, então, demonstrar a relevância e proeminência de pesquisas em torno desse objeto. A apresentação do ‘estado da arte’ sistematiza-se a partir de quatro eixos temáticos: Cidadania, Participação, Tecnologia e Currículo e Ensino, que, por conseguinte, é tensionado com o objeto aqui pesquisado.

O segundo capítulo “CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS DA SOCIEDADE EDUCATIVA MEDIATIZADA” aporta o referencial teórico desenvolvido a partir das

categorias identificadas nos espaços escolares e que mediam as experiências estudantis de Clubes de Rádios. São elas: midiaticização (BRAGA, 2001; FAXINA & GOMES, 2016); abordagens para a interface Comunicação-Educação (FREIRE, 1977; SOARES, 2001; KAPLÚN, 2001); convergência (JENKINS, 2009); mídia sonora (HAYE, 2005; KAPLÚN, 2008); dispositivos (KLEIN, 2007), coletividade (MARTÍN-BARBERO, 2014; FREIRE, 1977) e protagonismo (DE SOUZA, 2006; BARBALHO, 2014).

No terceiro capítulo tem-se a exposição dos “PERCURSOS METODOLÓGICOS” já mencionados anteriormente, e o quarto e último capítulo foi destinado à análise dos dados e narrativas. Intitulado como “O ARCO MIMÉTICO DAS EXPERIÊNCIAS DE CLUBES DE RÁDIO”, este capítulo traz a sistematização analítica das três *mímesis* propostas por Ricoeur (2010), a saber: em *Mímesis I* estão as referencialidades de consumo de cultura sonora dos estudantes – “O que a cultura sonora dos estudantes tem a dizer sobre suas experiências com rádio escolar”; *Mímesis II* – “Configurando as experiências dos Clubes de Rádio” narra as experiências de gestão e atuação dos clubes nos ambientes escolares verificados; e *Mímesis III* encerra com a análise das narrativas de recepção e ressignificação dos clubes e suas programações pela comunidade discente das escolas, intitulada “Com a palavra, os ouvintes: deslocamentos da recepção dos Clubes de Rádio”.

2. TESSITURAS POLIFÔNICAS DA PESQUISA EM RÁDIO ESCOLAR

A pesquisa em rádio escolar é vasta, as experiências são variadas e estão por todo o Brasil. Os elementos conceituais e as abordagens exploradas são também diversas e entrecortadas pelas inúmeras possibilidades propostas pela interface Comunicação-Educação; por isso, a metáfora tessituras polifônicas, porque há uma multiplicidade de “sons” que envolvem o estado da arte em rádio escolar, que aguça nossas percepções e compreensões acerca desse objeto. Esses sons ecoam cidadania, participação, criticidade, protagonismo, ensino, didática, aprendizagem, tecnologia, convergência midiática, currículo, produção de sentido, subjetividade, micropolítica, dentre outros aspectos. Diversas áreas pesquisam o objeto, sobretudo, a Educação; portanto, explorar esse universo de pesquisas é desafiador uma vez que os trabalhos se apresentam de forma volumosa. Por esse motivo, restringimos o período elencado para a escrita do estado da arte ao quadriênio 2013 – 2016.

Se as pesquisas são volumosas, os projetos brasileiros de rádio escolar no último século também o são. Inicialmente, o objetivo deste capítulo é apresentar o objeto de pesquisa, demonstrar o contexto histórico do qual ele é resultante, identificar através do estado da arte quais são as últimas pesquisas, abordagens e conclusões acerca das atividades radiofônicas em contextos escolares e, por fim, ao tensioná-lo com o objeto de pesquisa, extrair as categorias de análise para referência teórica no capítulo posterior.

2.1 Considerações iniciais sobre os Clubes de Rádio

Os Clubes de Rádio fazem parte de um modelo de política pedagógica implantado em 2014 na Rede Municipal de Fortaleza, com a entrega das seis primeiras escolas públicas de tempo integral, as chamadas ETIs². Hoje, a capital cearense conta com vinte e duas unidades, dezoito delas voltadas para a demanda do 6º ao 9º Ano; duas do Infantil 4 ao 5º Ano e outras duas para atender alunos do 1º ao 5º Ano. De acordo com informações cedidas pela SME³, os Clubes de Protagonismo foram implementados desde a criação das ETIs, estando presente nas dezoito Escolas de Tempo Integral de Ensino Fundamental II. De acordo com o Manual Clubes de Protagonismo, estes são:

² Fonte: <http://educacao.fortaleza.ce.gov.br/index.php/educacao-integral>

³ As informações foram concedidas mediante pedido protocolado junto ao Sistema eletrônico do serviço de informação ao cidadão (<http://www.acessoainformacao.fortaleza.ce.gov.br>). Tanto as perguntas feitas pela pesquisadora, quanto o relatório de respostas encontram-se integralmente nos anexos C, D e E.

[...] um espaço destinado ao estudante, no qual, através da sua experiência, ele poderá desenvolver diversas competências e habilidades fundamentais à criação do seu Projeto de Vida, como por exemplo, a autonomia, a capacidade de trabalhar em equipe e de tomar decisões, a auto-organização e muitas outras. (...) Possibilita a integração dos estudantes, bem como a oportunidade de aprender elementos indispensáveis para se tornar um protagonista. O Clube é organizado a partir de uma determinada área de interesse e, a partir disso, os membros desenvolvem atividades que proporcionam trocas de informações, de experiências e aprendizados importantes relacionados ou não à vida escolar”. (Manual Clubes de Protagonismo, 2015, p. 4)

Dentre os mais variados clubes formados no espaço escolar (vôlei, dança, teatro, capoeira e outros.) estão os Clubes de Rádio. Nestes, os estudantes que mais se identificam com o ambiente, com a proposta comunicativa e com a linguagem radiofônica participam tornando-se responsáveis pela programação e atuação do clube ao longo do ano letivo. É também responsabilidade dos integrantes estimular nos estudantes novos – que chegam anualmente – a necessidade e importância da permanência do clube. Dessa forma, o Clube de Rádio é composto por estudantes do 6º ao 9º Ano da Educação Básica e funciona, principalmente, no horário do almoço, das 11h30 às 13h.

A organização dos Clubes de Protagonismo bem como suas atividades devem ser realizadas pelos estudantes e variam de clube para clube. Nos Clubes de Rádio, por exemplo, eles são designados a montar as equipes de trabalho e revezamento de forma que todos os membros possam participar. A veiculação da programação, bem como as reuniões de planejamento são decisões internas do grupo. Outra característica da estrutura organizacional dos clubes é que eles funcionam com presidente e vice-presidente, além de poderem eleger outros cargos ou funções, caso considerem necessário.

Os Clubes de Protagonismo funcionam nos tempos livres (intervalos e horário de almoço) e os estudantes podem, inclusive, participar de mais de um clube. Por serem dinâmicos e flexíveis, funcionam de acordo com a organização que seus integrantes estabelecem. Pode acontecer de um estudante participar do Clube de Rádio e de Dança, por exemplo, desde que um funcione três vezes por semana e o outro duas.

Os Clubes de Rádio⁴ são bastante interessantes do ponto de vista desta pesquisa, porque, embora se assemelhem bastante à proposta de rádio escolar (como as expostas a seguir no estado da arte) possuem diferenças significativas (prenunciadas na introdução), que serão aqui retomadas. Diferente das Radioescolas, há nos Clubes de Rádio uma preocupação

⁴ É válido recorrer à história do rádio e mencionar que, em seus primórdios, o meio integrou associações denominadas de Clubes de Rádio, que funcionavam como emissoras sob regime de sociedade. Os associados investiam financeiramente na manutenção dos Clubes, cujas programações eram “ao vivo”, descontínuas e dispersas ao longo da semana. FERRARETTO (2007) O caráter experimental e amador das Rádios Clubes nos remete aos Clubes de Rádio aqui estudados.

de que o seu legado se mantenha ativo no ano letivo seguinte. Por essa razão, a equipe é presidida por integrantes do 8º e 9º anos, mas composta também por estudantes do 6º e 7º anos, a fim de que esses ao compreenderem a dinâmica possam dar seguimento às atividades quando os mais experientes deixarem a escola para ingressarem no Ensino Médio.

As inscrições para participar dos Clubes de Protagonismo acontecem no “dia D dos Clubes”, dia em que os estudantes têm a oportunidade de conhecer as propostas dos colegas e inscrever-se. Assim, se o número de inscritos for muito elevado, a ideia é que se formem equipes para que um número maior de pessoas possa participar. O Clube possui um núcleo gestor formado pelos próprios integrantes e a escolha se dá por consenso ou votação; todavia, geralmente o presidente é do 8º ou 9º ano, por conta da idade e experiência. Nos Clubes não há mediação do professor, de ONGs ou de profissional monitor; a intenção é que os estudantes protagonizem suas experiências de gestão, autonomia e compartilhamento. Entretanto, para motivá-los nesse processo, o currículo da escola oferece uma disciplina obrigatória chamada Protagonismo⁵. Apesar de não haver mediação, o núcleo gestor, os docentes e, principalmente, o professor responsável pela disciplina de Protagonismo apoiam os clubes, auxiliando-os quando necessário.

É importante registrar que não há atividade fixa de formação para os integrantes dos clubes. No início da pesquisa, em 2016, os presidentes dos Clubes de Rádio participaram de um encontro de formação promovido pela Secretaria Municipal de Educação. Esse evento, de acordo com o presidente de um dos clubes acompanhados, aconteceu com o propósito de impulsioná-los e direcioná-los aos objetivos centrais da proposta pedagógica. No entanto, no ano seguinte não constatei a ocorrência desse encontro, mas de um outro denominado “Papo de Futuro”, direcionado aos integrantes do Grêmio, a fim de compartilhar ideias e estratégias voltadas ao protagonismo juvenil e melhorias para o ambiente escolar.

Com o intuito de obter informações mais precisas acerca de iniciativas de formação para os integrantes dos clubes, e tendo em vista a dificuldade de contato com a coordenadora da equipe da Educação de Tempo Integral, o questionamento foi realizado mediante o e-Sic (Sistema eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão). No entanto, no relatório de resposta enviado pela SME esta pergunta não é respondida objetivamente; o que fica entendido é que “os professores que atuam nesses clubes possuem formação para auxiliar na condução dos trabalhos”. As realidades, portanto, já mencionadas e verificadas em 2016 e 2017, apontam para a inoperância de atividades formativas específicas. Outro dado

⁵ Em diálogo com a professora de Protagonismo de uma das escolas, ela afirmou não haver conteúdos fixos para a disciplina e que a sua percepção acerca das demandas juvenis é o que direciona o seu trabalho em sala de aula.

desencontrado refere-se à quantidade de escolas que possuem Clubes de Rádio. Segundo o referido relatório, “todas possuem Clubes de Rádio Escolar”, no entanto, no início da presente investigação, cheguei a visitar uma terceira Escola de Tempo Integral que, apesar de possuir o equipamento radiofônico, sua rádio escolar encontrava-se desativada.

2.2 Projetos de Rádio no âmbito educativo

A educação escolarizada, fundamentada na concepção humanística tradicional conhecida como Pedagogia Tradicional ou Escola Tradicional, originada no século XVIII, com vistas a atender os interesses da classe burguesa esteve presente no sistema educacional brasileiro até a década de 1930. A partir desse momento, sob a influência de projetos internacionais que já se esboçavam na década anterior, nascia no Brasil, mais especificamente em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação. O Escolanovismo ou Escola Nova, movimento que se opunha à Escola Tradicional, defendia uma concepção de educação cujos métodos incentivavam uma participação maior do estudante no processo de aprendizagem. Sendo assim, essa nova forma de pensar a Educação facilitou a regulamentação do rádio como possibilidade de novas experiências com finalidades educativas (ASSUMPCÃO, 2008).

O cenário brasileiro estava propício a mudanças, as perspectivas de modernidade fomentadas pelo processo de industrialização e crescimento da urbanização se ampliavam; por essa razão, a necessidade de fazer o país crescer dependia também de transformações no âmbito educacional. A década de 1920 foi marcada por grande entusiasmo e traduzida por reformas educacionais em várias partes do país: São Paulo, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal. (PATRÍCIO, 2012)

A primeira rádio escolar de que se tem registro no Brasil nasceu como projeto em 1927. A proposta estruturada por Fernando de Azevedo conferia à rádio um caráter excessivamente institucional, com finalidades de gestão e produção muito mais voltadas para a política do Distrito Federal do que para as escolas públicas, onde seriam instalados os transmissores. Apesar de seus esforços no sentido de unir o rádio à Educação, somente em 1934 foi inaugurada a Radioescola Municipal do Distrito Federal do Rio de Janeiro, sob responsabilidade de Roquette Pinto. (*idem*, 2012)

Lançada em 6 de janeiro de 1934, a Radioescola tinha como meta a transmissão de conhecimentos sistematizados para as escolas e o público em geral. Os estudantes matriculados recebiam as apostilas das aulas radiofônicas pelo correio, acompanhavam as aulas transmitidas e depois enviavam as resoluções das questões para a estação via correio

novamente. As dúvidas ou outras informações acerca dos exercícios podiam ser feitas por telefone, carta ou visita aos estúdios da Rádio. “A disseminação de palestras, conferências educativas, educação sexual, programas sobre a educação formal e instrução eram os ‘carros-chefes’ do rádio, considerados pelos adeptos do Escolanovismo de importância capital no sentido de ‘instruir’ o contingente de analfabetos que havia no Brasil”. (ASSUMPTÃO, 2008, p. 33)

É certo que os resultados dessa primeira experiência, aliados às características do rádio como produto de baixo custo na produção e transmissão, com facilidade em propagar pelas ondas sonoras conteúdos instrucionais para os mais diversos lugares e populações, fizeram com que os projetos educativos utilizando o rádio se multiplicassem pelo país. Como exemplo, temos as escolas radiofônicas brasileiras, que se expandiram a partir de 1941 com a criação da Universidade do Ar, apoiada pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, cujo objetivo foi aperfeiçoar a prática e o conhecimento dos professores (orientação metodológica para função docente) e a formação dos alunos. Seis anos mais tarde, surge a Universidade do Ar de São Paulo, direcionada aos pequenos comerciantes transmitindo aulas que compreendiam desde o Português a Técnicas de Vendas. Outros tantos projetos envolvendo a transmissão radiofônica com fins educativos foram realizados no Brasil, dentre eles: o Serviço de Assistência Rural (SAR – 1958), o Sistema de Rádio Educativo Nacional (SIRENA – década de 50), o Sistema de Rádio Educativo do Estado da Paraíba (SIREPA), o Movimento de Educação de Base (MEB), criado pela Igreja Católica e o Projeto Minerva (década de 70). (*idem*, 2008)

Entre 2001 e 2004, o Projeto Educom.rádio (Educomunicação pelas ondas do rádio) levou para 455 escolas do Ensino Fundamental do Município de São Paulo um programa de formação que atingiu cerca de dez mil membros das comunidades educativas, entre eles, professores, estudantes e auxiliares. Ao final do programa, as atividades alcançaram tamanha relevância nos contextos escolares que, no segundo semestre de 2004, a Secretaria de Educação paulista decidiu integrar o Educom.rádio no currículo escolar. Em dezembro do mesmo ano, a Câmara Municipal de São Paulo ampliou tais ações para outros espaços de serviços à população, por meio da Lei nº 13.941, denominada de Lei Educom. (SOARES, 2010)

Em 2007, o Programa “Mais Educação” (Portaria Interministerial nº 17/2007), criado como parte do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) pelo Ministério da Educação (MEC) surge “como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral” (BRASIL, 2007, p.

7). As escolas beneficiadas pelo programa seriam contempladas com atividades definidas por macrocampos, como: Acompanhamento Pedagógico, Meio Ambiente, Esporte e Lazer, Direitos Humanos em Educação, Cultura e Artes, Cultura Digital, Promoção da Saúde, Educomunicação, Investigação no Campo das Ciências da Natureza e Educação Econômica.

No sentido de ampliar o acesso ao uso de mídias nos projetos educativos, a Educomunicação foi a proposta contemplada no macrocampo “COMUNICAÇÃO E USO DE MÍDIAS E CULTURA DIGITAL E TECNOLÓGICA⁶”. As escolas inseridas nesse programa poderiam optar por atividades como: fotografia, histórias em quadrinhos, jornal escolar, rádio escolar e vídeo. De acordo com o Manual Operacional de Educação Integral, esse macrocampo

oferece às escolas a possibilidade de criarem e fortalecerem ecossistemas comunicativos, estimulando práticas de socialização e convivência no espaço escolar. Trata-se de um novo olhar sobre a relação dos campos Educação e Comunicação que, quando articulados para fins pedagógicos, são capazes de constituir redes virtuosas de comunicação e comunicadores firmadas em práticas colaborativas e democráticas. (BRASIL, 2014, p. 12)

Dessa forma, o rádio aparece mais uma vez configurando os espaços educativos, com a finalidade de ampliar processos de aprendizado. No entanto, é importante apontar a reformulação do Programa “Mais Educação” para o “Programa Novo Mais Educação”, instituído pela Portaria MEC nº 1.144, de 10 de outubro de 2016. De acordo com o material do PNME, denominado de “Caderno de Orientações Pedagógicas – Versão I”, o programa

é uma estratégia do Governo Federal que objetiva melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, mediante a complementação da carga horária de cinco ou quinze horas semanais no turno e contraturno escolar”. (BRASIL, 2017, p. 3)

O desenvolvimento de atividades referentes às artes, cultura, esporte e lazer, que no programa anterior sistematizavam-se em macrocampos bem definidos, no PNME aparecem de forma tangencial, cuja proeminência se estabelece nas orientações voltadas ao acompanhamento pedagógico em Língua Portuguesa e Matemática.

Sem adesão aos projetos federais, muitos municípios têm, no entanto, desenvolvido suas próprias iniciativas com o objetivo de agregar experiências que aliem Comunicação e Educação, com o fim de tornar o ambiente escolar não apenas atrativo, mas, sobretudo,

⁶É importante destacar que o caderno Passo-a-Passo do Programa Mais Educação (p. 9), denominava o macrocampo “COMUNICAÇÃO, USO DE MÍDIAS E CULTURA DIGITAL E TECNOLÓGICA” de Educomunicação; todavia, como esse termo necessitava de notas de conceituação, isso dificultaria a escrita e leitura das portarias. Por esse motivo, o macrocampo foi ganhando novas nomenclaturas até chegar a de 2014.

fecundo às novas formas de aprendizado e socialização. Nessa mesma perspectiva inscreve-se o objeto desta pesquisa: os Clubes de Rádio.

2.3 A pesquisa em Rádio Escolar

A pesquisa em Rádio Escolar⁷ é abundante no Brasil e, por essa razão, torna-se necessária a construção do estado da arte para garantir a verificação de dados e perspectivas ainda não compreendidas. Esse procedimento é relevante para identificar autores com a mesma temática, conhecer o referencial teórico em que estão se apoiando e as metodologias utilizadas. De acordo com Barichello (2016), a pesquisa preliminar e o estado da arte são suportes para a construção de um trabalho autoral. Destaca ainda a autora as facilidades que a internet proporcionou na busca e catalogação de trabalhos referentes a grupos específicos de pesquisa, além de indicar importantes fontes de consulta no campo da comunicação:

Para fazer o Estado da Arte, antes da popularização da internet, era preciso, muitas vezes, viajar à procura de bibliotecas, com bibliografia adequada ao trabalho a ser desenvolvido, fato bem descrito por Eco (1988). Hoje, para iniciar uma pesquisa exploratória é possível procurar no Google acadêmico os sites de programas de pós-graduação em Comunicação recomendados pela Capes, assim como da Compós, da Intercom e de grupos de pesquisa do CNPq, de quem está trabalhando com o tema, por meio de palavras-chave e nome de autores. Além disso, os sites de redes sociais como o Academia.com e o ResearchGate e o Portal de Periódicos da Capes permitem um olhar preliminar para a identificação de bibliografia internacional. (p. 134/135)

Seguindo essas orientações, o próximo tópico da pesquisa destina-se à exposição das últimas investigações referentes à rádio escolar no Brasil, destacando seus autores, instituições de pesquisa, abordagens, metodologias, aportes teóricos e resultados investigativos, a fim de perceber o que já foi abordado, identificado e o que ainda pode servir de fonte de investigação.

Para compor o estado da arte da pesquisa em rádio escolar, recorri aos anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao repositório da Universidade Federal do Ceará (UFC).

No banco de teses da UFC três pesquisas foram encontradas, duas do Programa de

⁷ As nomenclaturas para as propostas de rádio no espaço escolar são variadas: Rádio Escola, Radioescola, Rádio Educativo, Rádio Escolar, Rádio-Escola. No estado da arte, a variedade de grafias deve-se à fidelidade ao termo utilizado por cada autor, no entanto, nesta pesquisa o termo adotado foi Rádio Escolar, por ser essa a nomenclatura utilizada pela SME para as propostas desenvolvidas dentro dos Clubes.

Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) e uma do Programa de Pós-graduação em Educação, respectivamente: 1) Entre letras e músicas: Experiências juvenis em Radioescola de Fortaleza, defendida em 2011 pela autora Tarciana de Queiroz Mendes Campos. 2) Limites e potencialidades da participação estudantil em experiências de Radioescola em Fortaleza, defendida em 2013 por Luana Amorim Gomes. 3) Letramento no campo: o rádio educativo em um assentamento da reforma agrária no Ceará, defendida em 2010 por Francisca de Marilac de Souza Patrício. É interessante ressaltar que ao utilizar a nomenclatura Rádio Escolar no banco de teses da UFC aparecem outras pesquisas, porém relacionadas ao rádio educativo em outros espaços comunitários.

No portal da Capes o número de pesquisas é maior; para ‘Radioescola’ aparecem apenas quatro trabalhos, sendo um já catalogado no banco da UFC. Entretanto, ao utilizar outras buscas para a expressão (exemplos: Rádio Escolar, “Rádio Escolar”), o número de registros se expande com proeminência. Disponíveis na plataforma Sucupira há um número considerável de trabalhos, catalogados entre 2013 e 2016.

Nos grupos de trabalho (GT) da Compós não foram encontrados artigos específicos com essa temática, mesmo estendendo a busca para um recorte temporal mais amplo. No entanto, trabalhos com discussões referentes à mediatização da sociedade, à escuta tecnológica e sociabilidades marcadas pelos novos dispositivos comunicacionais foram catalogados e, inclusive, colaboraram bastante com o aporte teórico dessa pesquisa.

Nos anais da Intercom, a pesquisa exploratória foi um pouco mais exitosa, compreendendo o período referente ao último quadriênio. As palavras-chave pesquisadas foram: Radioescola, Rádio Escolar, “Rádio Escolar”, “Clubes de Rádio”, “Educomunicação e Rádio”, “Educomunicação radiofônica” e “Educom.rádio” (política pública educacional implementada em São Paulo). As pesquisas catalogadas nesses repositórios serão apresentadas e discutidas a partir de quatro eixos temáticos: Rádio Escolar e Cidadania; Rádio Escolar e Participação; Rádio Escolar e Tecnologia; Rádio Escolar, Currículo e Ensino.

Para nortear a elaboração do estado da arte e apresentá-lo de forma consistente, a inspiração metodológica parte da tentativa de responder alguns dos questionamentos propostos por Barichello (2016): “Quem está trabalhando com o meu tema? Por quê? Com que objeto empírico? Com que quadro teórico? Como construiu a problemática? Com que metodologia está trabalhando? Quais os autores que utiliza para o embasamento teórico?” (p. 136/137) Essas perguntas conseguem dar conta de uma visão panorâmica importante das pesquisas, mas considero relevante acrescentar ainda os resultados alcançados pelas investigações, antes de apresentá-los, o estado da arte será exposto em forma de tabela,

construída a partir dos respectivos autores, com ano de publicação, instituições de pesquisa, eixos temáticos, metodologias e palavras-chave.

Tabela 1 – O Estado da Arte

Autor/Ano	Programa/Instituição	Tipo de Publicação	Eixo Temático	Metodologia	Palavras-chave
CAMPOS (2011)	PPG em Comunicação /UFC	Dissertação	Rádio Escolar e Cidadania	Observação participante/ Pesquisa-ação	Radioescola. Juventude. Cidadania.
BUENO (2013)	Programa de Mestrado em Comunicação /UFG	Dissertação	Rádio Escolar e Cidadania	Grupo focal, entrevistas e pesquisa documental	Rádio Escola. Roda Pião. Comunicação. Educação. Cidadania.
BALESTRIN (2014)	PPG em Educação (PPGED)/UNOES C	Dissertação	Rádio Escolar e Cidadania	Grupo focal e entrevistas	Cidadania. Educação. Rádio.
BRANCO (2016)	PPG em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”	Dissertação	Rádio Escolar e Cidadania	Pesquisa-ação	Rádio Escola. Educação Sexual. Educomunicação. Intervenção.
SILVA (2016)	PPG em Educação da Universidade Tiradentes.	Dissertação	Rádio Escolar e Cidadania	Pesquisa-ação	Educomunicação. Rádio. Educação Nutricional.
GOMES (2013)	PPG em Comunicação /UFC	Dissertação	Rádio Escolar e Participação	Observação-participante	Radioescola. Participação. Autonomia.
NATIVIDADE (2013)	PPG em Educação/UFSC	Dissertação	Rádio Escolar e Participação	Observação-participante/ Estudo de caso	Rádio. Rádio Escola. Micropolítica e Educação.
PORTON (2014)	PPG em Educação/ UDESC.	Dissertação	Rádio Escolar e Participação	Pesquisa-ação	Rádio Escola. Educomunicação. Ecossistemas Educomunicativos. Prática Pedagógica Educomunicativa.
DE SOUZA (2016)	PPG em Educação/ UDESC	Dissertação	Rádio Escolar e Participação	Estudo de caso / Análise de conteúdo de entrevistas	Educomunicação. Protagonismo Juvenil. Prática Pedagógica Educomunicativa.
GOUVEIA (2014)	PPG em Ensino de Ciências/IFRJ	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Análise de conteúdo/Questionários Elaboração de projeto de Rádio Escolar	Educação de Jovens e Adultos. Expectativas. Representações sociais. Rádio Escolar.
MARQUES (2014)	Mestrado Profissional em Gestão em Organizações	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Intervenção/ Construção de “painéis radiofônicos”	Organizações aprendentes. Educomunicação. Esfera pública.

Autor/Ano	Programa/Instituição	Tipo de Publicação	Eixo Temático	Metodologia	Palavras-chave
	Aprendentes/ UFPB				Arquivologia. Rádio.
SOUSA (2015)	Programa Nacional de Mestrado Profissional em Letras/Proletras UERN/CAMEAM	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Intervenção	Educomunicação. Rádio Escolar. Formação do leitor Literário. Contação de Histórias.
SANTIAGO (2016)	PPG em Letras/ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Intervenção	Formação do leitor. Ensino de literatura. Rádio Escolar. Práticas mediadoras de leitura literária.
PEREIRA (2015)	Mestrado Profissional em Ensino de Ciências/ UERR	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Construção de sequências didáticas	Aprendizagem de Ciências. Recursos Hídricos. Linguagem Radiofônica.
SOUZA (2016)	PPG em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA/UNEB	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Observação-participante	Educomunicação. Educação Contextualizada. Rádio Escola.
RODRIGUES (2014)	PPG em Estudos da Linguagem/ UFRN	Tese	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Observação-participante	Educomunicação. Rádio Escolar. Discurso. Dialogismo.
ALBERTIN (2016)	PPG em Educação/ UNINOVE	Tese	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Análise de questionários e entrevistas	Rádio. Educação. Projetos. Educomunicação. Escola pública.
ALMEIDA (2015)	PPG em Educação/UFSC	Dissertação	Rádio Escolar e Tecnologia	Observação-participante	Rádio na escola. Mídia-educação. Formação crítica.
MARTINS (2015)	PPG em Educação/ Universidade Federal do Triângulo Mineiro	Dissertação	Rádio Escolar e Tecnologia	Observação-participante e oficinas	Mídia-educação. Linguagem radiofônica. Programa Mais Educação.
GONÇALVES (2015)	PPG em Educação/ UNINOVE	Dissertação	Rádio Escolar e Tecnologia	Estudo descritivo dos fatos e fenômenos observados na programação da rádio e entrevistas	Educação. Rádio. Internet.
XAVIER (2016)	PPG em Educação/ UFF	Dissertação	Rádio Escolar e Tecnologia	Observação-participante	Juventude. Escola pública. Rádio na escola.
OLIVEIRA (2014)	PPG em Educação/ Universidade de Uberaba (UNIUBE)	Dissertação	Rádio Escolar e Participação	Observação-participante	Rádio Escola. Poder Simbólico. Reprodução. Educomunicação. Emancipação.
SAGÁS (2016)	PPG em História/ UDESC	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e	Intervenção didática	Rádio escola. Rádio <i>online</i> . Ensino de História.

Autor/Ano	Programa/ Instituição	Tipo de Publicação	Eixo Temático	Metodologia	Palavras-chave
			Ensino		CEM Morar Bem - São José/SC
MELLO (2016)	PPG em Letras (PROFLETRAS)/UFU	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Intervenção didática	Modalidades Oral e Escrita. Notícia de Rádio. Entrevista.
CARDOSO (2015)	PPG em Letras (PROFLETRAS)/UESC	Dissertação	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Construção de guia didático	Gêneros orais. Comunicação. Língua Portuguesa. Rádio-escola.
DOURADO (2016)	PPG – Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação GESTEC/ UNEB	Relatório de Pesquisa	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Pesquisa participante e aplicada	Gestão Estratégica. TIC. Rádio na Escola. GEOTEC.
MOREIRA (2015)	PPG – Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação GESTEC/ UNEB	Intervenção Dissertativa na Rede Pública de Ensino	Rádio Escolar, Currículo e Ensino	Pesquisa participante e aplicada	Lugar. Educação Geográfica. A Rádio da Escola na Escola da Rádio. Ensino Médio Integrado. IFBA.

Fonte: elaborada pela autora.

É importante ressaltar que nas discussões referentes à interface Comunicação-Educação, os autores utilizados com mais recorrência no embasamento teórico das pesquisas foram: Paulo Freire (1977, 1987, 1996), Mário Kaplún (1978, 1998), Ismar Soares (2001, 2011), Martín-Barbero (1996, 2014) e Assumpção (1999, 2008).

2.3.1 Rádio Escolar e Cidadania

A pesquisa exploratória realizada nas plataformas da Intercom e Compós não apresentaram resultados para trabalhos relacionados à Rádio Escolar e Cidadania nos últimos quatro anos, ao contrário do banco de dissertações e teses da Capes, que apresentou um número significativo de trabalhos publicados entre 2013 e 2016 e um trabalho em 2011; este, mesmo fora do período estipulado para a elaboração do estado da arte, foi elencado por compor o rol de pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFC), do qual sou discente e, sobretudo, por ser um ponto de partida para a investigação a que me propus. A pesquisa de Campos (2011) apresenta contexto, características e realidade das radioescolas em Fortaleza há sete anos, possibilitando-me identificar continuidades, rupturas e transformações.

O trabalho desta pesquisadora foi desenvolvido a partir do acompanhamento de quatro escolas públicas de Fortaleza. Ela constatou, inicialmente, que os processos de funcionamento das rádios escolares são distintos entre si. Campos (2011) estabeleceu uma análise dos processos de mediações verificados nas realidades investigadas: processos com mediações interventivas de professores, alguns caracterizados pela atuação mais presente dos estudantes, outros mediados por uma ONG e um último, marcado pelo não funcionamento da rádio.

De acordo com a autora, na escola onde os processos eram marcados pelo acompanhamento de professores, o funcionamento sistemático da rádio era um aspecto positivo que impedia a descontinuidade da programação. Em contrapartida, a presença dos professores afetava o nível de participação dos estudantes.

Nos processos marcados pela atuação mais efetiva dos estudantes, o funcionamento da rádio escolar não era satisfatório sem a mediação dos professores, pois os usos do espaço da rádio se diversificavam, principalmente quanto à utilização do computador. Nos processos mediados por uma ONG, a presença se dava principalmente nas reuniões de pauta e revisão de texto. Por último, a escola marcada pelo processo de não funcionamento teve sua rádio desativada por conta da ausência de capacidade elétrica para comportar equipamentos.

Campos (2011) aponta para as complexidades que envolvem os sujeitos de escolas públicas e suas realidades contextuais na construção de uma concepção aprofundada de cidadania. A autora ressalta a ausência de orientação para o exercício de direitos sociais, assinala o reducionismo ainda instrumental das percepções políticas, mas permite compreender que as experiências desenvolvidas em projetos que unem comunicação, educação e cidadania são relevantes no sentido de estimular e promover esse lugar de trabalho coletivo, com visibilidade, reflexão e participação da – e para a – juventude.

A pesquisa desenvolvida por Bueno (2013) seguiu esforços similares na tentativa de compreender a relação comunicação, educação e cidadania no processo educativo. A aplicação de seu método não se restringiu à percepção somente dos estudantes, mas se expandiu a gestores e professores envolvidos nas atividades radiofônicas. O Projeto Rádio Escola Roda Pião, investigado pelo pesquisador, fez parte de uma ação conjunta do poder público com a iniciativa privada, desenvolvido em escolas estaduais e municipais da cidade de Silvânia (GO), durante 1999 a 2011. Seu trabalho lhe permitiu concluir que o projeto de rádio escolar investigado, além de contribuir para o conhecimento da comunidade ouvinte, conseguiu avançar para uma abordagem educativa construcionista. Bueno (2013) reconheceu ainda que a relação ‘mídia e escola’ propicia aos alunos expressão de ideias, produção de conhecimento, informação, comunicação, integração social e pensamento crítico.

Seguindo a temática e reafirmando a relevância de tal abordagem, Balestrin (2014) propõe uma discussão sobre o rádio na escola e a construção da cidadania participativa a partir de um estudo de caso realizado em uma escola de Ensino Fundamental em Santa Catarina. A partir dos dados levantados durante a pesquisa, a autora assinala que a inclusão do educando na elaboração de programas de rádio revela as potencialidades desse meio em estimular a criatividade, buscar a relação crítica do educando no seu próprio aprendizado, contribuir para o desenvolvimento dos alunos com ênfase nos processos de comunicação, expressão e produção de texto e, assim, dialogar com as disciplinas do currículo escolar fortalecendo a aprendizagem. As atividades radiofônicas constituem também fator de motivação para a produção dos alunos, propiciando participação e, conseqüentemente, formação do cidadão participativo que, na busca por novos saberes, assume-se como sujeito social.

As outras duas pesquisas elencadas a seguir, foram desenvolvidas em 2016 e trazem perspectivas bastante específicas de cidadania para o eixo comunicação-educação: educação sexual e educação nutricional. Tais trabalhos poderiam compor também o tópico Rádio Escolar, Currículo e Ensino; no entanto, foram aqui dispostos com o objetivo de trazer uma compreensão para o potencial das atividades educomunicativas. As propostas de pesquisa propuseram iniciativas diretamente ligadas ao exercício da cidadania, extrapolando, assim, as finalidades pedagógicas.

Branco (2016) analisou o processo de implantação de um programa radiofônico produzido por estudantes de uma escola pública mediante sua supervisão. A pesquisa-ação teve, dentre outras finalidades, o objetivo de promover a educação sexual por meio de uma experiência pedagógica com o uso do rádio. A pesquisadora, no entanto, teve sua pesquisa interrompida pelos professores que, equivocadamente, julgaram-na como um incentivo à prática sexual. Por essa razão, sua análise restringiu-se ao processo de pré-produção e, em seguida, ao de castração da iniciativa por parte dos gestores e docentes da escola. Mesmo com a interrupção de seu trabalho, na fase final, Branco (2016) concluiu que a escola pode ser diferente e que seus entraves devem-se, principalmente, ao autoritarismo e dificuldade da instituição escolar de se desvencilhar de padrões conservadores e religiosos, como também de lidar com sujeitos emancipados. A autora defende a proposta de criação de programas radiofônicos sobre sexualidade na escola tanto pelo caráter social e de prestação de serviços, como pelo aspecto pedagógico de apoio à educação fundamental.

A experiência de pesquisa-ação de Silva (2016) obteve um desfecho diferente. A atividade educomunicativa desenvolvida com adolescentes do Instituto Federal de Educação,

Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São Luís Maracanã, teve como objetivo geral avaliar a contribuição do rádio para a promoção da educação nutricional de alunos adolescentes da instituição. Dentre os resultados alcançados pela produção e veiculação do programa, a pesquisadora identificou que todos (produtores e ouvintes) consideraram a experiência significativa e positiva. Os relatos dos estudantes se referem tanto ao ganho de aprendizado com relação às habilidades comunicativas e de criticidade midiática quanto à mudança de práticas alimentares. Silva (2016) descreve os resultados da pesquisa como indicadores do forte potencial da Educomunicação em Saúde para a promoção de hábitos saudáveis e senso crítico na leitura de produtos midiáticos relacionados à alimentação. A pesquisadora conclui que os programas produzidos foram capazes de promover a educação nutricional dos adolescentes na instituição onde o trabalho foi desenvolvido.

Os resultados apresentados pelos pesquisadores revelam que os universos escolares são múltiplos e que cada realidade averiguada pode demonstrar diferentes ocorrências. Por outro lado, foi um consenso entre as pesquisas o reconhecimento da rádio escolar como uma possibilidade de exercício da cidadania, que pode ser ampliado com iniciativas mais próximas e eficazes do corpo docente, da gestão escolar, do poder público e das ONGs. É certo que uma atividade desenvolvida em contextos escolares afetados por problemas estruturais, políticos e econômicos ainda maiores não daria conta de permitir aos estudantes o exercício pleno de sua cidadania. Nesse sentido, os pesquisadores buscaram entender em que medida esses exercícios apareciam, ou, pelo menos, poderiam se esboçar. Vimos, então, que os trabalhos com intervenções diretas de seus pesquisadores apresentaram resultados mais objetivos. Nesse contexto, mesmo Branco (2016), que teve sua pesquisa-ação impedida de ser realizada pelo autoritarismo na escola pesquisada, reconhece que um projeto radiofônico pode ser um espaço de reflexão, debates, participação e aprendizagem para as juventudes.

2.3.2 Rádio Escolar e Participação

Assim como Cidadania, Participação é uma categoria bastante discutida nos trabalhos referentes às rádios escolares. Ainda que a pesquisa não tenha como temática principal a participação, essa é sempre uma questão que aparece nas discussões, ainda que tangencialmente.

Gomes (2013) buscou verificar o potencial das rádios escolares a partir da participação dos estudantes, levando em conta as hierarquias e relações de poder constituídas no espaço escolar como partícipes relevantes no processo. A autora verificou que a disponibilidade dos

equipamentos, por si só, não assegura a motivação e o desenvolvimento de práticas participativas e autônomas. Embora a mediação de professores/monitores seja importante, é necessário que haja uma revisão dos modelos educacionais autoritários via formação continuada e que os responsáveis pela condução das atividades se comprometam com o desenvolvimento de práticas que priorizem o diálogo e a relação horizontalizada professor-aluno.

Nas duas escolas públicas a pesquisadora conclui que a participação dos estudantes nas radioescolas se dá de forma limitada. Da gestão à avaliação dos programas veiculados, o controle e o direcionamento seguem todas as etapas do processo. Assim, a demarcação autoritária da atuação dos professores nas atividades das rádios limita a autonomia dos estudantes, afetando o seu desenvolvimento enquanto sujeitos nesse processo.

A autora chegou a publicar os resultados parciais de sua pesquisa em formato de artigo no GP Interfaces Comunicacionais, no XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom – 2013).

Ainda em 2013, outra dissertação foi desenvolvida a partir desse eixo temático, trazendo à discussão categorias como: revolução molecular, micropolítica, máquina desejante e agenciamentos coletivos. Natividade (2013) analisou a potência política presente no acesso aos meios de comunicação midiáticos a partir de uma rádio escola como proposta de mídia alternativa. Seu estudo buscou verificar como a Rádio Morro das Pedras, gestada numa escola da comunidade, produz sentido nos sujeitos envolvidos nos processos de produção e recepção. Por final, a autora concluiu que as potencialidades da rádio são reais no sentido de funcionar como um agente mobilizador de transformação social com relação à expressão dos sujeitos envolvidos; no entanto, esse objetivo só se cumpre tangencialmente, visto que os estudantes não atuam, de fato, como enunciadores. O que ocorre é um agenciamento do desejo, uma vontade consciente de fazer daquele espaço um lugar de participação coletiva. Entretanto, os limites são muitos: carência de treinamento para operar os equipamentos, ausência de um plano pedagógico voltado para as atividades radiofônicas, de conhecimento necessário sobre o potencial de uma rádio “livre”, carência de tempo e organização para desenvolver satisfatoriamente a proposta.

A pesquisa de Oliveira (2014) assemelha-se ao trabalho desenvolvido por Gomes (2013), cuja problematização centra-se na participação dos estudantes em atividades radiofônicas num ambiente escolar marcado por autoritarismos. A pesquisadora traz uma análise das relações de poder que envolvem o projeto de rádio numa escola pública e conclui

que, na realidade investigada, a promoção de autonomia participativa não acontece e as relações entre os diferentes agentes da comunidade escolar se apresentam de forma bastante conflituosa e verticalizada.

Em Porton (2014) a participação foi investigada a partir da construção de ecossistemas comunicativos⁸ utilizando a linguagem radiofônica. Para isso, a pesquisadora estabeleceu uma pesquisa-ação em escola pública com o objetivo de promover, por meio de oficinas, um espaço para a vivência coletiva, a reflexão e a participação geradora de aprendizagem. Além de descrever tais atividades, a autora destaca os canais de comunicação que partiram e se ramificaram através da rádio, como: a criação do *site* da rádio, do *e-mail* e até mesmo o conteúdo do mural da escola. Segundo Porton (2014), a rádio apresentou muitas possibilidades para o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos, “promovendo a participação de forma ativa, autônoma (...) favorecendo as relações dialógicas e transformando as informações em conhecimentos sistematizados”. (p. 173).

A categoria Participação foi discutida por De Souza (2016) a partir do conceito de protagonismo, cuja questão central foi perceber como a rádio escolar pode contribuir para que o jovem se torne protagonista em seu espaço. O autor identificou que a prática pedagógica educ comunicativa promove o desenvolvimento do estudante no que concerne a sua oralidade, expressão, imaginação, senso crítico e concluiu que, no fazer comunicativo, a rádio proporciona o diálogo com a comunidade, desperta a participação, a cidadania e favorece a resolução de problemas. Quanto ao protagonismo, o jovem atua a partir do que sente e de como percebe a realidade, desde que haja diretividade. Essa condição, no entanto, não implica inibir as iniciativas dos agentes envolvidos, mas estimular exercícios que gerem confiança, autodeterminação e autonomia.

Assim como no eixo Rádio Escolar e Cidadania, os resultados e entraves no quesito participação não mostraram tantas diferenças. O método da pesquisa-ação apresentou-se como um fator importante e decisivo para as experiências que produziram bons resultados, posto que tal metodologia permite ao investigador mediar etapas de desenvolvimento das atividades da rádio, bem como fazer o processo ocorrer, na prática, da forma mais próxima do ideal teórico. Ainda assim, nos processos de observação participante, as investigações demonstraram que políticas públicas educacionais mal implementadas afetam o curso das atividades, principalmente com a ausência ou despreparo de monitores, em que as relações de poder existentes no contexto escolar, desdobradas em controle e autoritarismo impedem

⁸ Conceito proposto por Martín-Barbero (1996) e reelaborado por Soares (2011) como um ideal de relações e diálogos construídos coletivamente mediante estratégias que se utilizam, inclusive, dos meios de comunicação.

práticas dialógicas, horizontalizadas e protagonistas, limitando a participação efetiva dos estudantes. Dessa forma, a participação que a rádio escolar poderia então promover, cumpre-se apenas parcialmente.

2.3.3 Rádio Escolar, Currículo e Ensino

O número de trabalhos concernentes e próximos a essa temática foi abundante. Para não sistematizar o estado da arte em muitos eixos e poder torná-lo mais fluido, encontram-se neste tópico as pesquisas que vinculam diretamente objetivos ligados ao ensino, currículo, formação, didática e políticas públicas curriculares, por compreender a aproximação que essas categorias possuem em suas finalidades.

No período destacado para a elaboração do estado da arte foram encontrados artigos na Intercom referentes à política pública do Programa Federal “Mais Educação” apresentados por Patrício (2014, 2015), às práticas educomunicativas na Educação Infantil, por Soares (2016) e ao uso do rádio em sala de aula com Rodrigues (2013). No portal Capes foram encontradas dissertações e teses que serão pontuadas a seguir; no entanto, é importante assinalar que a maioria das pesquisas em rádio escolar, distribuídas nos outros eixos, apresentaram, mesmo sem grandes aprofundamentos, reflexões relevantes sobre currículo e experiências fomentadas por políticas públicas.

Em 2014 duas pesquisas foram desenvolvidas a partir da rádio escolar com públicos estudantis ainda não citados até aqui, uma com estudantes da EJA (Educação para Jovens e Adultos), no Rio de Janeiro, e a outra com universitários do curso de Arquivologia, em João Pessoa.

O trabalho desenvolvido por Daniele da Silva Maia Gouveia teve como objetivo principal investigar os aspectos intergeracionais da EJA com a finalidade de desenvolver projetos de formação científica e tecnológica que abrangessem todos os estudantes, independentemente de suas faixas etárias. O planejamento de um projeto piloto de Rádio Escolar apresentou-se, portanto, não só como objetivo específico de sua pesquisa, como também, uma alternativa possível e coerente com as demandas exigidas pelas turmas da EJA.

Gouveia (2014) mapeou os aspectos intergeracionais, identificou expectativas acerca do processo formativo dos alunos, os temas científicos e tecnológicos de interesse das diferentes faixas etárias e, assim, elaborou um projeto que pudesse promover a formação científica dos estudantes em um contexto tão diverso em seus aspectos etários, sociais e de perspectivas de futuro. Esse mapeamento foi importante para a elaboração de um projeto de

rádio escolar específico e assertivo para a EJA, com uma programação inclusiva e multidimensional em seus conteúdos.

Juliana Ferreira Marques (2014), a partir de um projeto de extensão universitária que produz programas de rádio com conteúdos curriculares em Arquivologia, buscou caracterizar esses conteúdos à luz da Educomunicação, desenvolvendo a perspectiva de painéis radiofônicos. O projeto de extensão analisado por Marques (2014) objetivava a construção de uma proposta ainda não utilizada por cursos de Arquivologia no Brasil, cuja ideia fosse intermediar conteúdos curriculares que pudessem ser utilizadas pelo professor como recurso didático-pedagógico. A pesquisadora não só avaliou a importância desse recurso, como buscou caracterizar esses conteúdos como “painéis radiofônicos” e replicá-los numa outra plataforma. Esses painéis compuseram uma ação interventiva da pesquisa que visou, principalmente, sua disponibilização no *site* do curso a partir de um suporte digital de áudio (*podcast*). Marques (2014) usa o paralelo da experiência de Rádio Escolar como uma possibilidade favorável à socialização de conteúdos curriculares e importante parâmetro de atividade comunicativa para uso em cursos de nível superior.

A pesquisa de Franciane Lima Sousa, assim como o trabalho descrito anteriormente, compreende o rádio como uma importante estratégia didática no âmbito educacional. Sousa (2015) buscou, no entanto, avaliar essas potencialidades radiofônicas a partir do ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Durante a pesquisa verificou que a rádio da escola estava desativada pelo despreparo das monitoras do “Mais Educação”. A pesquisadora então adotou como metodologia para sua investigação uma intervenção pedagógica a fim de compreender o processo de formação do leitor com perfil literário nas atividades da rádio escolar, por meio de contação de histórias envolvendo narrativas de terror e assombração. Os resultados demonstraram a mobilização e entusiasmo dos estudantes em participar do projeto. Quanto às práticas leitoras foi possível verificar mais disposição, autonomia, criticidade, criatividade, como também através da produção de novos contos e adaptações, as interações literárias se tornaram mais fluidas. Na etapa de gravação dos programas, a pesquisadora assinala que os sujeitos desenvolveram capacidade imaginativa, interativa, sabendo, inclusive, diferenciar o ato de ler e contar histórias. Por fim, a intervenção promoveu a atividade de rádio, até então em desuso na escola, e permitiu o seu uso crítico, pedagógico e expressivo por meio da arte de contar histórias.

Uma pesquisa semelhante foi realizada por Santiago (2016). Com o objetivo de discutir leitura e ensino literário no Ensino Médio através da rádio escolar, sua metodologia consistiu na elaboração de duas propostas didáticas que abordam os gêneros radiofônicos de

entrevista e debate, a partir das temáticas Homoafetividade e Letramento Político, sugerindo uma abordagem comparatista entre o texto literário e outras artes. A pesquisadora propôs uma nova perspectiva para o ensino de literatura e apontou a rádio escolar como uma possibilidade de mediação pedagógica nessa tarefa. Assinalou também a necessidade de se pensar outras práticas mediadoras que agreguem o uso de recursos tecnológicos, visto não haver materiais pedagógicos de sugestão midiática que promovam a formação do leitor de literatura e que sejam ainda atrativos e bem utilizados.

Nesse contexto, a Rádio Escolar tem sido contemplada como componente de proposta pedagógica por diversas áreas. A pesquisa realizada por Iomar da Costa Pereira em 2015 ocupou-se da criação de uma sequência didática dinâmica, a partir de uma perspectiva contextualizada do ensino de Ciências integrada à rádio escolar, com vistas a apresentar contribuições à alfabetização científica no Ensino Fundamental, além de cooperar com a motivação e inspiração de professores, que em suas adaptações, poderão potencializar a criatividade didática. Pereira (2015) concluiu que a rádio escolar é um recurso pedagógico relevante na promoção do desenvolvimento de habilidades, competências, motivação e alfabetização científica.

Partindo também da perspectiva do ensino contextualizado, Souza (2016) problematiza a temática da convivência com o Semiárido a partir de uma investigação que abrange os livros didáticos, a transversalidade de conteúdos proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o uso da rádio escola como uma estratégia possível para pautar e contextualizar o Semiárido através de diversas áreas de ensino.

O estudo realizado numa escola contemplada pelo “Programa Mais Educação” permitiu à pesquisadora concluir que o objetivo pedagógico idealizado no momento da adesão da escola à proposta de rádio escolar não passou de uma aspiração. Os professores não promovem interação da rádio com suas disciplinas, os projetos escolares são desarticulados e não há sequer audiência do corpo docente. Os princípios basilares da Educomunicação são negligenciados e a programação atende apenas à agenda de eventos e datas comemorativas da instituição. Embora haja a produção de alguns programas voltados para a realidade dos alunos, esses não são devidamente planejados. Souza (2016) encerra a pesquisa apontando as lacunas deixadas pelo programa “Mais Educação”, o distanciamento dos professores com relação ao potencial da Rádio e a inexistência de uma contribuição para a educação contextualizada, elemento de extrema relevância para a desconstrução dos estereótipos difundidos.

Ainda em menção à utilização da rádio escolar para um aprendizado contextualizado,

Sagás (2016) sugeriu uma intervenção didática para o ensino de História a partir da elaboração de narrativas em áudio. O projeto-piloto enfatizou a importância de conhecer e refletir sobre a história local; assim, os estudantes foram motivados a pensar, descobrir, discutir e contar suas próprias histórias, a partir das histórias de seu bairro, escola e comunidade. A experiência foi tão positiva que consolidou a permanência do projeto.

Mello (2016) e Cardoso (2015) discutiram a importância da oralidade no aprendizado a partir de propostas didáticas. A primeira pesquisadora apresentou e aplicou uma sequência de atividades utilizando os gêneros ‘notícia’ e ‘entrevista’ para um programa de uma rádio escolar, a fim de estimular e promover a produção de textos orais e escritos para estudantes do 7º Ano do Ensino Fundamental. A segunda pesquisadora, com base nos projetos de rádio escolar em funcionamento na Rede Pública de Ensino do Estado do Espírito Santo, propôs um guia didático para auxiliar o professor do Ensino Fundamental II na construção de práticas que favorecessem o uso da rádio nas aulas de Língua Portuguesa, com chances de ampliação para uso em outras disciplinas. Seu objetivo foi apresentar possibilidades transversais e interdisciplinares a partir do uso da rádio escolar e alguns gêneros orais para o ensino da língua materna.

As próximas dissertações citadas nessa pesquisa referem-se a um dos subprojetos do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), da Universidade do Estado da Bahia, o “A Rádio da Escola na Escola da Rádio”.⁹ Dourado (2016) discute o Projeto a partir de aspectos referentes à sua concepção, organização, gestão e crescimento, com o intuito de desenvolver estratégias que colaborem com sua expansão e auxílio de aplicação em escolas públicas. Seu trabalho resultou num produto interventivo concebido em forma de *e-book* (livro digital), contendo breve histórico do Projeto, as categorias contempladas, as possibilidades de aplicação com dez passos para a implantação da rádio, registros, resultados alcançados e outros pontos, com o objetivo de fortalecer, difundir e ampliar na Rede Pública de Ensino a Educação Científica e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). O produto final, segundo a pesquisadora, não engessa as instituições, antes contempla a marca do Projeto, que é compreender o lugar e suas características para promover um processo formativo contextualizado. Portanto, as estratégias contidas no *e-book* possibilitam espaços para um trabalho dialógico e próximo da realidade de cada escola.

Moreira (2015) seguiu um caminho similar, entretanto, sua intervenção esteve atrelada

⁹ O projeto tem por objetivo, “possibilitar aos sujeitos da educação o redimensionamento do entendimento do lugar, das geotecnologias e das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC - à compreensão da história, memória e manifestações culturais, mobilizando processos formativos através do exercício dialógico e investigativo junto à Educação Básica das Redes Públicas (Bahia e Sergipe)”. (Dourado, 2016, p.18)

a uma realidade e proposta pedagógica específicas. A pesquisadora desenvolveu uma dinâmica de educação científica a fim de responder a seguinte questão: “Como a Educação Geográfica, através do desenvolvimento do Projeto *A rádio da escola na escola da rádio*, pode possibilitar a compreensão de entendimento do lugar dos alunos do Ensino Médio Integrado do IFBA Campus Valença?” (p.15) Para isso, foram desenvolvidas oficinas, trabalhos de campo, apresentações de trabalhos, atividades destinadas a permitir aos participantes a promoção de habilidades e competências para conhecer, reconhecer e compreender seu espaço, percebendo seus contextos e valorizando sua história e memória. O resultado da intervenção foi proveitoso para o ensino e aprendizagem da Geografia, mas, principalmente, para aflorar o sentimento de pertença e referência nos sujeitos envolvidos na experiência.

Além das dissertações já descritas, duas teses contribuem para a discussão aqui esboçada. A primeira tese, de Edivânia Duarte Rodrigues traz uma importante reflexão sobre a formação de educadores, e Daniela Oliveira Albertin analisa o “Nas ondas do rádio”, parte integrante dos projetos educacionais da Prefeitura do Município de São Paulo, discutindo a pertinência e eficácia de projetos nos currículos escolares.

A elaboração da tese de Rodrigues (2014) direcionou sua perspectiva de investigação para a produção discursiva sobre a Educomunicação na rádio escolar a partir do processo de formação de educadores. O *corpus* de sua pesquisa compreendeu o curso de formação ministrado numa escola pública através do projeto de extensão do Grupo COMÍDIA, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulado: “A Educomunicação no espaço escolar: contribuições para uma pedagogia das mídias”.

Os sujeitos da pesquisa foram os formadores (integrantes do projeto de extensão) e os cursistas (professores, estudantes e funcionários da escola). A autora demonstra que os questionários de sondagem indicaram que a construção discursiva da rádio escolar, antes dos encontros formativos, resumia-se a músicas, informes e usos pedagógicos para o ensino de conteúdos. Rodrigues (2014) observa, dentre os resultados de pesquisa, que o discurso dos formadores buscava a sensibilização dos cursistas para com a prática educacional, a fim de ocasionar uma ação transformadora do espaço educativo a partir do funcionamento da rádio escolar. Ao longo da análise, a autora verifica aspectos positivos dessa sensibilização, dentre eles: a compreensão dos cursistas acerca da importância da Educomunicação para uma escola mais conectada com a realidade do estudante, tendo em vista a produção de projetos para a rádio durante o curso e após sua conclusão; também a ressignificação da função de uma emissora de rádio, posto que os novos projetos alteraram a programação que se restringia à

transmissão musical. Nesse caso, a rádio escolar passou a ser entendida como uma mediação tecnológica que envolve todos os sujeitos nos processos de aprendizagem, compartilhando saberes e responsabilidades.

A segunda tese é da pesquisadora Daniela Oliveira Albertin, e parte da premissa geral de descentralização da escola como única detentora do “saber”, destacando as mídias dentre os diversos espaços de aprendizado. Seu objeto de análise foi o Programa “Nas Ondas do Rádio”, parte dos projetos educacionais da Prefeitura do Município de São Paulo. O objetivo foi verificar se o projeto recupera ou promove aos sujeitos envolvidos, a criatividade, o trabalho em equipe e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação, pretendendo investigar, conseqüentemente, se a educação por projetos, através das ações educacionais, alcança os resultados esperados através dessas ações: colaboração para o desenvolvimento de processos marcados por cooperação e diálogo e contribuição para um melhor desempenho dos estudantes dentro e fora da escola.

Albertin (2016) chegou às seguintes conclusões: de acordo com os questionários respondidos pelos estudantes, o projeto de rádio se mostrou construtivo para a grande maioria, tanto em aspectos individuais (inclusive, aumento das médias escolares) quanto coletivos. Os laços desenvolvidos pelas atividades geraram respeito, cooperação e senso de coletividade. Nas observações realizadas durante a pesquisa, a autora verificou que a escola pública ainda está distante das expectativas de um ensino de qualidade, como também parece longe do modelo de “Escola Nova”. A escola pública ainda controla, vigia, pune e castiga, aproximando-se dos pontos mais centrais do pensamento foucaultiano. A pesquisadora assinala a importância das teorias educacionais, mas aponta sua prática como um grande desafio para a escola. A autora conclui ainda que “os projetos escolares não representam a “salvação” para todos os problemas, mas são indicativos de caminhos possíveis para um modelo de escola diferente”. (p. 164)

A preocupação de alguns pesquisadores que concebem a Rádio Escolar, assim como outras possibilidades didáticas, a partir do currículo é a de refletir sobre as marcas tradicionalistas que ainda regem as práticas, comportamentos, conteúdos e estruturas escolares. No entanto, as pesquisas produzidas nesse contexto nos mostram que novos caminhos têm sido pensados e projetados, a fim de permitir que outras formas de compartilhar conteúdos com os estudantes potencializem e valorizem suas habilidades e capacidades. Essas reflexões têm culminado, como vimos na descrição das pesquisas acima, em propostas de intervenção para o ensino literário, científico e, possivelmente, o aplicável a outras áreas do saber, além de discutir a necessidade de formação continuada do professor e, inclusive, a

formação de educadores, a fim de que as linguagens midiáticas possam compor o currículo escolar. Os estudos apontaram ainda que as políticas públicas precisam ser implementadas com responsabilidade, garantindo a efetividade plena das atividades propostas, o que ainda não se verifica nas escolas observadas.

2.3.4 Rádio Escolar e Tecnologia

As pesquisas direcionadas a esse tópico referem-se às discussões acerca da convergência midiática no espaço escolar e sua relação com as experiências de rádio escolar, sobretudo, a partir do seu diálogo com a internet e outras linguagens midiáticas.

No último quadriênio, os pesquisadores que se propuseram a investigar a rádio escolar sob essa perspectiva não foram muitos. Na Intercom, encontramos apenas o artigo de Pereira Filho (2013), que descreve os procedimentos metodológicos em um estudo com rádio escolar a partir da sua convergência com a fotografia, a música e o vídeo. Na Capes, as dissertações encontradas apresentam experiências significativas de projetos de rádio escolar que potencializaram suas atividades e resultados ao estabelecerem conexão com os ambientes virtuais.

O trabalho desenvolvido por Almeida (2015), a princípio poderia ser direcionado aos eixos Cidadania ou Participação, pois o autor busca investigar a formação crítica dos estudantes; todavia, o faz a partir de uma discussão profunda envolvendo as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), convergência midiática, aprendizagem e inteligência coletiva. Sua pesquisa reuniu estudantes, professores, gestores e comunidade escolar em atividades de educação e comunicação por meio da linguagem radiofônica. O imperativo de sua discussão sobre convergência midiática e inteligência coletiva atrela-se à expansão da atividade radiofônica para ambientes virtuais. O pesquisador destaca que o movimento gerado na elaboração do primeiro protótipo de programa radiofônico conduziu os estudantes à criação de espaços nas redes sociais digitais para divulgar a realização dos trabalhos. Nessa divulgação, viram a necessidade de criarem também materiais visuais que permitissem alimentar o endereço eletrônico do *podcast* e propagar o conteúdo a toda a comunidade escolar também em espaços extraescolares.

A tecnologia necessária para que esse projeto pudesse acontecer e ser não só acessado, mas facilmente disponibilizado na *web*, foi propositalmente pensado no início do processo, visto que a proposta radiofônica foi concebida já com a finalidade de extrapolar o espaço físico da escola. Sendo assim, a plataforma *on-line* denominada *soundcloud* foi utilizada para

a disponibilização dos áudios em redes sociais, *blogs*, *e-mails*, aplicativos de mensagens instantâneas, dispositivos móveis, através de *links* e sem a necessidade de o ouvinte realizar *download* do arquivo de áudio.

Os resultados da pesquisa apontaram que a rádio na escola configura-se como importante espaço de participação dos estudantes, colaborando não apenas com a construção de seus percursos formativos, como também no desenvolvimento da sua formação crítica. No entanto, no que diz respeito aos professores, a estrutura do modelo escolar fragmentado em tempos de aula, fundamentado em um currículo prescritivo, dificulta a participação do corpo docente em projetos que envolvem o uso de tecnologias.

No mesmo ano, a pesquisa desenvolvida por Larissa de Almeida Martins se propôs a discutir a rádio escolar no contexto da convergência de mídias, estabelecendo um ‘tensionamento’ com a proposta original da Radioescola, estendendo-se ao Programa “Mais Educação”. Para atingir seus objetivos a autora estabeleceu um estudo de campo, desenvolveu um projeto de aplicação de oficinas voltadas para o rádio e analisou o conteúdo de quatorze documentos referentes ao PME. Essas oficinas tiveram foco nos usos sociais do rádio, inserido no contexto da cultura digital, considerando: linguagem e audiência, estudo de gêneros e formatos, técnicas de produção, relações entre técnica, linguagem e representação, podendo ser, posteriormente, utilizadas por professores de diversas áreas, contemplando o uso crítico do rádio em diálogo com outras mídias.

A partir dessa pesquisa, Martins (2015) chegou aos seguintes resultados: durante o processo, o engajamento maior foi dos professores, embora os jovens tenham tido mais facilidade em lidar com o *Audacity* (software para gravação e edição de áudio). Quanto às dificuldades relativas à criação, escrita do *script* e disposição de aprendizado não há grande diferença entre discentes e docentes. No entanto, com relação à edição dos programas, percebeu-se que os professores não se empenharam, mesmo com os tutoriais postados na sala virtual e a explicação presencial, ao contrário dos estudantes, que cumpriram essa parte sem problemas. Para a pesquisadora, os projetos relacionados à mídia-educação são bem-vindos pela escola, mas a motivação interna dos participantes em permanecerem atuantes em todo o processo é uma problemática. Martins (2015) acredita ser possível alinhar as propostas de educação integral ao contexto da mídia-educação, alterando práticas e usos das novas mídias a partir das demandas próprias da cultura digital.

O pesquisador Aladim Lopes Gonçalves investigou em sua pesquisa o uso da internet como forma de transmissão da programação da Web Rádio Escola, criada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, cujo público-alvo são estudantes, professores, gestores e

comunidade escolar. Gonçalves (2015) traça um estudo descritivo dos fenômenos observados na programação da rádio como ‘o despertar’ para o uso de novas tecnologias no ambiente escolar e também observa a resistência dos professores em aderir à atividade. O autor ressalta que a Web Rádio Escola é a resposta de que o rádio educativo é relevante, eficaz e que as inovadoras tecnologias muito contribuem nas condições de produção e transmissão de conteúdos. O pesquisador reconhece o potencial do rádio no cenário de convergência com as novas tecnologias, aponta a Web Radioescola do Paraná como seguidora das tendências e rumos ditados pela modernidade e reconhece que a programação radiofônica via *web* pode trazer novas perspectivas para a Educação no século 21.

A última pesquisa do estado da arte, de Francisca Joelina Xavier, apresentada à Universidade Federal Fluminense em 2016, refere-se à relação Rádio Escola – Redes Sociais. O interesse da pesquisadora não era restringir-se ao significado destas tecnologias para o cotidiano dos estudantes, “mas como essas mídias se desenhavam em seus modos de fazer rádio e como se viam neste oceano de informações e passavam a flutuar, a navegar sobre ele, consolidando com isso mudanças em seus modos de produzir rádio.” (p. 79)

Xavier (2016) discute as categorias Juventude e Protagonismo a partir do cenário de convergência encontrado na escola de Educação Básica, onde estabeleceu seu campo de pesquisa. Diante do universo investigado, percebeu que no *Facebook* os estudantes comunicam-se e interagem a partir de interesses que lhes são comuns. A participação dos jovens na rádio se estende às redes sociais, a partir do envio de fotos e vídeos relacionados às atividades radiofônicas, e também por meio das funções disponibilizadas por essa rede. Em suas postagens, os estudantes podem interagir curtindo, comentando e compartilhando. A pesquisadora entendeu ainda que algumas postagens não só demonstravam aproximação produtor/receptor, mas estimulavam a capacidade de envolvimento e promoção da participação coletiva, sobretudo quando os estudantes convidavam os colegas para produzirem juntos.

Xavier (2016) identificou nas redes sociais oportunidades de visibilidade que extrapolam o espaço da rádio. As atividades desenvolvidas foram tão significativas que os estudantes responsáveis pela rádio propuseram, por intermédio das redes sociais, a continuidade do projeto para o ano letivo seguinte. Essa experiência permitiu aos jovens vislumbrar um projeto de transição da rádio para a Web e identificar o momento como oportuno para potencializar as formas de fazer rádio na escola.

As pesquisas referentes a esse eixo sinalizam novas perspectivas de ampliação e participação da rádio escolar. A partir da convergência midiática e das novas tecnologias, os

pesquisadores apresentaram uma rádio escolar que se ramifica e possibilita, conseqüentemente, a construção coletiva no desenvolvimento das atividades, uma maior visibilidade, participação, interação e possibilidades de aprendizado. A convergência de mídias no espaço escolar agrega outras formas de produzir e compartilhar saberes. É certo que a maioria das escolas brasileiras ainda não favorece o fomento pleno de atividades midiáticas por não possuir estrutura tecnológica necessária. No entanto, experiências com o uso de plataformas digitais gratuitas com redes sociais podem ser estimuladas. As demandas próprias da cultura digital já fazem parte do universo da Educação e a escola não pode manter-se indiferente nesse processo. A rádio escolar constitui-se apenas uma dentre as várias alternativas educacionais, ela é fértil em suas possibilidades. Entretanto, a excelência de seus resultados está intimamente ligada ao ambiente onde é gestada e ao desenvolvimento de ações não somente planejadas, mas mediadas por facilitadores que compreendem a potência dos caminhos propostos pela interface Comunicação-Educação.

2.4 Tensionando o estado da arte com o objeto de pesquisa

As pesquisas apresentaram um amplo panorama acerca dos estudos desenvolvidos a partir das rádios escolares e, ainda assim, revelaram um universo de possíveis problematizações, sobretudo, pelo olhar da Comunicação. Das vinte e sete pesquisas exploradas, dezenove foram desenvolvidas em programas de Pós-graduação na área de Educação, quatro em Letras (mestrados profissional e acadêmico), uma em Estudos da Linguagem e três em Comunicação. O potencial pedagógico das atividades radiofônicas foi ratificado em todos os trabalhos, bem como sua capacidade interativa e até mesmo política, tendo em vista as discussões referentes à cidadania, autonomia, emancipação e participação. Entretanto, do ponto de vista comunicativo, muitos elementos podem ainda ser analisados, como o conteúdo dos programas, a paisagem musical, a recepção, as perspectivas de sociabilidade, a relação da rádio com outros dispositivos comunicativos, o perfil dos locutores das rádios escolares, dentre outros aspectos. Levando-se em conta as peculiaridades dos Clubes de rádios escolares, o que se pretende é avaliá-los sob uma dimensão que alcance-os desde os processos de gestão até a escuta (recepção), ou seja, estabelecer uma percepção mais comunicativa na dinâmica das atividades de rádio escolar.

De forma geral, alguns elementos apareceram como pontos pacíficos na maioria das pesquisas: o primeiro a ser destacado é que as atividades radiofônicas que tiveram mediação de ONG, do próprio pesquisador ou de professores tendem a apresentar resultados mais

positivos, como o planejamento e sistematização das atividades, programas com conteúdos mais direcionados e a própria continuidade da rádio escolar.

Nesse sentido, os Clubes de Rádio apresentam algumas características específicas inerentes à concepção dos Clubes de Protagonismo, do qual fazem parte. A proposta é que estes sejam geridos e organizados pelos estudantes. Todo o apoio e incentivo necessários, portanto, acontecem a partir da disciplina de Protagonismo que compõe a grade curricular das Escolas de Tempo Integral na capital cearense. Os dois clubes acompanhados nesta pesquisa, no entanto, demonstraram peculiaridades. O Clube de Rádio da escola do bairro Presidente Kennedy possui o que os estudantes chamam de “Madrinha da Rádio” (professora que acompanha mais de perto as atividades desenvolvidas pelo grupo); a diretora e coordenadora da escola procuram acompanhá-los também, cobrando reuniões e maior atuação, diferente do Clube de Rádio da escola no bairro Bonsucesso, onde não presenciei semelhantes pontos de interferência, mesmo percebendo a proximidade da professora de Protagonismo com os integrantes do clube a auxiliá-los, principalmente, nas questões que extrapolam as atividades práticas da rádio.

É importante dizer que nas Escolas de Tempo Integral de Fortaleza são oferecidas disciplinas eletivas bimestralmente. Essas “eletivas” se dão da seguinte forma: dois ou três professores elaboram um conteúdo diferenciado dos conteúdos rígidos e, por isso, mais atraente. Depois de planejadas pelos professores, as eletivas são apresentadas aos estudantes para escolha e inscrição. As atividades radiofônicas podem compor parte de uma eletiva, por exemplo. Nesse caso, o Clube de Rádio é comunicado e o professor responsável pela disciplina pode usar o espaço do clube para desenvolver o seu projeto. Acompanhei o uso da rádio por duas eletivas na escola do bairro Bonsucesso. A primeira foi “No embalo dos anos 80”, organizada pelas professoras de Língua Portuguesa e História com o objetivo de estudar os acontecimentos históricos e culturais da década referida. A programação musical da rádio foi inteiramente voltada para os anos 80 e a participação dos estudantes no auditório foi bastante positiva. Muitos subiram ao palco para dançar, outros aproveitaram para fotografar e filmar os colegas em seus *smartphones*, algumas músicas tiveram pedido aclamado de “bis”; e a segunda eletiva foi intitulada “Do clássico ao pop, essa caixinha toca tudo”, apresentando a história e a importância do rádio para os estudantes. A culminância da eletiva propôs uma programação extensa no encerramento do ano letivo de 2017, com elaboração de radionovela, veiculação de recados, fofocas e apresentação musical representativa das últimas décadas.

Sobre o conteúdo dos programas radiofônicos, alguns pesquisadores registraram de forma crítica o fato de a programação ficar reduzida a músicas e informes. Os dois clubes

visitados também apresentaram essa característica. O Clube Bonsucesso, em suas programações diárias, restringe-se à programação musical. É importante dizer que esse clube tem funcionado sem microfone e apenas em situações extremas, para informes relevantes, é que a diretoria cede um microfone sem fio. Toda a programação acontece ao vivo, no horário de almoço, e não existem reuniões planejadas. Já o Clube Kennedy se reúne um pouco mais, por atuar, principalmente, nas datas comemorativas. Fora das festividades, o clube não apresenta programas com frequência regular. Diferente do Clube Bonsucesso, o Kennedy não possui estúdio, os programas também acontecem ao vivo, porém no palco do auditório/refeitório da escola.

A ausência de mediação pode ser um indicativo relevante no que diz respeito à falta de diversidade de conteúdo da programação. Na escola de Bonsucesso, em minha primeira visita, no segundo semestre de 2016, a coordenadora considerou com satisfação a possibilidade de minha pesquisa se desenvolver mediante intervenção, pois ela sentia falta de notícias e programas diversificados. Expliquei-lhe que, após a pesquisa, eu poderia colaborar voluntariamente com a rádio; no entanto, durante o desenvolvimento do trabalho, meu objetivo principal era identificar como funcionavam os clubes e, nesse caso, a intervenção provavelmente alteraria os resultados. Posteriormente, no início do ano letivo de 2017, o diretor da escola esboçou o mesmo desejo.

Quanto à manutenção dos equipamentos, de fato, a realidade dos Clubes de Rádio ratifica o que os pesquisadores apontaram em suas observações participantes. As escolas que receberam equipamentos radiofônicos via política pública do Programa “Mais Educação” não recebem o acompanhamento e custeio necessários para sua conservação e efetiva utilização. Os integrantes do Clube Bonsucesso apresentaram várias queixas com relação aos microfones quebrados, aos cabos de áudio danificados e à ausência de computador para organizar a lista de músicas. As *playlist* (lista musical) são amplificadas via aparelhos celulares acoplados à mesa de som por cabos de áudio, muitas vezes trazidos de casa pelos monitores do clube. Durante algumas visitas, presenciei estudantes baterem à porta do estúdio e entregarem o seu próprio *smartphone* com a música selecionada para que fosse executada. No Clube Kennedy, eles usam bastante o *pendrive*, mas cheguei a observar também o uso de um *notebook*.

As pesquisas do eixo Rádio Escolar e Tecnologia apresentaram aspectos da realidade contemplada em um dos clubes acompanhados. Além dos aparatos tecnológicos instrumentais, o uso de *sites* e *chats* de redes sociais serviram como recursos ramificadores do Clube de Rádio Kennedy, além da página do clube no *Facebook*, com fotos e vídeos das atividades da escola. Os participantes do clube usam o *chat* do mesmo *site* para discutir

assuntos internos do clube e trocar informações extras referentes ao universo juvenil, como exemplo: shows e vídeos engraçados. Além dos integrantes do clube, participam do *chat* a madrinha da rádio, a coordenadora da escola e também fui adicionada depois de algumas visitas. Quando questionei sobre o uso de outras alternativas, informaram-me possuir um outro *chat* no mesmo *site*, no qual participam apenas os integrantes da rádio, segundo eles, o “grupo das brigas”.

Ao ler as dissertações apresentadas no estado da arte e conflitá-las com a realidade acompanhada nos Clubes de Rádio, percebi que algumas categorias se apresentam como fundamentais na discussão proposta pelos objetivos desta pesquisa, dentre elas: 1) **Coletividade** - pelos clubes serem organizados e geridos coletivamente; 2) **Protagonismo** - tendo em vista a necessidade de perceber em que medida esse protagonismo se esboça ou se estabelece nos Clubes de Rádio; 3) **Convergência** – posto que o uso de dispositivos móveis tem funcionado de diversas maneiras como suporte para os Clubes de Rádio (na ausência de materiais e manutenção dos equipamentos), como potencializador da produção e replicação de fotos e vídeos resultantes de momentos interativos no espaço escolar, como concorrente da escuta coletiva da rádio, quando parte dos estudantes optam por seus fones de ouvido e sua própria lista musical, além da expansão da rádio para os *sites* de redes sociais; 4) **Midiatização da sociedade** – por discutir a inserção das Tecnologias da Comunicação no universo escolar como demanda de um processo sociocultural do qual a escola não está à margem; 5) **Interface Comunicação-Educação** – por apontar as abordagens teóricas que pensam caminhos e proposições para uma confluência que promova paralelamente o desenvolvimento educacional a partir de colaborações do campo da Comunicação e a democratização e uso crítico dos meios através da Educação, principalmente, na discussão do viés comunicativo, ainda pouco explorado nos estudos aqui contemplados.

Essas categorias serão discutidas a partir do referencial teórico proposto no capítulo seguinte, a fim de embasar as principais discussões imbricadas nas questões de pesquisa estabelecidas: 1) Os Clubes de Rádio, em suas relações internas e externas, têm promovido princípios de coletividade ou essas experiências de gestão e recepção têm sido atravessadas pelo não diálogo? 2) Tendo em vista que os Clubes de Rádio fazem parte de uma proposta maior que é desenvolver o perfil do estudante protagonista e autônomo, que aspectos de protagonismo se esboçam e/ou se concretizam nas experiências dos Clubes de Rádio? 3) Quais aspectos da cultura da convergência podem ser identificados nos Clubes de Rádio e como eles têm alterado as experiências que envolvem as atividades radiofônicas (gestão, produção e recepção)?

3. CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS DA SOCIEDADE EDUCATIVA MEDIATIZADA

3.1 A midiatização e as múltiplas aprendizagens

Os novos espaços proporcionados e mediados pelas engenharias comunicacionais, estabelecem um amplo território não só de identidades, mas de consumos, reiterado pelo que Paiva (1998) vai chamar de dispositivos ordenadores da lógica do mercado e do capital. A velocidade, o imediatismo, as potencialidades de interação, os fluxos de informações e a expansão de grupos de mídia compõem esse cenário, que vai requerer dos cidadãos um exercício reflexivo cada vez mais constante.

No entanto, quando pensamos em Educação na sociedade midiatizada temos uma disposição primária de tentar compreendê-la dissociada desse lugar onde é gestada e esquecemos, inclusive, que os processos educativos são contínuos, ubíquos e irrestritos, e, por essa razão, não se reduzem a espaços específicos e previamente intencionados como as instituições educacionais. Na tentativa de apontar essas dissonâncias como uma preocupação que extrapola questões da interface Comunicação-Educação, Braga (2001) nos conduz a compreender esse cenário a partir das complexidades próprias da sociedade mediatizada¹⁰. O autor utiliza essa expressão para “evitar atribuir à Mídia a determinação exclusiva de tal situação, e para enfatizar antes os modos como a Sociedade gera e direciona a Mídia”, fugindo do “reducionismo de considerar determinadas transformações como derivadas exclusivamente da influência da mídia”. (p. 2).

A primeira problemática de sua discussão são os espaços de aprendizado estabelecidos pela sociedade. Para as formas livres e espontâneas de aprendizado socialmente reconhecidas estão a família, a cultura e as aprendizagens práticas; para o saber formal, organizado e

¹⁰ Apesar de Braga (2001) utilizar o termo “mediatização”, estudos mais recentes têm utilizado, principalmente, o termo “midiatização”. Segundo Marcondes Filho (2015), essa alteração tem se fundado na horizontalização dos meios, a partir da apropriação desses pela base social, numa mudança que amplia os usos e acessos. No entanto, para ele não há diferença contundente que nos permita substituir um termo pelo outro. Marcondes Filho pontua, inclusive, a defesa deste termo pelos teóricos da Universidade do Vale dos Sinos, mas não se dá por vencido: “Não fica claro em que “midiatização” difere da *mediatização*, visto que se trata apenas de um deslocamento do eixo de poder, de um para vários, sendo que as tecnologias permanecem as mesmas, agora mais modernizadas, mas para ambos os lados”. (p. 140) No entanto, é crescente a recorrência do termo “midiatização” nos estudos brasileiros, sobretudo, após a descentralização dos meios provocada pelos avanços da tecnologia digital. Assim, considerando a profundidade das alterações provocadas por esse deslocamento e suas complexidades (ponto importante desta pesquisa), não pretendemos aqui destoar dos pesquisadores que se utilizam do termo “midiatização” e que se propõem a estudar as implicações socioculturais decorrentes da midiatização enquanto um novo *bios*, o *bios* virtual, uma nova forma de ser e viver em sociedade. (SODRÉ, 2010; FAXINA & GOMES, 2016).

intencionado, a escola. Ao pontuar essa sistematização, ele imediatamente nos permite identificar a exclusão do campo midiático, proposto por ele como o quinto espaço de aprendizagem. Vejamos:

De modo mais interessante ainda, este quinto espaço não parece poder ser incluído em nenhum dos dois conjuntos em que organizamos os quatro espaços iniciais – nem no espaço espontâneo do mundo da vida, nem no espaço das intencionalidades educacionais. (BRAGA, 2001, p.5)

Ou seja, não há um reconhecimento social dos processos midiáticos como um método outro de aprendizagem, o que pode ser tomado como uma grande negligência, considerando as novas configurações socioculturais em que as sociabilidades são intensa e significativamente intermediadas por possibilidades midiáticas. Assim sendo, Braga (2001) ressalta as distinções das aprendizagens oferecidas pelo campo midiático abrangendo as probabilidades do “aprender coisas boas e negativas”. (p. 6)

Diferente do aprendizado proposto pela educação formal, no espaço midiático a oferta de conteúdos e a profusão de produtos é ilimitada, motivo pelo qual a recepção vai exigir uma seleção, que passará por uma motivação e decisão pessoais. Esse consumo resultante de seleção, resistência, interpretação, interação com os meios, mensagens e conexão com vários outros sujeitos já implica aprendizagem, é o que pressupõe o autor. Uma aprendizagem, portanto, ampla, complexa e prática por se estabelecer a partir de situações de interação numa realidade vastamente midiaticizada. Convergindo com esse pensamento, Orozco (2014) afirma que os resultados dos processos educativos formais constituem apenas um tipo de aprendizado e que com a crescente interação com as telas, um novo paradigma educativo se estabelece possibilitando outras aprendizagens.

A mediação tecnológica nos processos de comunicação tornou-se elemento da cultura contemporânea, alterando o cotidiano das pessoas, suas formas de relacionar-se consigo mesmas, com o outro, com o mundo, permitindo compreender que a midiaticização social está para além das máquinas como bem esclarece Martín-Barbero:

O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para espessar-se, adensar-se e converter-se em estrutural. Pois a tecnologia remete hoje não à novidade de uns aparatos, mas sim a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras. Radicalizando a experiência de desencaixe produzida pela modernidade, a tecnologia desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições de saber, conduzindo a um forte apagamento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, arte e ciência, saber experto e experiência profana. O que a trama comunicativa da revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não é, pois, tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção

e distribuição de bens e serviços. A “sociedade da informação” não é, então, apenas aquela em que a matéria-prima mais cara é o conhecimento, mas também aquela em que o desenvolvimento econômico, social e político encontra-se intimamente ligado à inovação, que é o novo nome da criatividade e da invenção. (2014, p. 79)

A elucidação acima aponta a revolução provocada nas formas de aprender, apreender e produzir saberes a partir da mediação tecnológica como característica estrutural da sociedade contemporânea. No entanto, como essa mediação social tem refletido no campo educacional formal? Apesar de se intensificar com as possibilidades oriundas das redes telemáticas, a mediação escolar não é tão recente. O livro foi uma tecnologia utilizada pelas instituições educacionais para mediar formas de aprendizado, assim como os jornais, antes do século XX. Contudo, as instituições escolares que sempre acompanharam as exigências sociopolíticas, viram-se ainda mais pressionadas a partir dos efeitos mercadológicos globalizantes, como bem ratifica Citelli (2004):

Os imperativos impostos pelo desenvolvimento do capital e os requisitos do mercado trataram de ajustar, rapidamente, a ordem escolar aos novos padrões da razão instrumental, colocando uma espécie de pá de cal naquilo que poderia ter sido o desejo de civilizar o cidadão. (p. 104)

No entanto, Martín-Barbero (2014) nos incita a superar a visão crítica desse fato, levando-nos a centrar a atenção no fato de que

[...] o que aí está em jogo não é apenas a hibridização das lógicas globais do capital com as novas expressões de um exotismo a ser admirado ou denunciado, mas profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias, e especialmente entre as novas gerações, que não deixaram de ler, mas cuja leitura já não corresponde à linearidade/verticalidade do livro, e sim a uma ainda confusa mas ativa hipertextualidade, que, de algum lugar dos quadrinhos, dos vídeos publicitários ou musicais e, sobretudo, dos *videogames* levam à navegação na internet. (p. 92)

Por essa razão, superando a lógica capitalista em jogo, o que o autor ressalta e é de extrema relevância aqui é que a escola precisa assumir os meios comunicacionais como estratégia inerente à estrutura cultural vigente. Não trazer os aparelhos apenas com a finalidade de cumprir uma exigência do estado, do mercado. Ao contrário, o objetivo deve ser incorporá-los ao cotidiano escolar para conectar as vivências do ambiente escolar às experiências basilares que estão postas fora dela, explorando suas potencialidades de aprendizagens e ações cidadãs.

Separar educação de mediação em contextos atuais é tarefa impossível. Os indivíduos estão mediados, professor e estudante. Logo, a escola também está. Não dá para pensar uma escola que se comporta de duas formas, até aqui o tradicional, a partir daqui, o moderno. Ela não está deslocada da sociedade, ela é demanda social e, por isso, precisa se

reconstruir a partir das múltiplas formas de aprendizagens midiaticizadas, não para atrair o estudante, mas para potencializar suas possibilidades de interação e aprendizado.

A observação participante, bem como a elaboração do estado da arte, permitiram perceber que as escolas pesquisadas que incorporaram os meios de comunicação ao seu ambiente, sobretudo, a rádio escolar, não o fizeram a partir do legítimo reconhecimento das aprendizagens múltiplas que se estabelecem com e a partir da midiaticização, mas muito mais pela oportunidade de acesso aos equipamentos, via política pública. As experiências descritas pelos pesquisadores em rádio escolar apontam o evidente desconhecimento da potencialidade dos meios no universo escolar, e até por isso muitas escolas possuem os equipamentos, mas as rádios mantêm-se desativadas; outras, no entanto, funcionam com uma programação limitada, sem apoio direto de professores e da gestão, apresentando-se meramente como uma atividade extra para os estudantes completarem o seu tempo.

Ao refletirmos sobre o uso educativo dos meios, é necessário, primeiramente, compreendermos o seu caráter educativo. Se, pois, os próprios meios são educativos por possibilitarem outros aprendizados, logo não há como desvincular Educação de Midiaticização quando essas transitam juntas pelo mesmo caminho. À medida que os meios de comunicação foram atingindo proporções cada vez maiores e mais significativas nas estruturas sociais, surgiu a necessidade de se pensar as possibilidades, os usos e os efeitos desses nos espaços formais e não formais de Educação. Nesse sentido, olhares atenciosos, utópicos e preocupados foram delineando conceitos e abordagens para estabelecer posicionamentos e mesmo projeções acerca da interface promovida pelos dois campos.

3.2 Comunicação-Educação – Abordagens para a interface

A Comunicação é transdisciplinar por natureza. Pensar educação, cultura, ou qualquer outra área inerente ao ser humano e suas práticas sociais sem agregar a Comunicação é deixar à margem um relevante aspecto desse processo dialógico. Como já foi discutido anteriormente, é necessário apontar que essa relação se dá para além dos meios, no caso da Comunicação, e para além das práticas formais de ensino, em se tratando da Educação, corroborando para a compreensão de que ambas se atravessam organicamente. No entanto, enquanto duas áreas diferentes de saber, com suas próprias teorias e práticas, esses campos construíram e consolidaram seus espaços específicos. Mas, essa distância tem se dissolvido gradativamente desde o século passado e os resultados provenientes de suas interfaces têm

revelado as potencialidades dessa reciprocidade.

Para Freire (1977), a comunicação, compreendida como troca de conhecimentos possui uma dimensão educativa que deve ser levada em conta já que Educação é Comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Um dos maiores inspiradores das práticas alternativas de educação popular em toda a América Latina, Freire condena o ensino industrial ou bancário, onde a mera transferência de conteúdo é imperante nas relações de aprendizagem. Com o propósito sinérgico de contribuir para a emancipação do estudante em sua integralidade é que caminham a Educação e a Comunicação.

A demanda escolar tem apresentado, sobretudo na contemporaneidade, uma geração que se desenvolve paralelamente com os aparatos de TV, computador e dispositivos móveis. Assim, todas as mudanças propiciadas pela tecnologia, absorvidas de imediato pela mídia, precisam ser inseridas no cotidiano escolar de maneira transdisciplinar.

Talvez o ângulo de interação mais relevante entre os dois campos seja esse espaço de transdisciplinaridade, no qual os processos, conceitos e reflexões de um campo sejam postos, todos, a serviço do desenvolvimento do outro campo, através de um trabalho comum. (BRAGA & CALAZANS, 2001, p. 70)

Esse paradigma transdisciplinar tem constituído um caminho de possibilidades que não só amplia as perspectivas acerca do currículo escolar, mas abre os ambientes escolares para trocas ricas e diversas, além de contribuir sobremaneira para a afirmação de um currículo fundamentado na construção de saberes que rompem com a linearidade dos conteúdos fixos e rígidos das disciplinas, promovendo uma reflexão das temáticas a partir do viés social.

[...] A transdisciplinaridade representa uma etapa superior que se sucede à interdisciplinaridade, que situa as relações ou reciprocidades entre as diversas disciplinas no interior de um sistema total, tomando por base uma axiomática geral compartilhada capaz de instaurar uma coordenação, em vista de uma finalidade comum (PEDUZZI, 2000, p. 127)

A educação formal não pode mais se restringir aos livros. Imagens, audiovisuais, redes sociais, músicas, todos são elementos que fazem parte de uma construção de significados que a escola precisa abraçar. Nesse contexto, o processo educativo acaba por exigir novos mecanismos de compreensão e apreensão do conhecimento. É nesse ambiente de difusão instantânea de informação que professores e estudantes têm novas e múltiplas experiências, que não limitam a escola como único espaço de aprendizagem e, por isso, ela (a escola) precisa agregar estratégias que proponham em seu ambiente interação e participação, tornando-o mais atrativo, colaborativo, cidadão e democrático.

Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os *novos campos de experiência* surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E em segundo lugar, com os *novos modos de representação e ação cidadãos* que a cada dia são mais articuladores do local com o mundial. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 53- grifos do autor)

Diante desses novos cenários é que muitas abordagens dessa interface têm surgido e se tornado campo fértil para estudos empíricos e teóricos. Educomunicação - Soares (2001), Comunicação Educativa, Kaplún (2001) e Mídia-educação – Fantin (2006) são algumas denominações para bases conceituais que caminham pragmaticamente para o mesmo objetivo: analisar, problematizar e promover o uso de mídias de forma crítica e criativa no seu fazer educativo, com a possibilidade de agregar cultura, educação e cidadania.

O neologismo Educomunicação, que em princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a ação, é o que diz Soares (2001). O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos são destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Ao propor apontamentos para uma história em construção, Soares (2014) credita à década de 1960, no Brasil e na América Latina, as primeiras experiências da Educação para a Comunicação. Nos anos sessenta os programas voltavam-se, principalmente, para a análise da produção cinematográfica; na década de setenta o autor destaca a proliferação de projetos como “educação para a televisão”, “formação da consciência crítica” e “leitura crítica da comunicação” e ressalta ainda a formação de um movimento latino-americano composto por pensadores como Juan Diaz Bordenave (Paraguai), Paulo Freire (Brasil), Mario Kaplún (Uruguai), Daniel Pietro (Argentina), Eduardo Contreras (Equador), entre outros.

A força do pensamento latino-americano no campo da comunicação para o desenvolvimento, com ênfase no planejamento participativo, levou ao redimensionamento dos procedimentos investigativos, exerceu profunda incidência na construção do conceito da Educomunicação, como gestão de processos comunicativos (...) (p. 10)

Seguindo a cronologia desenhada por Soares (2014), em 1980, a ação articuladora da UNESCO no debate sobre desenvolvimento, projetou a aproximação comunicação-educação a partir de políticas públicas resultando no Projeto Principal de Educação na América Latina e

Caribe. Os educadores e pensadores sintonizados com o Projeto se referenciavam na luta pela democratização das políticas de comunicação no continente, afastando-se das teorias apocalípticas originadas na escola de Frankfurt.

O fato afastou, definitivamente, um grupo de ativistas latino-americanos vinculados ao movimento social e a grupos de pesquisa universitários, das visões tradicionais, centradas no fenômeno midiático, inerentes aos conceitos da *media education* europeia e da *media literacy* norte-americana, colocando-os no caminho de busca por um novo sentido de se fazer educação para a comunicação. (p. 11)

Na década de 1990, mediante a influência acadêmica dos estudos culturais, o fomento da perspectiva dialética no consumo midiático tocou os estudos sobre a interface Comunicação-Educação, e disso resultou o crescimento de pesquisas na América Latina¹¹ e a realização de eventos na Europa com a participação de pesquisadores e coordenadores de projetos (espanhóis, franceses e portugueses), bem como de especialistas de fala inglesa. De acordo com Soares (2014):

Buscava-se uma aproximação entre estes dois universos de pensamentos (com suas peculiaridades), em prol de uma causa maior: fortalecer a *media education*¹² em todo o mundo, garantindo espaço para que o Hemisfério Sul pudesse informar seus colegas do Norte (e vice-versa) sobre seus propósitos na área. (p. 14)

Essa aproximação motivou a realização do I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, ocorrido em 1998, a partir da iniciativa do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, coordenado por Soares. O conceito de Educomunicação começou a ser esboçado, portanto, no final da década de noventa e ainda representa um campo em construção. Para Soares (2014),

o conceito de “educomunicação” pressupõe a autonomia epistemológica de sua ação, uma vez que busca sua sustentação não exatamente nos parâmetros da educação (de suas filosofias ou didáticas), ou mesmo da comunicação (de suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais). (p. 17)

O encontro entre esses dois campos e o interesse pelas questões oriundas dessa interface, como pontuado no início desse tópico, vem de mais longe. Kaplún (2001) nos aponta os primórdios do que ele chama de Comunicação Educativa, a partir de uma experiência concreta que ele considera singularmente reveladora: o jornal escolar de Freinet. Kaplún acredita que voltar a 1920 e observar o exercício desse educador a partir das

¹¹ Segundo Soares (2014), “na América Latina, merecem destaque a contribuição de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco. No Brasil, devem ser lembradas as pesquisas de Maria Immacolata Vassallo Lopes e Mauro Wilton de Souza” (p. 13).

¹² Quanto aos expoentes da *media education*, Soares aponta os britânicos Len Masterman e David Buckingham.

notas feitas por ele durante suas aulas é como ir à gênese da comunicação educativa: “Aflora nelas a matriz de toda uma concepção de comunicação educativa (ou mais ainda, de educação comunicativa)”. (p. 21) (tradução da autora)

Diferente de muitas propostas realizadas em contextos atuais, o autor destaca que Freinet não estabeleceu o jornal como uma atividade “extracurricular”, antes o inseriu no espaço da sala de aula como uma possibilidade educativa que promoveu mudanças em toda a dinâmica de ensino/aprendizagem. Assim, todas as atividades eram incentivadas pelo educador, mas realizadas pelos estudantes. Na produção dos artigos jornalísticos, as crianças imergiam na própria realidade, pesquisavam, realizavam entrevistas, enquetes, observavam, calculavam e não apenas redigiam, mas ilustravam, desenhavam e imprimiam o jornal que seria lido por outras pessoas. Kaplún (2001) destaca nessa pedagogia freinetiana, elementos importantes como a autoaprendizagem, a concepção coletiva do processo educativo, a autoeducação orientada, o entusiasmo dos educandos gerado pela didática, a socialização dos produtos, a valorização da autoexpressão e o senso crítico para com os meios de comunicação a partir da familiarização das condições de produção de um jornal, registro de que a midiaticização, em seus diferentes graus, também não é um movimento recente.

De acordo com Aparici (2014), esse movimento educomunicativo destinado a pensar caminhos provenientes do elo Comunicação-Educação aconteceu quase que simultaneamente e sem vinculação entre si, em vários lugares e com nomenclaturas diferentes. “Nos Estados Unidos com o nome *media literacy*, no Reino Unido, *media education*, e na Finlândia, educação liberal popular audiovisual”. (p. 30)

A abordagem conhecida como mídia-educação ou educação para as mídias, é utilizada no Brasil pela pesquisadora Mônica Fantin. Segundo ela, a mídia-educação diz respeito a um “objeto de estudo” que tem crescido e ganhado legítima importância na atualidade, pois a escola tem recebido uma geração extremamente conectada com as novas mídias e, por essa razão, a mediação crítica e educativa faz-se cada vez mais necessária nesse processo. (FANTIN, 2006)

Os Estados Unidos e a Inglaterra também se dedicam a trabalhos cujas áreas de intervenção social aliam a Comunicação à Educação. Quais sejam: A *information literacy*, referente às mediações tecnológicas nos espaços educativos, e a *media literacy*, que funcionaria como uma proposta de educação frente à mídia, sendo esta o elemento cultural estruturante. Nos Estados Unidos uma pesquisa realizada entre 1999 e 2000 pela *Marquette University*, localizada em *Milwaukee, Wisconsin* (EUA) aponta a relação direta da comunicação no sistema educacional estadunidense a partir dessas duas áreas de intervenção.

Na Inglaterra, a *media literacy* torna-se política pública em 2003 por conta do ávido crescimento do consumo midiático, alavancado pela inserção da TV digital no país. Apesar das inúmeras possibilidades semânticas proporcionadas pelo termo *literacy*, a *media literacy* pode ser compreendida como uma competência midiática que, perante o contexto midiático do mundo contemporâneo, permite uma decodificação e apropriação dos meios, a partir, sobretudo, de seus aspectos culturais.

A media literacy, no sentido proposto por Bauer, reveste-se assim dos contornos de uma proposta de apropriação dos meios de comunicação dentro de um contexto educacional não específico para o estudo das mídias, mas as inclui entre seus temas. Não se trata, portanto, de um estudo crítico dos meios de comunicação, mas de pensar criticamente os meios em sua relação com a cultura e, ao mesmo tempo, levar em conta o uso que se faz dessas mídias nas múltiplas dimensões da experiência. Viver em uma sociedade midiática demanda o domínio de competências, em primeiro lugar, para o próprio reconhecimento dessa “cultura da(s) mídia(s)” como o espaço no qual outras instituições e práticas se articulam. (BAUER *apud* MARTINO & MENEZES, 2012, pág. 14)

Apesar de apresentarem determinadas peculiaridades, as abordagens conceituais visam beneficiar a comunidade estudantil apresentando-lhe possibilidades práticas e de reflexão, a fim de dotá-la de conhecimento necessário para discernir criticamente os produtos midiáticos, bem como usufruir do potencial que a comunicação no espaço escolar pode oferecer no que diz respeito às aprendizagens múltiplas.

Diante das mudanças ocorridas com a inserção das novas Tecnologias da Informação também em contextos escolares, torna-se ainda mais evidente a relação dialógica entre Educação e Comunicação e a necessidade de discutirmos uma outra categoria: a cultura da convergência.

3.3 A convergência para além dos dispositivos

Nas primeiras visitas feitas às escolas, um dos aspectos mais significativos percebidos foi a necessidade de discutir a cultura da convergência em ambientes escolares. Por todos os espaços, corredores, auditório/refeitório, pátio, biblioteca, é comum visualizar estudantes, sozinhos ou em pequenos grupos, fazendo usos diversificados do *smartphone*. A possibilidade de fotografar, fazer vídeos, pesquisar, utilizar as redes sociais, ouvir música, dentre outras atividades, fez do dispositivo um novo integrante do cenário vigente nos tempos livres do cotidiano escolar. A verificação dessa realidade atesta, portanto, a rádio como mais uma possibilidade de interação e comunicação nos intervalos e períodos ociosos, considerando-se a

presença de um concorrente e/ou convergente disputando a atenção e o tempo dos estudantes, alterando o espaço, a sociabilidade e até mesmo a forma de operacionalizar a própria rádio.

A cultura midiaticizada tornou-se elemento social estruturante e a escola apresenta-se, portanto, como mais uma instituição atingida pelas novas complexidades oriundas desse processo. Os recentes dispositivos móveis, compactos e inteligentes, possibilitaram o acesso e comunicação facilitados aos mais variados fluxos de conteúdo, permitindo um consumo ativo e contínuo nos mais variados lugares. Nesse sentido, a mediação tecnológica tem imperado, estendendo para os novos aparatos funções que estão para além de suas meras habilidades eletrônicas. Assim, tomaremos por conceito basilar de convergência a definição de Jenkins (2009):

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejem. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (p. 29)

Algumas questões importantes precisam ser pontuadas no que diz respeito à convergência, pois, como bem pontua Jenkins (2009), ela “representa uma transformação cultural” (p. 30), logo é fundamental que compreendamos, a partir da concepção educativa (nossa abordagem de estudo), as faces desse fenômeno ainda em curso, que caracterizemos o sujeito dessa nova cultura e identifiquemos como tudo isso tem alterado o cotidiano escolar.

Primeiro, faz-se necessário esclarecer que mesmo diante de todo o fascínio apresentado pelos novos dispositivos e suas múltiplas funções, a convergência se dá por mecanismos de comunicação e inteligência humanas. Jenkins (2009) situa muito bem essa afirmativa ao esclarecer que “a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros.” (p. 30). Por essa razão, atentar para as possibilidades desses aparatos potencializarem construções coletivas de participação e aprendizagens é tão relevante quanto vislumbrar as facilidades proporcionadas ao consumidor individual.

Os espaços escolares estão midiaticizados, mas a escola ainda não se tornou mediativa. A presença da sala de informática, da rádio escolar e mesmo dos dispositivos móveis ainda não alteraram significativamente as concepções pedagógicas e curriculares, corroborando assim para um uso reducionista dos meios. As tecnologias por si só não garantem o êxito e o

envolvimento que se espera de uma atividade/experiência, por isso é indispensável compreender suas potencialidades a fim de integrá-las à cultura escolar em favor da motivação, do engajamento e da aprendizagem comum, colaborativa e compartilhada. Esse é, sem dúvida, um dos maiores desafios da escola contemporânea, considerando-se a demanda vigente e crescente. Nesse sentido, temos que:

A educação formal não pode permanecer alheia a mudanças tão significativas na criação, gestão, distribuição e recepção da informação. Os profissionais da Educação são obrigados a refletir constantemente sobre as implicações educativas que os desenvolvimentos tecnológicos trazem para a sociedade em geral, e para os ambientes educativos, de modo particular. (MARTÍN, 2014, p. 187)

Mais que midiaticizada, a escola precisa ser convergente. Antes da dimensão técnica e tecnológica, a escola precisa criar possibilidades para fazer convergir novas concepções de linguagem e aprendizado que conectem a realidade interna do ambiente escolar à sua realidade externa. “Diferentemente do que acontece na vida diária dos estudantes, os sistemas educacionais continuam concentrados, quase exclusivamente, na linguagem verbal”. (idem, p. 187) Imersos numa cultura imagética, de acesso imediato a fontes, dados e informações, os estudantes encontram no espaço escolar uma realidade paralela, ou melhor, divergente. Martín-Barbero conflui com essa concepção e corrobora:

[...] somente a partir da assunção da tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura, a escola poderá se inserir nas novas figuras e campos de experiência em que se processam os intercâmbios entre escrituras tipográficas, audiovisuais e digitais, entre identidades e fluxos, assim como entre movimentos cidadãos e comunidades virtuais. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 44).

Essa percepção de integrar ao desenvolvimento curricular e à aprendizagem formal as múltiplas linguagens é desafiadora em certa medida, horizontaliza a produção de conteúdo e conhecimento, descentralizando as relações de poder no interior das salas de aula. É certo que as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) não são prerrogativas para a descentralização e participação, mas facilitam e potencializam o desenvolvimento de exercícios colaborativos, lúdicos e criativos. Mesmo tendo em vista a realidade das escolas brasileiras em que as políticas públicas não são assistidas e o ambiente escolar não propicia as condições ideais para atividades com o uso das TIC's, a demanda atual exige que as possibilidades existentes, ainda que mínimas, sejam notadas e empreendidas. Todo esse esforço é necessário, pois a cultura da convergência operante na sociedade midiaticizada tem potencializado o sujeito prosumidor. “O *emerec* dos anos 1970 se transformou hoje, (...) no *prosumer*, um interlocutor das telas que é, ao mesmo tempo, *producer* e *consumer*,

consumidor que produz ou produtor que consome, em uma interação constante e enriquecedora”. (FERRÉS I PRATS, 2014, p. 268)

Jenkins (2009) destaca que a cultura da convergência é também uma cultura participativa, coletiva e que contrasta com as velhas noções de passividade, haja vista que os novos ambientes possibilitados pela evolução tecnológica (exemplo, as redes sociais) propiciam mais facilmente a participação e a criação de redes colaborativas de compartilhamento. Esse é o contexto macro do sujeito que chega às escolas e que se depara com uma realidade divergente, centrada num modelo tradicionalista “professor-aluno”, “emissor-receptor” tão criticado pelos postulados freireanos.

A lousa escolar deixou de ser a única tela educativa, depois da TV e dos computadores, chegou a vez dos dispositivos móveis. Em posse desses aparatos, os estudantes dispersos pelo espaço escolar protagonizam seus usos. Nesse sentido, o esforço educativo implica, não somente proporcionar uma reflexão crítica acerca das formas de utilização desses, mas, sobretudo, de garantir um uso expandido que englobe sua capacidade produtiva, interativa e de aprendizado. É importante, no entanto, destacar que a convergência não pressupõe substituição, mas ampliação de funções. A educação pelas múltiplas telas só potencializa e alarga os campos de aprendizagem, como ratifica Orozco (2014):

Já não se trataria somente de procurar elevar o nível crítico do público, como tradicionalmente foi postulado em esforços de “recepção ou leitura crítica” dos meios, mas de, mais do que qualquer coisa, elevar a capacidade produtiva, criativa e de qualidade da expressão dos sujeitos nos produtos que são intercambiados ao redor das telas. Aqui é preciso enfatizar que, a partir das possibilidades da interatividade e da convergência, desde a educação se abre um campo de oportunidades incalculável para reforçar, ampliar, orientar ou aprofundar a produção cultural, bem como para estimular a geração de conhecimentos e aprendizados. (p. 283)

Os aparatos tecnológicos da convergência são uma realidade nas instituições acompanhadas no processo desta pesquisa. O *smartphone* não se encontra apenas nos pátios e auditórios como um concorrente da rádio, alterando a proposta de escutas coletivas; mas, principalmente, como um suporte na rotina dos Clubes de Rádio. São eles que minimizam a falta de computadores para a seleção e transmissão musical, como também funcionam como gravador e portador de informes na ausência de microfones utilizáveis. Os clubes de rádio utilizam ainda a *internet* como uma importante possibilidade de comunicação, participação e divulgação de suas atividades, convergindo e ampliando para o espaço virtual as potencialidades do meio radiofônico.

3.3.1 Dispositivos e mídia sonora

O tópico anterior assinala a convergência para além dos dispositivos, principalmente porque essa pesquisa busca compreender as alterações que esses aparatos tecnológicos provocam nos ambientes escolares, destacando suas interferências e superando seu conceito técnico, a fim de, inclusive, situar o comportamento da rádio escolar, nas duas experiências acompanhadas, como um dispositivo de mídia sonora, ainda que engendrada institucionalmente com funções claramente definidas e voltadas para a coletividade.

Dentre os dispositivos móveis verificados nos períodos extraclasse, pelos corredores e auditórios, estão: os *smartphones*, *pendrives* e tocadores de música¹³ (que eles chamam de caixinha), todos funcionando, principalmente, a partir da modalidade de dispositivos sonoros portáteis, uma vez que a ausência de *internet* livre e gratuita restringe outros usos. Da mesma maneira, a rádio escolar que compartilha desses mesmos espaços socializa uma programação quase que estritamente musical, salvo alguns informes e leituras esporádicas de poemas, aproximando-se mais de uma proposta de experiência comunicativa de mídia sonora do que mesmo aos propósitos concernentes ao rádio, como veremos mais adiante.

Como os dispositivos móveis e a rádio escolar estabelecem nos ambientes investigados uma relação de práticas muito dialógicas, essa discussão se delineará mediante elementos oriundos e potencializados na cultura da convergência, atravessados, sobretudo, pela cultura sonora mediante a portabilidade dos arquivos de música para o formato digital. No entanto, vamos primeiro entender porque a rádio escolar se distancia do que seria, de fato, rádio e porque a consideraremos funcionalmente como um dispositivo de mídia sonora. Para isso, utilizaremos o conceito de dispositivo midiático levando em consideração sua multidimensionalidade tecnológica, linguística e sociológica. Afinal, mais que aparatos técnicos, os dispositivos estão envoltos numa complexidade maior que precisa ser considerada.

Ao propor um estudo sobre a televisão enquanto dispositivo midiático, Klein (2007) apresentou alguns conceitos e chaves de leitura importantes acerca do conceito de dispositivo. Klein (2007) aponta as aberturas e fechamentos dos estudos que se delinearão nas últimas décadas, chegando à conclusão de que os dispositivos precisam ser analisados a partir de sua totalidade; dentre todas as menções vistas em seu estado da arte, o autor chegou a três

¹³ As caixinhas de música tocam arquivos de mp3 mediante a conexão de *pendrive*, mas também possuem a função de rádio (AM e FM).

dimensões importantes para compreender o dispositivo midiático:

[...] podemos falar em três dimensões que abarcam, de certa maneira as outras: socioantropológica, semio-linguística, tecno-tecnológica. A dimensão socioantropológica do dispositivo midiático significa estar atento a tudo que é humano e social na comunicação midiática e que participa do processo produtivo. Por um lado, estão os sujeitos que são midiaticizados, sua cultura, sua vida, suas ações e suas instituições [...], mas por outro lado, estão os agentes midiáticos, sua formação, sua cultura e as instituições midiáticas envolvidas. Na dimensão semio-linguística do dispositivo, são destaque as operações de linguagem que participam da midiaticização, as quais oferecem múltiplas possibilidades de articulação ou desarticulação, bem como regras que criam significados por meio da utilização de códigos e símbolos organizados a partir dos enunciadores. O dispositivo enquanto dimensão técnico-tecnológica é o mais destacado nos estudos comunicacionais, especialmente quando se refere à produção e circulação de imagens. (KLEIN, 2007, p. 220)

Como já vimos no início deste capítulo, o processo de midiaticização tem provocado alterações profundas e estruturais na sociedade. Nesse sentido, o espaço escolar também tem se apresentado como um lugar de convergência de linguagens, tecnologias e interações múltiplas mediadas, inclusive, por variados dispositivos midiáticos. Por isso, a dimensão tríade que nos aponta Klein (2007) acerca do dispositivo nos permite compreender que tanto a rádio escolar quanto os dispositivos móveis inseridos nesse contexto educacional escolar se caracterizam como dispositivos midiáticos e se fundamentam nessas bases.

A priori, podemos dizer que o título de ‘rádio escolar’ é utilizado simbolicamente e que tal denominação pôde ter sido tomada por mimese, visto que as referências estão no que se propõe o rádio, assinalando, por exemplo, as escutas coletivas voltadas para o entretenimento e informação. No entanto, para marcarmos essa distância entre uma e outra proposta, tomaremos a definição, as especificidades e a leitura pedagógica do rádio assinaladas por Kaplún:

O rádio não é um veículo, mas, sim, um instrumento. Sem dúvida, um grande instrumento potencial de educação e cultura populares; e como todo instrumento, exige conhecê-lo, saber manejá-lo, adaptar-se às suas limitações e às suas possibilidades. Usar bem o rádio é uma técnica e uma arte. (KAPLÚN, 2008, p. 83)

O primeiro distanciamento se revela na falta de conhecimentos técnicos dos estudantes acerca do potencial radiofônico. Por conseguinte, para além de apenas saber operacionalizar a mesa de som, falta-lhes conhecer a linguagem e os recursos possíveis para a construção de programas radiofônicos cuja comunidade escolar ouvinte se identifique. Segundo Kaplún (2008), as possibilidades e recursos do meio se caracterizam pelo seu poder de sugestão, comunicação afetiva, empatia e relações de identificação, resumindo, assim, a eficácia pedagógica da mensagem radiofônica em nove pontos:

1. Ser interessante (...)
2. Aproveitar o poder de sugestão do meio.
3. Desenvolver uma variada gama de recursos expressivos, valendo-se não só da palavra, mas também da música e dos sons.
4. Criar uma comunicação afetiva.
5. Desenvolver a capacidade de empatia, fazendo com que o radiouvinte se sinta presente no programa e refletido nele.
6. Partir das necessidades culturais dos destinatários e responder às perguntas que estes reformulam.
7. Oferecer aos ouvintes elementos de identificação.
8. Limitar-se a apresentar poucas ideias e conceitos em cada emissão, saber reiterá-los e ser redundante sem cair na monotonia.
9. Realizar com criatividade. (...) a utilização de técnicas criativas é condição essencial da comunicação radiofônica educativa. (89)

É certo que a visão de Kaplún (2008) se apresenta centradamente na relação produtor, de um lado, e receptor, de outro. Isso significa dizer que, diante das novas propostas interativas do rádio, potencializado pelas novas tecnologias, as experiências de rádio escolar aqui analisadas se distanciam ainda mais do potencial interativo e expressivo do meio.

Nesse sentido, o verificado nas duas experiências de rádio escolar e nas narrativas tecidas pelos ouvintes (explicitadas a seguir no capítulo de análise) há muito mais distanciamento do que similaridades entre rádio e rádio escolar. A quase nula presença do locutor, da transmissão de notícias e compartilhamento de assuntos referentes ao universo educacional, a ausência de conhecimentos específicos para promover variedade de peças radiofônicas diminui concomitantemente o potencial das rádios escolares, como bem coloca Haye (2005), “(...) as propostas radiofônicas que só utilizam a música como ingrediente estão cerceando suas possibilidades de simbolizar o mundo através da palavra, uma vez que no verbo reside a capacidade de ordenar o cosmos”. (p. 351)

Por essa razão, ao desaproveitar seu potencial pedagógico, expressivo e comunicativo, a rádio escolar se apresenta funcionalmente como um dispositivo de mídia sonora, principalmente por atuar como uma reprodutora de *playlist* musical semelhantemente a outros dispositivos de áudio, diferenciando-se nos quesitos alcance e mobilidade. No caso do Clube Kennedy, em específico, é interessante lembrar que as experiências radiofônicas se dão por meio de uma caixa de som amplificada portátil e não por uma estrutura fixa como no Clube

Bonsucesso. Por isso, é fundamental afirmar que os princípios geradores das propostas de Clubes de Rádio e as potencialidades do meio diferem a rádio escolar dos demais dispositivos e, no entanto, o reducionismo dessas experiências investigadas é que tem ocasionado essa semelhança funcional das rádios escolares com outros dispositivos.

Foram verificados nos espaços escolares dispositivos móveis como *pendrives*, *smartphones*, *notebooks* e caixinhas de músicas. As TIMS – Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e Sem fio fazem parte desse novo contorno sociocultural que tem incorporado ao nosso cotidiano os mais variados aparelhos. A mobilidade impulsionada pela telefonia móvel tem provocado uma evolução constante das TIMS e desses dispositivos.

Entretanto, no final do século XX e no início deste século, presenciamos um novo fenômeno, que compreende a difusão da mobilidade por meio das TIMS, que nos têm possibilitado a comunicação e a utilização de recursos computacionais nos mais diferentes locais a qualquer tempo. (SACCOL, SCHLEMMER E BARBOSA, 2011, p.17)

Dos dispositivos móveis, o mais verificado nos espaços escolares foi o *smartphone*. “Um *smartphone* consiste em um *handheld* com acesso à telefonia móvel”. (idem, 2011, p. 43) Essa convergência (computador de mão mais telefonia móvel) possibilitou não apenas a mobilidade tecnológica das funções do computador agora presentes num aparelho telefônico, mas a mobilidade física dos sujeitos, bem como o sociointeracional e temporal. Esse fenômeno nos remete à portabilidade do rádio de pilha, cuja miniaturização foi possibilitada pela substituição das válvulas pelo transistor, modificando significativamente a experiência do ouvinte, que a partir de então pôde portar seu aparelho para diversos lugares. A cultura da portabilidade se verifica no Clube Kennedy, uma vez que mesmo não possuindo estúdio de rádio, a caixa de som amplificada portátil possibilita que as atividades do Clube de Rádio aconteçam. É certo que o acesso à tecnologia é desigual e está atrelado a questões econômicas; no entanto, mesmo na realidade das escolas periféricas foi possível perceber a presença das TIMS de forma relevante.

O fato de esses dispositivos servirem também como tocadores de áudio foi um elemento importante para essa pesquisa, tendo em vista alterarem os consumos de música na escola e permitirem que o indivíduo, inclusive, protagonize sua experiência sonora. Kischinhevsky (2009) acredita que, “no país, é a música, mais do que a possibilidade de ouvir rádio, que parece impulsionar as vendas de celulares. (...) A possibilidade de ouvir música e captar emissoras de rádio em telefones ocasiona usos inusitados destes aparelhos...” (p. 228) Usos esses que nos permitiram compreender que tanto os *smartphones* potencializaram a

rádio escolar, quanto esta os têm potencializado.

É importante destacar também a presença dos *pendrives* e dos tocadores de música (as caixinhas) nos ambientes escolares. No Clube Kennedy o uso do *pendrive* para arquivar e socializar as músicas era muito mais frequente que o uso do *smartphone*. E ainda, nas duas escolas foi perceptível a presença, ainda que quantitativamente tímida, das caixinhas.

Ao tratar dos dispositivos móveis, Kischinhevsky (2009) utiliza o conceito de portabilidade englobando também outros meios que, não obstante, renunciaram a mobilidade tal como ela se apresenta em tempos de convergência digital, dentre eles: o livro, o rádio a pilha, o *walkman* e destaca ainda que apesar de, num primeiro momento, esses dispositivos apresentarem uma ideia de consumo individualizado, seus usos têm demonstrado perspectivas de sociabilidade bem diversificadas.

E, embora a cultura da portabilidade à primeira vista ofereça uma noção de consumo individualizado, muitas vezes os conteúdos são ouvidos simultaneamente por duas pessoas (amigos, colegas, casais de namorados), já que a compressão de áudio pôs em segundo plano o fetiche da alta fidelidade na reprodução de sons em estéreo. Estas duplas costumam partilhar os fones no transporte coletivo ou em momentos de lazer e relaxamento (na praia, no parque, no intervalo das aulas), trocando impressões sobre o que ouvem ou apenas dedicando-se à fruição de músicas ou *podcasts*. (p. 229)

Apesar de a rádio escolar apresentar-se como um dispositivo coletivo de mídia sonora, os *smartphones* e as caixinhas também produzem usos para além do individual. O compartilhamento dos fones, do *smartphone* nas rádios pelos ouvintes para socializar sua escolha, das caixinhas que atraem pequenos grupos em torno de si só atestam essa transposição. Por isso, é possível afirmar que esses dispositivos não só fazem parte do contexto escolar como produzem um panorama múltiplo de sons, usos e sociabilidades. Todavia, a rádio escolar possui um território simbólico que soma potencialidades educativas, informativas, expressivas e interativas para toda uma comunidade escolar, o que justifica que haja investimento a fim de que supere o reducionismo verificado nessa pesquisa e nas demais apontadas pelo estado da arte.

3.4 A dimensão coletiva na concepção dos Clubes de Rádio

Os Clubes de Protagonismo pretendem promover e estimular o trabalho em equipe a partir da integração dos estudantes em atividades relacionadas às suas habilidades pessoais. Um dos passos descritos no manual destinado a explicar o que são os clubes e como implantá-los, é o contrato de convivência. Segundo o material cedido pela SME, todo grupo organizado

necessita de um contrato cujas regras tenham como finalidade a garantia do bom funcionamento das atividades e das relações internas da equipe.

É no Contrato de Convivência que estão presentes as regras que, se cumpridas, garantem que todos se relacionem muito bem em torno do trabalho a ser realizado. Nem sempre todos estão atentos aos seus direitos e aos seus deveres e, por isso, deixar as coisas claras poderá evitar uma série de problemas. (...) Nos Clubes isso também é importante, pois como se trata de um trabalho que envolverá diversas formas de agir e pensar sobre um mesmo objetivo, conhecer as regras e cumpri-las evitará conflitos desnecessários. (MANUAL CLUBES DE PROTAGONISMO, 2015, p. 25)

Tendo em vista que os Clubes de Rádio são gestados dentro de comunidades escolares e que essas estruturas institucionais objetivam o fortalecimento de vínculos baseados em compartilhamento, colaboração e unidade, sobretudo, por funcionarem sob a proposta de tempo integral, onde os sujeitos comunitários permanecem juntos por dois turnos consecutivos, de segunda a sexta-feira, e o senso de participação coletiva é uma ordem necessária. Por essa razão, a coletividade torna-se uma categoria fundante para esta pesquisa, pois a proposta e o contexto em que se inserem os Clubes de Rádio, objeto desse estudo, fundamenta-se em bases coletivas de gestão e desenvolvimento das atividades e na convivência diária de seus integrantes. Nesse sentido, a categoria será verificada nos processos de gestão, produção e recepção das atividades desenvolvidas pelos Clubes de Rádio e analisada a partir das visões compartilhadas, principalmente, por Martín-Barbero (2014) e Freire (1977), dois pensadores que destacam a comunicação, o diálogo e a convivência como elementos-chave para o êxito da construção coletiva.

No que Martín-Barbero (2014) chamou de primeira teoria latino-americana de Comunicação, Paulo Freire “vinculou o sentido da comunicação à geração de uma linguagem capaz de nomear o próprio mundo” (p.19). Dessa forma, a comunicação se coloca como imperativa no sentido de “pôr em comum”, de forma harmoniosa ou não, todos os elementos inerentes à convivência humana, a partir da linguagem. Vejamos:

A porta para a comunicação que nos abre Paulo Freire é basicamente para a sua estrutura dialógica. Pois há comunicação quando a linguagem dá forma à conflituosa experiência do conviver, quando se constitui em horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo. (idem, p. 29)

Essa experiência do conviver mediante o processo comunicativo nos aponta para as relações de convivência que podem ser observadas dentro da comunidade escolar. Convivência essa complexa e conflituosa, mas, ainda assim, um lugar onde os sujeitos dividem vivências, saberes e aprendizados, um ambiente de trocas extremamente fecundo às possibilidades de construção coletiva e democrática.

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. (FREIRE, 1977, p. 66)

Esse “pensamos” do qual fala Freire (1977) acompanha a proposta de gestão coletiva dos espaços sintetizada para os Clubes de Protagonismo. Por essa razão, além de estabelecerem um contrato de convivência para o bom desenvolvimento dos relacionamentos, os clubes também precisam pensar coletivamente um Plano de Ação. O manual que rege essa proposta pedagógica aponta o Plano de Ação como a “bússola do Clube” e deve conter: a missão, que representa o sonho dos integrantes do Clube; o objetivo, que deve estar atrelado às pretensões do grupo; os valores; os resultados esperados; as prioridades, estratégias, funções da equipe, plano de atividades e os resultados alcançados durante o ano letivo. Dessa forma, verifica-se que todo o plano exige um pensar coletivo, planejado e organizado.

As experiências e as aprendizagens na comunidade escolar se estabelecem a partir do coletivo, do compartilhado e ainda que cada indivíduo vivencie sua forma específica de aprendizado, todo o conhecimento se desenvolve na partilha. Nos Clubes de Rádio, a percepção da relevância da dimensão coletiva é ainda mais urgente, pois o resultado do trabalho desenvolvido internamente pela equipe responsável destina-se à toda escola, ou seja, é uma experiência coletiva para o coletivo. Portanto, assim como a escuta pretende dar-se de forma coletiva nos espaços coletivos/compartilhados da escola, o que acontece no estúdio (ou ao vivo no palco do auditório), antes e depois precisa ser participativo, integrado, dialogado.

A dimensão coletiva de todo e qualquer propósito precisa se estabelecer mediante o diálogo e este pela comunicação, pelas palavras que são lançadas ao outro em busca de respostas, de outras palavras, semelhantes ou diferentes. Diálogo implica alteridade, mais “nós” do que “eu”. Nesse sentido, portanto, Martín-Barbero (2014) propõe a assertiva de que “dialogar é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam. É lançar as bases para uma posse coletiva, comunitária, do mundo”. (p. 33).

Nesse contexto, em tempos de convergência, as possibilidades de experiências serem gestadas coletivamente se ampliaram significativamente. Jenkins (2009) refere-se, nessa ordem, à cultura participativa, que incentiva as interações a partir dos consumos midiáticos protagonizados pelos indivíduos. Para o autor, o consumo tornou-se um processo coletivo e, por essa razão, a ideia de inteligência coletiva, discutida por Pierre Lévy (2003) constitui-se uma fonte alternativa de poder midiático operante nas interações cotidianas, que funciona de forma a agregar conhecimentos, habilidades, recursos de diversos indivíduos num mesmo

espaço, construindo, portanto, coletivamente, inteligência e poder. Ainda que esse poder esteja sendo usado principalmente para finalidades de entretenimento, as possibilidades dessas trocas se ampliarem para questões de finalidades políticas são reais e iminentes.

Desta forma, a dimensão coletiva das construções realizadas em torno dos Clubes de Rádio será também analisada a partir da cultura da convergência, sobretudo, mediante a verificação de como e quais recursos estão sendo utilizados com o propósito de potencializar a participação dos integrantes do Clube, da comunidade escolar com a rádio, e mesmo perceber como tem se caracterizado a recepção da programação radiofônica após o uso dos *smartphones* (em que medida tem sido alterado o propósito de escuta coletiva).

Tendo em vista que as tecnologias não garantem a horizontalidade participativa, mas as formas como são utilizadas é que podem ou não definir esse propósito, torna-se interessante, portanto, identificar de que forma os elementos da cultura convergente têm sido incorporados nesses processos experimentados em ambientes escolares.

3.5 O Protagonismo Juvenil e seus discursos

Essa categoria atende a um pertinente aspecto de problematização da pesquisa, a julgar pelos Clubes de Rádio se desenvolverem mediante a proposta pedagógica de Clubes de Protagonismo. Por essa razão, torna-se importante identificar os caminhos teóricos que compreendem os diferentes aspectos dos discursos acerca do protagonismo juvenil.

Vamos, primeiramente, retomar a designação que já foi apresentada no Capítulo 1 acerca do que são e o que pretendem os Clubes de Protagonismo. De acordo com o material utilizado pela SME de Fortaleza, os Clubes são

um espaço destinado ao estudante no qual, através da sua experiência, ele poderá desenvolver diversas competências e habilidades fundamentais à criação do seu Projeto de Vida, como por exemplo, a autonomia, a capacidade de trabalhar em equipe e de tomar decisões, a auto-organização e muitas outras. (...) Possibilita a integração dos estudantes, bem como a oportunidade de aprender elementos indispensáveis para se tornar um protagonista. O Clube é organizado a partir de uma determinada área de interesse e, a partir disso, os membros desenvolvem atividades que proporcionam trocas de informações, de experiências e aprendizados importantes relacionados ou não à vida escolar. (MANUAL CLUBES DE PROTAGONISMO, 2015, p. 4)

Em diálogo com a Coordenadora e a Professora de Protagonismo de uma das escolas acompanhadas, concordamos que todo o trabalho desenvolvido pelos professores e gestores da escola buscam fazer com que o estudante reflita suas atitudes, comportamentos e decisões

à luz do protagonismo. Em minha primeira visita para a construção do diário de campo, deparei-me com uma situação bastante significativa nesse sentido. Eu estava conversando com a Coordenadora, que gentilmente me falava a respeito do funcionamento do Clube de Rádio, quando uma estudante, que havia entrado na Secretaria em busca de informações, esbarrou num objeto da sala e não o recolheu do chão. A Coordenadora, então, chamando-a pelo nome, questionou se essa era a atitude de um protagonista. A menina, possivelmente constrangida com a pergunta e/ou com minha presença, colocou de volta o objeto no lugar. No decorrer das visitas seguintes, percebi em situações semelhantes, que o discurso do protagonismo era sempre recorrente.

Esse modelo pedagógico, fundamentado no Protagonismo Juvenil, utilizado por Escolas de Tempo Integral em Fortaleza, não é uma proposta relativamente nova. O enunciado, que surgiu em 1985, em contextos internacionais, com diretrizes voltadas para a esfera da juventude cujas temáticas eram, principalmente, paz, desenvolvimento e participação, começou a influenciar políticas públicas e instituições de educação brasileiras desde meados de 1990. Alguns projetos foram cruciais para demarcar a história de reverberação desse discurso no Brasil, dentre eles: o PRADJAL (Programa regional de ações para o desenvolvimento da juventude na América Latina) em 1993, gerenciado pela OIJ (Organização Ibero-americana de Juventude); o Programa de Ação Mundial para os Jovens até o ano 2000 e anos subsequentes”, aprovado em 1995 pela ONU (Organização das Nações Unidas); a criação do Setor de Pesquisas e Avaliações, com intuito de subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas para a juventude, pela UNESCO do Brasil (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 1997 e o “Cidadania dos Adolescentes”, lançado em 2002 pela UNICEF Brasil (Fundo das Nações Unidas para a Infância), que organizou uma ampla coleta de dados em todo o país, gerando um relatório que recebeu o título de “A voz dos adolescentes”. (DE SOUZA, 2006)

Nessa esteira, um expoente no discurso acerca do protagonismo juvenil no Brasil foi o pedagogo Antônio Carlos Gomes da Costa, importante colaborador do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e grande incentivador de políticas públicas relacionadas ao Protagonismo Juvenil. Em seus trabalhos, o autor discute as bases do protagonismo (educação e juventude), a compreensão e prática protagonista, caracterizando o jovem protagonista como autônomo, solidário e competente. Costa (2004, 2006) compõe, inclusive, as referências bibliográficas utilizadas no manual adotado pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, cujos princípios estipulados para o desenvolvimento dos Clubes têm sua base nos quatro pilares da Educação (aprender a ser, aprender a aprender, aprender a fazer

e aprender a conviver), e formam os propósitos para sua implementação. Esses pilares, postulados para a UNESCO, no final da década de 1990, pelo então coordenador da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, Jacques Delors, foi revisitado por Gomes da Costa sob a perspectiva do protagonismo juvenil:

No campo do desenvolvimento pessoal (aprender a ser), a prática do protagonismo contribui para o desenvolvimento do senso de identidade, da autoestima, do autoconceito, da autoconfiança, da visão de, do nível de aspiração vital, do projeto e do sentido da vida, da autodeterminação, da autorrealização e da busca de plenitude humana por parte dos jovens. No campo da capacitação para o trabalho (aprender a fazer), o protagonismo propicia ao jovem, através de práticas e vivências estruturantes, o desenvolvimento de habilidades como autogestão, heterogestão e co-gestão, ou seja, ele aprende a lidar melhor com suas potencialidades e limitações (gerir a si mesmo), a coordenar o trabalho de outras pessoas (atuar sobre a atuação de outros) e agir conjuntamente com outros adolescentes e adultos na consecução de objetivos comuns (trabalho em equipe). Nesse sentido, o protagonismo juvenil diz respeito à atuação criativa, construtiva e solidária do jovem, junto a pessoas do mundo adulto (educadores), na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (COSTA e VIEIRA *apud* SOUZA, 2016, p. 60).

Todavia, essa construção do discurso do protagonismo juvenil como uma tentativa de integrar e possibilitar ao jovem socialmente vulnerável caminhos para sua autonomia, embora esboce uma preocupação com o desenvolvimento integral desses sujeitos e, nesse sentido, inspire modelos pedagógicos educacionais com esse propósito, abriga contrapontos relevantes e necessários de serem discutidos.

De Souza (2006) analisa essa emergência contextual e conceitual nas esferas internacionais e nacionais, questiona aspectos relevantes da obra de Gomes da Costa e apresenta uma visão materialista acerca dos discursos e políticas públicas referentes ao Protagonismo Juvenil. Ao delinear o crescimento de tal discurso no Brasil, ela atribui a força dessa reverberação não apenas às condições sociais propícias à sua adesão, mas, inclusive, ao compartilhamento desse projeto por um combo formado por organismos internacionais, governos, ONGs, meios de comunicação e pesquisadores acadêmicos que paralelamente chegavam a estar imersos nas demais esferas. Para a autora, o protagonismo defendido nos discursos governamentais oficiais e esboçado em políticas públicas, destina-se sobretudo à juventude pobre que, por deficiências do próprio Estado, precisa ser integrada, incluída e moldada. Sendo assim, o discurso que caracteriza esse jovem protagonista tem por finalidade abastecer a mão de obra do mercado de trabalho, ocasionando um aparente equilíbrio social, e conferir ao próprio jovem a responsabilidade de seu projeto de vida. A autora defende que nesse contexto, que ela prefere chamar de cenário, o jovem protagonista é apenas um ator encenando uma realidade. Logo, os modelos educativos baseados no Protagonismo Juvenil

não são suficientes para garantir os exercícios de cidadania a que se propõe.

Barbalho (2014) confere ao discurso do protagonismo juvenil, uma preocupação que se estabelece a partir da perspectiva de uma política nociva e perversa que forja no jovem uma visão centrada em si mesmo, uma expectativa individualista acerca de seu futuro, sua história, primando pelas suas habilidades pessoais, investindo, como um bom empreendedor, em si mesmo. Nesse sentido, esvai-se a noção de coletividade tão cara à luta pela promoção de direitos coletivos destinados, sobretudo, às minorias.

O propósito desta pesquisa, à luz dessa categoria, é identificar ações protagonistas que partem das vivências nos Clubes de Rádio. Ações que resultam da capacidade própria dos estudantes em gerir, criar, construir e ressignificar seus espaços e experiências mediante as possibilidades comunicativas presentes no contexto escolar, a partir, principalmente, dos saberes que eles trazem consigo.

Ser no mundo antes de estar na escola, o jovem que se desloca da casa à sala de aula leva consigo conhecimentos, muitos de senso comum, que entrarão nalguma instância, ainda que sob a forma do silêncio (...). Deve-se reconhecer que os processos de inclusão, exclusão, redefinição de temas e problemas dialogam, necessariamente, com um campo de experiências individuais e coletivas enraizadas na vida do aluno: de certa forma, os sentidos gerados pelo discurso formal escolar serão mais ou menos significados em função dos limites dados por aquele campo de experiências. É desse jogo (dialogal) entre o conjunto de permanências trazidas com o conhecimento preexistente – e em que devem ser incluídas as linguagens e mensagens dos meios de comunicação e das novas tecnologias – e os desafios propostos aos educandos que resultam os contornos e as configurações do que podemos chamar, agora com maior propriedade, de os sentidos. (CITELLI, 2004, p. 123)

Certamente nesses espaços de construção coletiva, os estudantes têm a oportunidade de no “fazer comunicativo” imprimir elementos de sua identidade cultural, de suas habilidades técnicas, criativas, seus talentos, de gerar sentido para uma participação prazerosa, engajada e entusiasmante. Tendo em vista a inexistência da nulidade do sujeito, o que se propõe é perceber o que escapa às regras, elementos de subversão que protagonizam e tornam peculiar a comunicação nos espaços educativos onde a mediação direta não é uma ordem, além de registrar e discutir os entraves ocasionados pelos autoritarismos hierárquicos nas experiências acompanhadas.

4. PERCURSOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico que envolve a verificação e análise de elementos para compreender uma realidade dinâmica, com sujeitos atuantes e determinantes em todo o processo de construção do objeto pesquisado é um desafio e tanto, e estende-se, principalmente, na busca por procedimentos adequados com a finalidade de responder aos questionamentos propostos pelo trabalho, sem com isso alterar incisivamente o espaço, o cotidiano e os indivíduos que compõem a pesquisa.

O contexto escolar, *locus* dessa pesquisa, é um ambiente complexo, constituído de relações de poder muito definidas e, por essa razão, as probabilidades do pesquisador ser submetido a olhares questionadores e mesmo temerosos são reais. A minha presença no ambiente escolar, em determinados momentos, e, equivocadamente, foi vista como a da avaliadora que estaria ali para, de alguma forma, emitir sobre as atividades, os participantes ou mesmo sobre os responsáveis pela escola, um juízo de valor, aprovação ou reprovação do que foi verificado.

A pesquisa desenvolveu-se em duas escolas de Ensino em Tempo Integral da Rede Municipal de Educação em Fortaleza, que aderiram em seus Clubes de Protagonismo às práticas educacionais de rádio escolar. Vale ressaltar que ao investigar a realidade das duas escolas não me propus a realizar um estudo comparativo, o propósito foi o de apresentar duas experiências diferentes, destacando suas semelhanças e peculiaridades. Tais escolas contemplam o Ensino Fundamental II, com turmas que vão do 6º ao 9º Ano. A primeira escola está localizada no Bairro Bonsucesso e a segunda no Bairro Presidente Kennedy. Apesar dos dois bairros pertencerem administrativamente à Secretaria Executiva Regional III (SER III)¹⁴, Bonsucesso localiza-se ao sul e Presidente Kennedy ao norte desse limite territorial.

Nas duas escolas tive uma excelente recepção, tanto pela gestão escolar quanto pelos estudantes. Não houve nenhuma situação que representasse obstáculo às visitas ou às reuniões; ao contrário, todos se mostraram receptivos à minha presença, ainda que, por algumas vezes, eu tenha sido confundida com uma avaliadora externa. Em duas situações específicas isso ficou bem marcado: primeiro, quando uma atividade do Clube de Rádio começou às pressas porque eu havia chegado para acompanhá-los e, logo mais, uma equipe da Secretaria de Educação também estaria ali para fazer o mesmo; segundo, quando fui questionada por alguns estudantes se eu estava fazendo a visita para avaliá-los. As duas

¹⁴ A cidade de Fortaleza possui, desde 1997, seu território dividido em seis Secretarias Executivas Regionais (SERs) e Regional do Centro, a fim de compreender administrativamente os seus 119 bairros.

situações ocorreram na mesma escola. Como a responsabilidade das atividades dos Clubes de Protagonismo é dos estudantes, aspectos como dispersão e descontinuidade afetam o bom funcionamento dos mesmos. Nesses termos, nas duas escolas pesquisadas, ouvi do núcleo gestor das instituições que os clubes estavam enfraquecidos, as atividades não estavam fluindo como deveriam e que seria excelente se eu pudesse ajudá-los. No entanto, verifiquei nesses “desabafos”, não somente a necessidade de um Educomunicador/monitor/professor responsável para mediar as atividades, mas também a tentativa dos diretores e coordenadores de apontarem as dificuldades dos clubes a fim de reduzirem minhas expectativas acerca do que eu esperava encontrar. É importante acrescentar que apesar de ter sido muito bem recebida inicialmente nas duas instituições, nas últimas visitas em uma das escolas, minha presença pareceu gerar um determinado desconforto, uma vez que a inatividade da rádio expunha, de certa maneira, a fragilidade tanto da gestão escolar quanto do próprio Clube de Rádio.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a observação participante não só exige a incursão do pesquisador em seu campo de trabalho, mas demanda, sobretudo, uma sensibilidade para compreender as entrelinhas do que não é aparente, do que não é dito. Por essa razão, a aproximação com o ambiente e seus sujeitos é que vão garantindo, gradativamente, que essa relação entre pesquisador e pesquisado se estabeleça da forma mais apropriada possível e os elementos subjetivos sejam lidos e interpretados com mais facilidade.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu, e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]. (GONÇALVES *apud* PIANA, 2009, p.169)

A metodologia escolhida já foi bastante utilizada por pesquisadores de objetos semelhantes, como verificado no estado da arte, e também como a mais adequada e fundamental para a coleta de dados. A observação participante é uma estratégia que facilita o procedimento de coleta no campo de estudo e alia a junção do papel do pesquisador (participante de algum modo) com a técnica real de coleta de dados (observação). ANGROSINO (2009).

Por sua vez, Peruzzo (2006) compreende a observação participante como metodologia, a partir de três modalidades que englobam a pesquisa: observação participante, pesquisa participante e pesquisa-ação. Para o autor, cada uma possui traços específicos, embora tenham como estratégia metodológica a inserção do pesquisador no ambiente pesquisado e o seu

compartilhamento da situação vivida pelo grupo ou pela comunidade, com propósitos investigativos. Em qualquer uma das modalidades, no entanto, o pesquisador pode aplicar técnicas complementares de coleta de dados, como a entrevista (tanto no formato semiestruturado, como a entrevista em profundidade), a história oral, por exemplo, a análise documental e o estudo de dados secundários.

As fontes de coletas de dados elencadas para a observação participante foram:

- Diário de campo para o registro de aspectos significativos da realidade observada, “(...) desde o ângulo da observação, o investigador está permanentemente alerta, e mesmo que participe, o faz com a finalidade de observar e registrar os distintos momentos da vida social”. (GUBER *apud* GOMES, 2013, p. 35) (tradução da autora).
- Rodas de conversa com integrantes do Clube para verificar como avaliam e interpretam (construção de sentido) as experiências proporcionadas pelo Clube de Rádio. Para Abade e Afonso (2008), a roda de conversa é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão. De forma semelhante, Miranda, Sampaio e Lima (2009) apontam para as características democráticas dessa metodologia, uma vez que as potencialidades das rodas de conversa estão presentes na medida em que possibilitam a criação de um campo perceptivo entre os jovens, onde cada um vê e é visto, sente e é sentido, sem hierarquias pré-estabelecidas.
- Entrevistas semiestruturadas aliadas ao formato das rodas de conversa, visto que “a entrevista semiestruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, busca levantar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa.” (BARROS & LEHFELD *apud* PIANA, 2009, p.179)
- Aplicação de questionários com o objetivo de ampliar a coleta de dados e conferir às *mímesis* I e III, elementos que permitissem delinear um perfil de cultura sonora dos estudantes e também acrescentar as percepções compartilhadas nas rodas de conversas, elementos concernentes à recepção dos Clubes. Essa estratégia metodológica teve apoio num planejamento amostral, por não ser possível acessar 100% dos estudantes de cada escola. De acordo com Gil (1999), o questionário é “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (p.128)

As visitas às escolas tiveram início no final do segundo semestre de 2016 e no ano letivo de 2017. O acompanhamento das atividades aconteceu dentro e fora do estúdio. Foram realizadas vinte e duas visitas ao longo da pesquisa, concentradas em quatro períodos intercalados: final de 2016, a título de conhecer as realidades e estabelecer o primeiro contato; início de 2017, para acompanhar o estágio inicial das atividades; junho de 2017, com o objetivo de verificar o desenvolvimento dos clubes e realizar as primeiras rodas de conversa gravadas; e no final do ano letivo (novembro e dezembro de 2017), para verificar o andamento das atividades, realizar as rodas de conversa com os integrantes dos clubes e com os ouvintes, aplicar os questionários e acompanhar uma atividade festiva em cada escola.

As visitas ocorreram durante os intervalos do almoço (11h30 às 13h), horário destinado às programações radiofônicas, salvo nos dias de atividades comemorativas. Minha primeira iniciativa ao chegar às escolas era sempre a de me reportar a algum membro da gestão escolar e comunicar o objetivo da visita. Em seguida, eu era conduzida aos estudantes, ao auditório ou ao estúdio. Geralmente, quando eu chegava às escolas as filas de almoço estavam se formando, os corredores e auditórios cheios de estudantes espalhados, conversando, correndo, ouvindo músicas em suas caixinhas, outros entretidos com jogos de mesa ou nas quadras e, na escola do Clube Bonsucesso, a rádio sempre estava em funcionamento.

Quando meu objetivo era acompanhar as programações eu chegava e, após comunicar à direção, dirigia-me aos auditórios onde todos ali estavam para almoçar e acompanhar a rádio, sentava-me e começava a pontuar no meu diário de campo o que considerava significativo. Nesses momentos, alguns estudantes sempre se aproximavam para perguntar o meu nome e entender a razão da minha presença. Quando o propósito era as rodas de conversa, nas duas escolas as coordenadoras ou diretoras sempre convocavam os integrantes dos clubes e nos encaminhavam a uma sala vazia ou à biblioteca. No Clube Bonsucesso, além de acompanhar as programações no auditório, por várias vezes acompanhei também as atividades dentro do estúdio. Dessa forma, era possível perceber a manipulação do equipamento de som e dos *smartphones*, bem como a articulação dos integrantes com os ouvintes que chegavam à porta. Minha permanência nesses espaços se dava até o toque do sinal para retorno às salas de aulas, momento em que eu me reportava novamente à direção, tirava algumas dúvidas a respeito dos clubes ou do cotidiano das escolas, agradecia a colaboração e comunicava meu próximo retorno.

A aplicação dos questionários aconteceu no horário de almoço das duas escolas e sua distribuição ocorreu nos auditórios/refeitórios e corredores onde os alunos costumam ficar

durante os tempos livres. Tive o cuidado de levar lápis suficientes para que os estudantes não se abstivessem de participar, uma vez que nos intervalos seus materiais são guardados nos armários. A abordagem foi acontecendo simultaneamente em pequenos grupos; enquanto um grupo estava respondendo, outros estudantes estavam sendo abordados. Antes da entrega do material eles foram avisados de que a participação não era obrigatória, mas era importante tanto para a minha pesquisa quanto para o Clube de Rádio escolar. Ao ver os colegas respondendo os questionários, vários outros estudantes, por curiosidade, quiseram responder e também ajudar na distribuição, e assim, os questionários se espalharam rapidamente pelo ambiente escolar. Na escola do Clube Kennedy, 103 estudantes responderam aos questionários, e 108 responderam na escola do Clube Bonsucesso, o que representa uma amostra aproximada de $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{4}$ dos estudantes das respectivas escolas.

Cada questionário¹⁵ aplicado continha catorze questões, sendo onze objetivas e três abertas. Das onze questões objetivas, quatro permitiam que os estudantes marcassem mais de uma alternativa (Questões 3, 4, 5 e 6) e, por esse motivo, foram tabuladas de acordo com as recorrências das opções assinaladas e transformadas em gráficos para facilitar a compreensão. O formato de meia página foi pensado a fim de não provocar resistência à participação, tendo em vista que um questionário de página inteira daria a falsa impressão de tomar bastante tempo do intervalo para responder e isso poderia desestimulá-los a participar.

Quanto às rodas de conversa, vários momentos de diálogo aconteceram ao longo das visitas até chegarmos ao procedimento de gravação, que aconteceu assim: com o gravador no centro do grupo, as perguntas elaboradas previamente foram direcionadas a todos, possibilitando-lhes o momento de fala. As rodas de conversa foram gravadas duas vezes com os núcleos gestores dos clubes (junho e dezembro de 2017) e, no intuito de averiguar a construção de sentidos e outros elementos da recepção, a mesma estratégia foi utilizada com grupos de estudantes apenas ouvintes das rádios, em dezembro de 2017. Não houve uma seleção do material gravado nas rodas para a composição da análise. Todos os diálogos foram transcritos e utilizados na construção das *mímesis* dessa pesquisa, salvo uma ou outra fala que fugiu do contexto por incompreensão da pergunta feita ou no caso de opiniões muito semelhantes para evitar as repetições.

Das rodas de conversa destinada aos integrantes dos clubes participaram todos os presentes na escola nos dias específicos das reuniões, resguardando as situações em que alguns chegavam no meio da reunião pelo fato de almoçarem mais tarde ou deixaram de

¹⁵ O modelo do questionário aplicado está disponível no Apêndice A.

participar por estarem envolvidos com alguma outra atividade, como por exemplo: grêmio, outro clube, monitoria da biblioteca.

Quanto às rodas de conversas com os ouvintes, a seleção se deu sob forma de convite. Com a ajuda de um integrante de cada clube, fui convidando os estudantes espalhados pelos corredores, explicando o motivo do “bate-papo” e a não obrigatoriedade da participação. O único critério estabelecido foi de que o grupo fosse composto por representantes de todas as séries, do 6º ao 9º Ano. Dez estudantes se dispuseram a integrar a roda de ouvintes na escola do bairro Bonsucesso e seis na escola do bairro Presidente Kennedy. Nesta, o secretário do clube participou da roda de conversa, mas apenas como observador e por um tempo. Inicialmente, pensei que sua presença pudesse inibir os colegas de fazerem suas críticas ao clube, mas isso não ocorreu; ao contrário, a conversa fluiu muito bem, sem interferências e inibições. É válido dizer que não fiquei confortável para pedir que se retirasse, pelo fato de a roda acontecer na biblioteca e constituir-se um espaço muito mais dele do que meu. No Clube Bonsucesso, após formada a roda de ouvintes, o presidente do clube tirou algumas fotos¹⁶ nossas antes de se retirar da sala e mesmo sem compreender qual a intenção do registro, pedi que ele me enviasse as imagens posteriormente.

No que diz respeito à análise dos dados, a inspiração metodológica para a proposta da pesquisa surgiu em Ricoeur (2010); o autor apresenta uma forma de compreender os elementos narrativos a partir da demonstração analítica de duas obras clássicas: *Poética*, de Aristóteles e *Confissões*, de Santo Agostinho. Na tentativa de delinear a mediação entre tempo e narrativa, a obra de Ricoeur (2010) alicerçou-se em bases filosóficas, fenomenológicas e literárias. Sua reflexão se desenvolveu a partir do estudo comparativo entre as duas obras citadas e a exegese histórica. Por isso não há intenção de transpor seu método analítico para este trabalho; apenas trazer como inspiração metodológica o desmembramento tríplice da atividade mimética utilizada pelo autor para defender a experiência temporal em sua análise acerca da composição da intriga na obra aristotélica.

Ao propor essa sistematização a partir do conceito de *mimesis* presente na *Poética*, de Aristóteles, Ricoeur (2010) estabeleceu uma ideia de *mimesis* que escapa ao seu conceito original de imitação. Para ele, ao construir narrativamente algo que a própria experiência

¹⁶ As fotos utilizadas no decorrer da análise cumprem o objetivo de apresentar o objeto, mas houve um cuidado em não anexar imagens que centralizassem os estudantes, dentre elas, as referentes as rodas, posto que o código de ética da pesquisa com seres humanos estipula no Art. 20, do Cap. IV que: “O pesquisador deverá adotar todas as medidas cabíveis para proteger o participante quando criança, adolescente, ou qualquer pessoa cuja autonomia esteja reduzida ou que esteja sujeita a relação de autoridade ou dependência que caracterize situação de limitação da autonomia, reconhecendo sua situação peculiar de vulnerabilidade, **independentemente do nível de risco da pesquisa**”(p. 8). Sendo assim, tanto os nomes dos participantes, quanto suas fotos foram preservadas a fim de garantir-lhes a privacidade.

humana já prefigura, mesmo não havendo uma originalidade inventiva plena, o narrador não imita, antes atua dinamicamente no seu processo de narrar. O filósofo discerne, então, a *mimesis* (imitação, representação) da atividade mimética. Para ele, “quer se diga imitação ou representação (...), o que se deve entender é a atividade mimética, o processo ativo de imitar ou de representar” (p. 59). Além disso, Ricoeur (2010) elenca como etapas da atividade mimética a experiência de mundo (mediações simbólicas), a própria ação de narrar e a recepção/acolhimento da narrativa. Esse ciclo mimético foi o principal motivador metodológico de análise dessa pesquisa, uma vez que os Clubes de Rádio podem ser compreendidos a partir dessas três etapas dinâmicas e complementares.

Contudo, o contraste manifesto entre a análise aqui proposta com a realizada na “Poética” aristotélica é que Ricoeur (2010) não trabalha com o tempo vivido, a experiência; enquanto o presente trabalho se funda nas experiências desenvolvidas nos clubes e nas construções narrativas destas, feitas pelos estudantes. Para resolver essa distância aparente, o meu olhar analítico sobre os Clubes de Rádio se efetivou por meio de uma interpretação narrativa destes, baseada na atividade mimética que se configura a partir do contexto (pré-figuração), ação (configuração) e recepção (reconfiguração) dos agentes que compõem esses espaços, fundamentando-se complementarmente nos trabalhos desenvolvidos por Carvalho (2010) e Carvalho & Sant’Ana (2013) acerca da tríplice *mimesis* enquanto inspiração metodológica para estudos referentes às narrativas jornalísticas e produtos culturais. Estes autores se apoiaram no postulado de Ricoeur com o objetivo de pensar novas perspectivas metodológicas que confirmem aos estudos comunicacionais abordagens cujas ênfases extrapolem os produtos em si, englobando os relevantes aspectos intrínsecos à dimensão cultural na qual são produzidos e sua recepção.

No que diz respeito ao cinema, por exemplo, os autores questionam o fato de grande parte das pesquisas caminharem pelas abordagens artísticas, estéticas, priorizando as análises fílmicas. Em Ricoeur (2010), eles encontraram um importante potencial metodológico para as análises de produtos culturais, uma vez que o arco da atividade mimética compreende três etapas importantes para os estudos concernentes à Comunicação. “A especificação de cada uma destas etapas do arco mimético ajudará a revelar a importância da hermenêutica ricoeuriana como importante inspiração metodológica para a análise de produtos culturais”. (CARVALHO & SANT’ANA, 2013, p. 238)

De forma semelhante, Carvalho (2010) entende que a tríplice *mimesis* pode ser aplicada aos estudos jornalísticos, principalmente, por partir da premissa de que as informações chegam à sociedade sob a forma de narrativas. Assim, o arco mimético de

Ricoeur (2010), enquanto pressuposto metodológico, permite estabelecer uma compreensão significativa que vai atravessar desde as referências socioculturais onde se inserem os acontecimentos, passando pelo processo de mediação jornalística que atua na transformação desses acontecimentos em narrativas informativas (exemplos: notícias, reportagens, artigos) até a sua recepção por meio dos mais variados veículos midiáticos.

Tal como afirma Paul Ricoeur, a tríplice mimese constitui um círculo hermenêutico, que torna possível não somente compreender o mundo, como a própria dinâmica de construção da narrativa e as mediações que ela estabelece. Não nos parece infundado propor que o mesmo é aplicável às narrativas jornalísticas em seu haver com o mundo social. E especialmente, que os acontecimentos narrados pelo jornalismo trazem a marca de um mundo prefigurado, mediado pela configuração dos narradores jornalísticos, mas somente adquirindo sentido pleno, embora não necessariamente unívoco, a partir das múltiplas leituras de que são objeto. (CARVALHO, 2010, p. 13)

As pesquisas mencionadas fundamentam a escolha metodológica utilizada neste trabalho e ratificam a aplicabilidade da tríplice *mimesis* também à análise dos Clubes de Rádio, considerando-se que as mediações do fazer radiofônico escolar se inserem num contexto cultural maior e, por conseguinte, também se completam na recepção das suas programações.

As experiências observadas e mesmo as narrativas que os estudantes construíram acerca de suas vivências revelaram as dificuldades desse fazer radiofônico, os conflitos com os colegas de gestão, com os colegas ouvintes, o peso da responsabilidade, a relação com os gestores e professores, o prazer de participar dos clubes apesar dos problemas, o espaço de tempo diário para a construção dessa atividade narrativa que perdura todo o ano letivo, ou seja, diversos elementos de estrutura narrativa podem ser identificados nas experiências observadas e ouvidas nos Clubes de Rádio. Mas, antes de apresentar objetivamente os elementos que embasaram a escolha dessa inspiração metodológica, é necessário situar o que Ricoeur (2010) compreende como narrativa:

Quer se trate de afirmar a identidade estrutural entre a historiografia e a narrativa de ficção, (...), quer se trate de afirmar a profunda afinidade entre a exigência de verdade de cada um dos modos narrativos, (...), uma pressuposição domina todas as outras, qual seja, a de que a problemática última, tanto da identidade estrutural da função narrativa como da exigência de verdade de toda obra narrativa é o caráter *temporal* da experiência humana. O mundo exposto por toda obra narrativa é sempre um mundo temporal. (...) o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal. (p.9)

Ao afirmar que as narrativas tornam-se significativas por estarem ligadas às experiências temporais, temos aqui dois elementos importantes para esta pesquisa. Primeiro,

os Clubes de Rádio enquanto narrativas que se desenham ao longo do ano letivo; em segundo: as próprias narrativas orais que foram construídas pelos estudantes acerca dos clubes e compartilhadas nas rodas de conversa. Dessa forma, a fim de justificar a tríplice *mimesis* como engenho metodológico possível e coerente, eis algumas razões:

1. As experiências nos Clubes de Rádio se estabelecem mimeticamente. Os estudantes não possuem letramento radiofônico, suas referências de rádio constroem-se a partir de escutas individuais e/ou coletivas, em casa, no ônibus, na comunidade e outros ambientes. Da mesma forma, a mimese se dá também no processo de gestão: hierarquização de liderança e funções. É mediante a atividade mimética, portanto, que as experiências estudantis serão analisadas.
2. Nas experiências ocorridas nos clubes é possível perceber o caráter dinâmico da atividade mimética. Não apenas imitação, os estudantes ressignificam esses espaços a partir das suas realidades contextuais, das suas ações e acolhimento das mesmas.
3. Como as atividades se desenvolvem em Clubes de Protagonismo e a política pedagógica designada pela SME é a de formar o estudante protagonista, temos aqui os agentes dessa narrativa que tornam-se também narradores nas rodas de conversa.
4. Esses protagonistas, os estudantes, também narram essas experiências, agenciando fatos (“a imitação ou a representação é uma atividade mimética na medida em que produz algo, ou seja, precisamente o agenciamento dos fatos pela composição da intriga”). (Ricoeur, 2010, p. 61)
5. O percurso da *mimesis* exige etapas complementares (ciclo mimético), assim como as três etapas observadas nos clubes. (“o círculo hermenêutico da narrativa e do tempo não cessa de renascer do círculo formado pelos estágios da *mimesis*”). (*idem*, p. 130)
6. Essas narrativas são constituídas de três elementos observados durante as incursões e, por esse motivo, tornaram-se categorias de análise: coletividade, protagonismo e convergência.

De acordo com Ricoeur (2010), a atividade mimética desenvolve-se em três momentos: *mimesis* I, *mimesis* II e *mimesis* III. (p. 94) *Mimesis* I (pré-figuração) é o que referencia a composição narrativa, *mimesis* II (configuração) é o que ele vai chamar de *mimesis*-criação e *mimesis* III (reconfiguração), *mimesis*-invenção, o ponto de chegada, o lugar da reconfiguração.

Sendo assim, a sistematização de análise, a partir da atividade mimética proposta por

Ricoeur (2010), é um caminho metodológico que compreende não apenas o contexto cultural dos seus narradores-protagonistas (os estudantes), mas todas as etapas que envolvem as experiências dos Clubes de Rádio: gestão, produção e recepção. Dessa forma, *mímesis I* objetivou a descrição das referencialidades culturais, a pré-compreensão do mundo da ação. A ideia foi compor *mímesis I* a partir do contexto mais geral relacionado à cultura midiática que tem se estabelecido na sociedade contemporânea e alterado o cotidiano escolar e aprofundar nas referências de consumo sonoro que estão diretamente ligadas às programações compartilhadas pelos Clubes de Rádio. *Mímesis II* constitui o eixo da análise, compreende o mundo da ação, por isso essa etapa da análise visou identificar como se dão as experiências de gestão, produção e escuta (observação participante) onde os estudantes protagonizam vivências e como eles as narram nas rodas de conversa gravadas e não gravadas. *Mímesis III* fecha o arco mimético na recepção das programações e interpretação das atividades dos Clubes pelos colegas ouvintes.

Em síntese, o exercício analítico proposto no capítulo seguinte situa inicialmente aspectos do contexto midiático no qual os estudantes estão imersos e apresenta suas referencialidades culturais sonoras (*Mímesis I*). Em seguida, perpassa as experiências, vivências e produções dos clubes (*Mímesis II*), através das categorias: convergência, coletividade e protagonismo, até a sua reconfiguração na recepção da programação radiofônica pelos demais integrantes da comunidade escolar (*Mímesis III*).

5. O ARCO MIMÉTICO DAS EXPERIÊNCIAS DE CLUBES DE RÁDIO

5.1 MÍMESIS I: O QUE A CULTURA SONORA DOS ESTUDANTES TEM A DIZER SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS COM RÁDIO ESCOLAR

A construção analítica da primeira *mímesis* pretende reconhecer e descrever aspectos do mundo prefigurado (cultural) dos estudantes que aportam suas experiências mediadas por dispositivos midiáticos presentes nos ambientes escolares. Ricoeur (2010) credita à *mímesis* I o processo de elaboração de “uma significação articulada da ação” que, segundo ele, exige uma competência para identificar o que ele chama de “mediações simbólicas da ação”.

Se falo mais precisamente de mediação simbólica é para distinguir, entre os símbolos de natureza cultural, aqueles que sustentam a ação a ponto de constituir sua significância primeira, antes que se destaquem do plano prático conjuntos simbólicos autônomos que remetem à fala ou escrita”. (idem, p. 101)

Na tentativa de identificar traços dessas mediações simbólicas que ancoram as experiências dos Clubes de Rádio investigados, o primeiro passo dado aqui é no sentido de compreender a dimensão cultural midiaticizada na qual esses estudantes estão envolvidos e, por conseguinte, perceber quais os principais aspectos de cultura sonora evidenciados em suas experiências, o que compreendem por rádio, em que a rádio escolar se aproxima e se distancia de uma rádio comum, quais as suas preferências sonoras, estilos musicais, tudo isso a partir das narrativas compartilhadas nas rodas de conversa e nos dados apresentados pelos questionários.

Nas rodas realizadas tanto com os ouvintes quanto com os integrantes dos clubes, alguns questionamentos foram feitos com o intuito de delinear um panorama geral de consumo midiático. Eles usam os *smartphones* para estudar, ouvir música, acessar as redes sociais, além de consumirem bastante filmes e séries. Além dos dispositivos móveis verificados nos contextos escolares, rádio, televisão e internet somam-se a essas vivências midiaticizadas. Em uma de nossas rodas, perguntei como se sentem quando esquecem o celular em casa, e as respostas foram¹⁷:

(Estudantes – Bonsucesso):
- Eu me sinto sem saber o que fazer.

- Sem uma parte do corpo.

¹⁷ Os únicos personagens identificados, por seus respectivos títulos, nos diálogos serão: presidente, vice-presidente, locutor, secretário e pesquisadora, haja vista que o contato maior com esses me permitiram o reconhecimento das vozes durante as transcrições das rodas. Os demais estudantes tiveram suas narrativas apresentadas, porém não identificadas.

- Fico entediado, mas se eu tiver com o baralho...
 - Excluído do mundo.
 - A gente fica desatualizado, porque, tipo, a gente quer saber a hora e nem a hora a gente sabe direito.
- (Estudantes – Kennedy):
- Saudade.
 - O dia todo pensando nele.
 - Fico agoniado!
 - Muito triste...
 - Então, dá pra estudar pelo celular.
 - No dia que a gente esquece é o dia que o *wifi* ta pegando ou então um professor faltou e você precisa do celular pra fazer alguma coisa.
 - É, ou quando o professor dá aula livre aí você pega seu celular e vai escutar uma música legal.

Podemos compreender, assim, que o *smartphone* é um item importante no cotidiano dos adolescentes pesquisados e seus usos são bem diversos: entretenimento, estudos, sociabilidades, informação. (Ver Figura 1) Algumas respostas como, “sem uma parte do corpo”, “triste”, “sem saber o que fazer”, nos permitem lembrar, inclusive, o que postulou McLuhan (1964) ao tratar dos meios de comunicação como extensões do homem. “Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo”. (p. 63)

Figura 1 – Estudantes utilizando *smartphone*



Fonte: Página de *facebook* da escola do Clube Kennedy. (?)

Mas, além dos *smartphones*, eles dispõem de um outro e importante dispositivo midiático na escola, a Rádio Escolar. Como abordado no tópico “Dispositivos e Mídia sonora”, durante a observação participante foi possível verificar que o termo “Rádio Escolar” é empregado simbolicamente e/ou mimeticamente, e as razões são diversas. Primeiro, eles não possuem e não recebem da escola ou da Secretaria Municipal de Educação uma formação específica para as atividades do Clube de Rádio; no máximo, manipulam os equipamentos no aprendizado com os colegas mais experientes que vão deixando a escola no final do 9º Ano. Não possuem um conhecimento da linguagem radiofônica e das diversas atividades que poderiam ser realizadas a fim de promover uma interação mais significativa com toda a comunidade escolar, e mesmo identitária, como nos aponta Kaplún (2008). Percebemos que a música é, quase que exclusivamente, o elemento que move os dois clubes pesquisados. Não que a música não possa ser uma peça de uso criativo para a construção de uma programação mais próxima da comunidade, mas porque as visitas nos permitem afirmar a ausência de direcionamento por parte da gestão escolar e dos professores, e, conseqüentemente, a falta de planejamento, organização e conteúdo nas programações. Com essas lacunas, as rádios são reduzidas à transmissão musical, simplificando e reduzindo seus usos.

Por essa razão, ao perceber que a música estava muito presente no cotidiano desses estudantes, tanto exaustivamente nas rádios escolares, quanto nos *smartphones* e caixinhas de música, nosso primeiro questionamento foi: Quando você ouve a palavra rádio, qual a primeira coisa que vem à sua mente? A resposta imediata e majoritária, tanto nas rodas quanto nos questionários, foi: música.

Na escola do Clube Kennedy, música aparece em 75% dos questionários respondidos, notícia em 10% e demais elementos relacionados à comunicação, como jornalismo, informação e futebol, foram distribuídos nos outros 15%. Na escola do Clube Bonsucesso 85% assinalaram música, os 15% restantes se dividiram entre elementos comunicacionais como: notícia, informação, entretenimento, futebol.

Essa identificação rápida que fazem da música com o rádio nos permite compreender a razão pela qual denominam as atividades dos clubes como rádio escolar. O que têm de mais próximo, sob o ponto de vista da propagação coletiva de música, é o rádio, daí não conseguem atribuir uma outra denominação que não esta: rádio. Eles sintetizam a ideia de rádio para a transmissão coletiva de músicas e comunicados, e mesmo sabendo que podem ir além, não o fazem, principalmente, por não conhecerem as especificidades do meio e não receberem o conhecimento formativo e técnico necessários à concretização das atividades. Para a gestão dos clubes foi lançado um questionamento nesse sentido: Se o Clube de Rádio pudesse

receber um novo nome, qual seria? Todos os integrantes tiveram dificuldade de responder e por mais que eu os estimulasse com alguns exemplos, as únicas compreensões vieram de dois integrantes do Clube Bonsucesso, que responderam:

- Música livre.
- Não, música livre não, senão eles vão querer botar...
- Tem a Rádio Music!

Rádio Music foi um segundo nome que eles deram para a rádio; o primeiro é a abreviação do nome da escola. Dentro do estúdio, além de um letreiro com esse nome (Figura 2) há também um cartaz com ilustrações e símbolos musicais significativos para ilustrar e demonstrar que a “música” é preponderante na concepção que eles têm de rádio (Figura 3). Na parte externa do estúdio, há ainda, um pequeno banner com as informações “Clube da Rádio Escolar (Figura 4). Essas representações visuais e artísticas, iniciativa dos próprios gestores do clube, de certa forma, podem significar uma forma de identificação e apropriação do próprio espaço midiático.

Figura 2 – Parte interna do estúdio



Fonte: registros da autora.

Figura 3 – Parte interna do estúdio



Fonte: registros da autora.

Figura 4 – Parte externa do estúdio



Fonte: registros da autora.

De fato, a música sempre foi um importante elemento na composição das programações radiofônicas e isso se verifica ao longo de toda a história do rádio. Os infográficos sobre rádio e consumo de música divulgados pelo IBOPE (Kantar IBOPE

Media¹⁸) no final de 2017, revelam que 93% dos ouvintes de rádio escutam música no meio e 64% desses consideram a música como parte importante da vida. Desde a Era de Ouro do rádio (1940-1950), os programas musicais ganharam as massas, e hoje, a música continua sendo esse importante elemento das programações radiofônicas e peça-chave dos aplicativos de *streaming* musical¹⁹ (forma de transmissão de áudio e vídeo sem a necessidade de *downloads*) que podem ser consumidos via *smartphones*, *tablets* e computadores.

Nesse sentido, um elemento importante para esta pesquisa foi perceber a compreensão dos estudantes acerca do rádio, da rádio escolar e do que eles realizam nos Clubes de rádio. Interessava-nos compreender em que medida eles conseguiam caracterizar suas atividades como radiofônicas, suas potencialidades, entraves e negligências. Assim, nas rodas de conversa, questionei os integrantes de gestão dos clubes se eles achavam que uma rádio dentro do espaço escolar se parecia com uma rádio comum. No Clube Kennedy, onde é improvisada a rádio no palco do auditório, as respostas foram:

- Vários integrantes: Não!

- Presidente: porque, tipo assim, a rádio fora da escola, que é tipo Jangadeiro FM, essas coisas assim, tem todo aquele processo. Tem o estúdio, essas coisas assim e tem vários ritmos de música. Aqui dentro da escola não tem o estúdio, essas coisas assim, entendeu?

- Locutora: Até mesmo o conteúdo de uma rádio FM, por exemplo, é mais diversificado, aqui na escola a gente não pode abordar tanta coisa, então...

- A gente tem que abordar mais assuntos que tem a ver com a escola.

No Clube Bonsucesso não foi muito diferente:

- Vários integrantes: Não!

- Alguns: Mais ou menos!

Pesquisadora: Em que ela se parece e em que ela não se parece?

- Ela se parece nas músicas... nas informações que a gente tem que passar (o colega ajudou...). É, as informações.

- Às vezes até nos sorteios que fazem lá na rádio.

- O que se parece mais, eu acho que é a estrutura de uma rádio, tipo, ela vai usar o som, ela vai usar a música e a mesa de som.

Pesquisadora: Então parte da estrutura dos equipamentos...

¹⁸ A Kantar IBOPE Media atua no mercado de pesquisa de mídia na América Latina. Presente em mais de 60 países, a empresa conta, nos últimos cinco anos, com a parceria do IBOPE, atuante há mais de 70 anos no mercado latino-americano. Disponível em: <https://www.kantariibopemedia.com/consumo-de-musica/>
Acesso em: 25 de abril de 2018.

¹⁹ Exemplos: Spotify e Deezer.

- A estrutura ela não é parecida (referindo-se à estrutura da programação e não técnica) porque uma rádio escolar ela tem que escolher bem o que ela vai colocar na música.

Pesquisadora: A programação...

- A programação, ela tem que dar os informes escolares, ela tem que ter músicas nos padrões para os alunos.

- E também na rádio comum eles podem colocar aqueles *funks* bem pesados, mas na escola não pode.

Perguntei ainda se achavam que a rádio escolar poderia trazer para sua programação elementos discutidos em sala de aula, se de alguma forma eles conseguiriam *linkar* esse conteúdo da sala de aula para a rádio, através de entrevistas, debates, noticiários. No Clube Kennedy, a presidente respondeu:

-Porque até mesmo na nossa Feira de Humanas, o oitavo ano ficou com “Consciência Negra”, o sétimo A, com Racismo. Tem como, tendo uma hora. Por exemplo, no *halloween* a gente falou sobre a história do *halloween*, a gente poderia falar sobre a história da consciência negra.

No Clube Bonsucesso, a compreensão foi semelhante. Durante a pergunta houve vários "sim" e, em seguida, alguém disse: “músicas” e um outro completou: “tipo a eletiva “Do clássico ao pop”. Mas dá mesmo, tia”. Os núcleos de gestão dos dois clubes conseguiram identificar determinadas diferenças e semelhanças entre uma rádio comum e uma rádio escolar. Os mesmos questionamentos também foram levados para as rodas de ouvintes e outros aspectos foram levantados por eles. Inicialmente, no Clube Kennedy, eles (os ouvintes) foram categóricos e unânimes em dizer que a rádio escolar não se parecia com as rádios conhecidas por eles. Então, continuei: “Mas vocês acham que tem algum aspecto em que se parece”?

- Sim. Quando acontece algo de importante na escola, ela tipo, comunica, eles ajudam, avisam. Assim, mas eu acho que eles deveriam atuar mais, tipo, hoje tem prova... Tipo, pra não ficar pesado pro diretor avisar, pro secretário, tipo, eles ajudarem informando logo.

- Com licença, sexta-feira vai ter a feira de humanas, aí, se desse pra sair cedo, eles avisassem para gente sair.

- Eles avisam.

Depois dessas respostas, prossegui: “O que mais a rádio comum tem que a rádio escolar não tem?”

- A rádio da escola não tem música.

- A variedade de música...
- Não, ter (música) tem, mas não é a rádio que coloca, é o pessoal que pega a caixa de som e coloca.
- É, toda vida ou é funk ou é só os k-pop²⁰...
- Mas não tem variedade...
- Não tem aquele cara com aquele vozeirão – “Bom dia!”
- Não tem uma pessoa que fique pra fazer aquilo todo dia, sempre é alguém que pega e escuta as músicas que gosta, não da escola toda, entendeu?
- E também não é a rádio que coloca as músicas, são as pessoas que vão lá e pega a caixa de som e coloca a música que quiser.
- Qualquer pessoa que vai lá, pega a caixa e bota...

No Clube Kennedy, as atividades são esporádicas, no entanto, os demais estudantes podem, com autorização da gestão escolar, pegar a caixa de som e levar para o palco do auditório para tocar músicas. Ou seja, as diferenças apontadas pelos estudantes estão relacionadas à ausência de estúdio, de um locutor eloquente, com uma linguagem que aproxima e chama a atenção do ouvinte (mesmo o clube tendo uma locutora para leitura de poemas e recados durante as suas atividades), de variedade musical, programação planejada e diária.

Na escola do Clube Bonsucesso, os ouvintes também foram bastante críticos. Ao perguntar se eles viam semelhanças entre a rádio da escola com uma rádio comum, vários responderam que não. E eu persisti: “Por que ela não se parece?”

- Porque não tem locutor e também não tem programação.
- Muitos motivos: porque não tem variedade de música...
- Porque aqui tem mais sertanejo, não tem muito rock, pop que a gente gosta bastante, música coreana, k-pop, não tem variedade.
- Apenas música.
- Sempre tem música igual, toda vez que vai tocar.
- Eu nem acho muito isso, de ser músicas repetidas, porque até em rádio, rádio famosa, FM por aí, Jovem Pan, sempre toca música repetida também.

Além da ausência de locutores e de variedade musical, dois aspectos levantados pelo primeiro ouvinte são relevantes: primeiro, o fato do Clube de Rádio não ter uma programação

^{20 20} K-pop (Korean pop): música pop coreana, originada na Coreia do Sul, protagonizada por grupos juvenis e internacionalizada a partir da internet.

(ratificado pelo quarto ouvinte), uma vez que a rádio funciona apenas com música, sem outros elementos comunicacionais voltados para a informação ou o entretenimento; segundo, a perspicácia em perceber que as rádios comerciais também repetem as músicas que estão “na moda”, “na mídia”. A voz é, de fato, uma característica marcante do rádio e sua ausência implica restrição de conteúdo, não aproximação locutor/ouvinte, na interatividade e criatividade, elementos tão caros ao rádio.

O uso da voz é estratégico para o resultado de qualquer produção radiofônica. Um roteiro escrito, por exemplo, ganhará existência somente a partir do toque da voz em cada sílaba, sugerindo os sentidos possíveis de cada palavra, da entonação, do ritmo, da emoção investida em cada enunciado. (...) A voz do locutor atua como um signo indexador, materialidade capaz de garantir identidade a cada emissora e sua programação. (GOLIN, 2005, p. 264)

A ausência do locutor²¹, questionada por eles, está atrelada, numa das escolas, também ao sucateamento dos microfones, mas, principalmente, nas duas realidades investigadas, à nulidade de um roteiro. Não há um projeto de rádio escolar e os planos de ação propostos pelo Manual Clubes de Protagonismo na prática não são desenvolvidos. Nesse caso, todos deixam de usufruir as potencialidades do meio, restringindo-o a uma programação musical bastante questionada pelos colegas ouvintes, como veremos na terceira *mimesis*. Percebemos, então, a necessidade de uma formação que confira aos integrantes dos clubes noções básicas da linguagem e do fazer radiofônico.

Diante das respostas dos estudantes (gestão de clubes e ouvintes) das duas realidades estudadas, pode-se afirmar que o contato com a cultura radiofônica externa (em casa, no ônibus e demais ambientes fora da escola) é o que os permite perceber as semelhanças e diferenças entre uma rádio, uma rádio escolar e o que eles fazem em seus clubes. Embora estejam diretamente ligados à cultura digital, sobretudo, às redes virtuais, a cultura radiofônica é muito presente em suas realidades; isso se confirma com os números acerca do consumo de rádio, do uso do aparelho radiofônico e pelo acesso, não tímido, a rádios na internet. De acordo com pesquisa realizada entre maio e julho de 2017, dentre as treze capitais pesquisadas, Fortaleza figura na terceira posição de consumo radiofônico²², ficando atrás apenas de Belo Horizonte e Goiânia. (IBOPE, 2017)

Na escola do Clube Kennedy, somando os que ouvem rádio diariamente com os que o fazem esporadicamente, cerca de 80% dos pesquisados consomem rádio, ainda que o

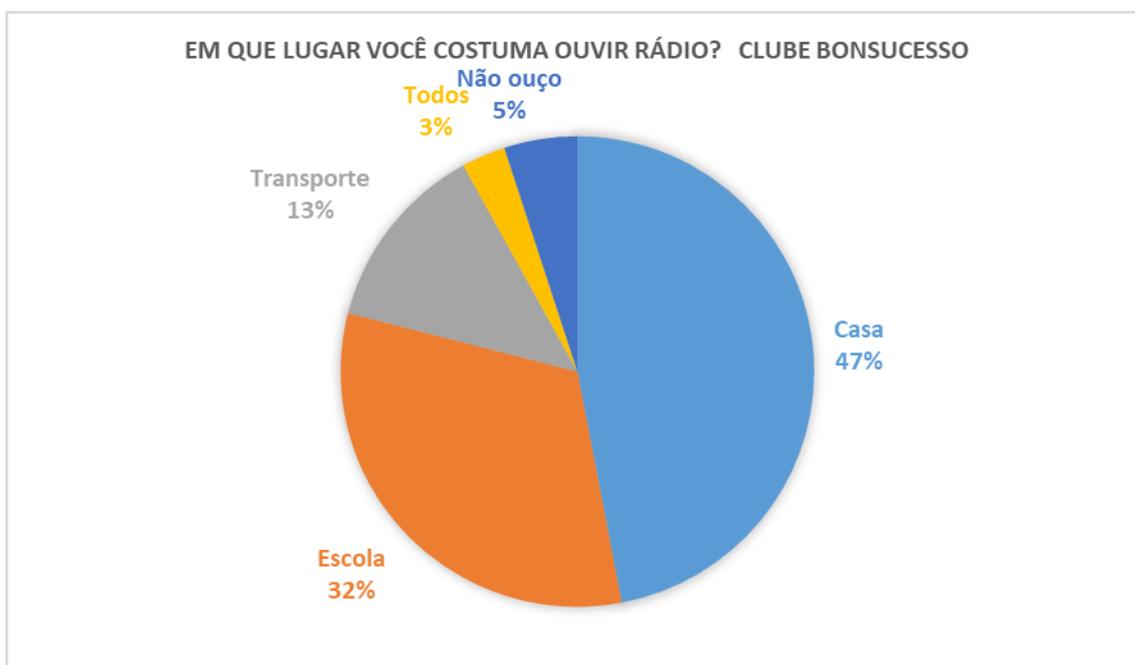
²¹ No Clube Kennedy há a presença de uma locutora; entretanto, sua atuação está atrelada à leitura de poemas e informes. Não há interações maiores e diretas com o público ouvinte, por isso, nem todos a reconhecem a partir de sua função.

²² Fonte: <https://www.kantaribopemedia.com/radio-mantem-sua-presenca-pelo-brasil-aponta-pesquisa-da-kantar-ibope-media-2/>

consumo esporádico seja três vezes maior que o diário. No contexto do Clube Bonsucesso, esse dado é mais expressivo, 60% consome esporadicamente e 30% diariamente, ou seja, apenas 10% dos estudantes questionados não ouvem rádio (no questionário, na pergunta “Em que lugar você costuma ouvir rádio”, esses 10% podem cair para 5%, devido à probabilidade de terem considerado o consumo involuntário como, por exemplo, no ônibus ou na escola). (Ver gráfico 1)

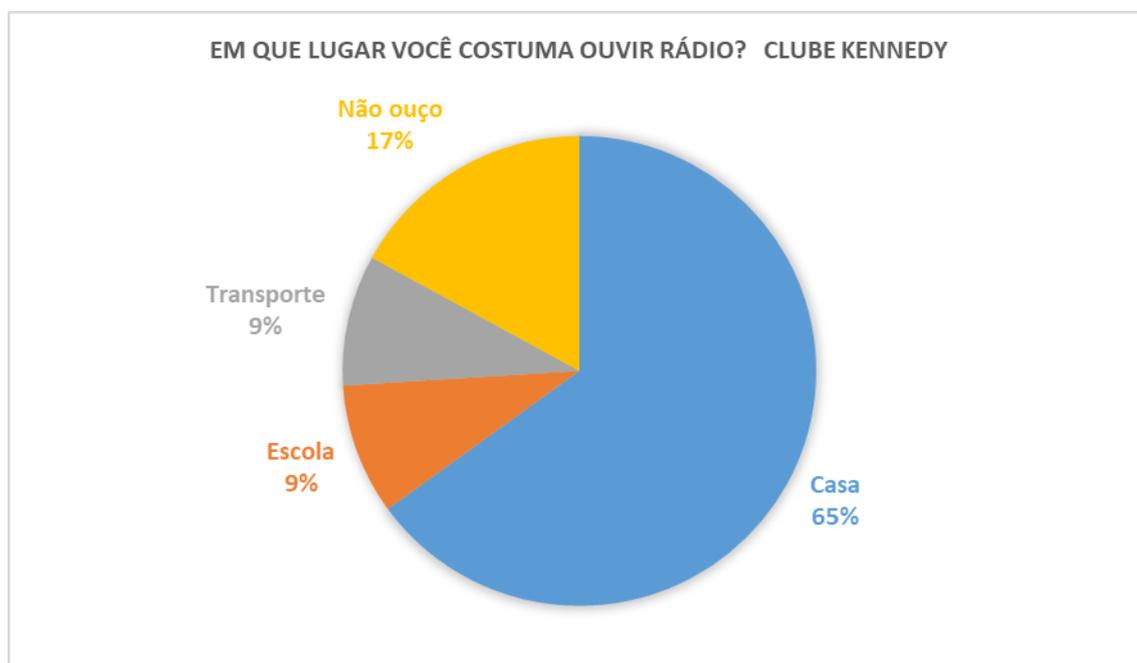
Sobre o consumo de rádio na internet, os resultados foram equilibrados na escola do Clube Bonsucesso: 50% não consome rádio na web e os outros 50% somam o consumo frequente com o esporádico; na outra escola 40% representa o total dos que acessam rádios na Web. Quanto ao local onde consomem rádio, a casa e a escola foram os ambientes mais acessados. Ressalte-se que os estudantes podiam marcar várias opções, uma vez que o consumo de rádio não se restringe a um único espaço. Os gráficos, a seguir, apontam quantas vezes cada ambiente apareceu nos dados coletados nos questionários.

Gráfico 1 – Lugar de consumo radiofônico – Bonsucesso



Fonte: dados da pesquisa.

Gráfico 2 – Lugar de consumo radiofônico – Kennedy

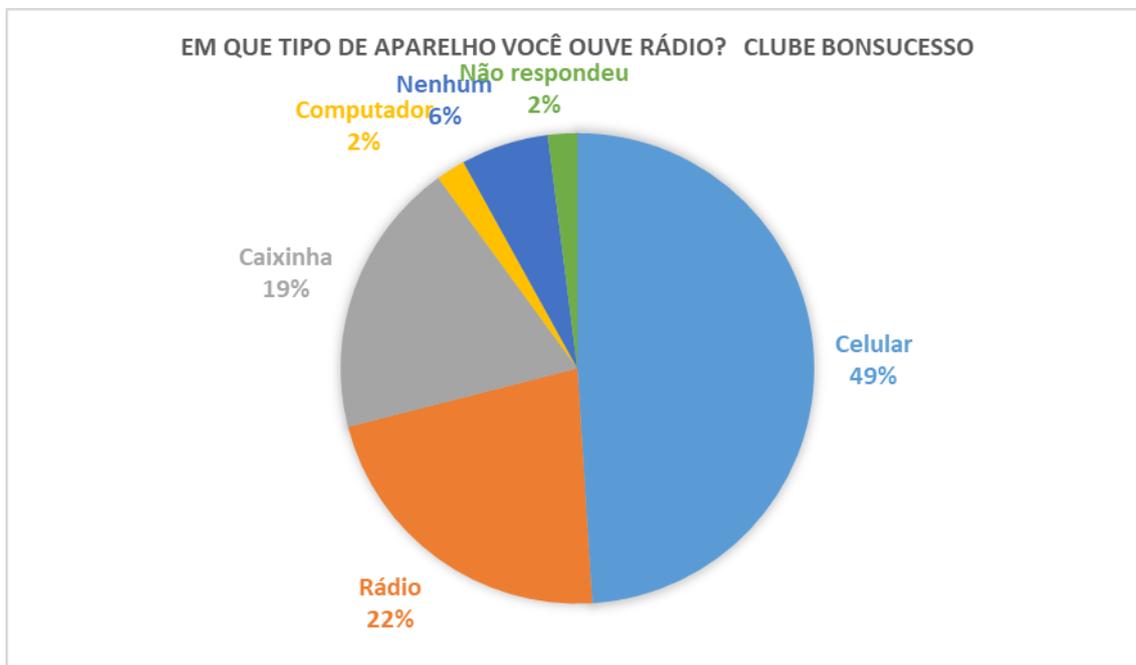


Fonte: dados da pesquisa.

No Clube Kennedy, o consumo de rádio na escola foi bastante inferior ao do Clube Bonsucesso, e isso pode ser um indicativo das atividades pontuais e restritas do Clube Kennedy, diferente da frequência diária da rádio no Clube Bonsucesso. Em relação ao aparelho e seus usos, os resultados são significativos (Ver Gráficos 3 e 4). No Clube Kennedy, o celular e o rádio têm percentuais próximos como opções de consumo radiofônico. No Clube Bonsucesso, o uso do celular é duas vezes maior que o uso do rádio. Nos dois clubes a caixinha aparece. O uso do computador é ínfimo na escola do Clube Bonsucesso e sequer pontua na pesquisa do Clube Kennedy.

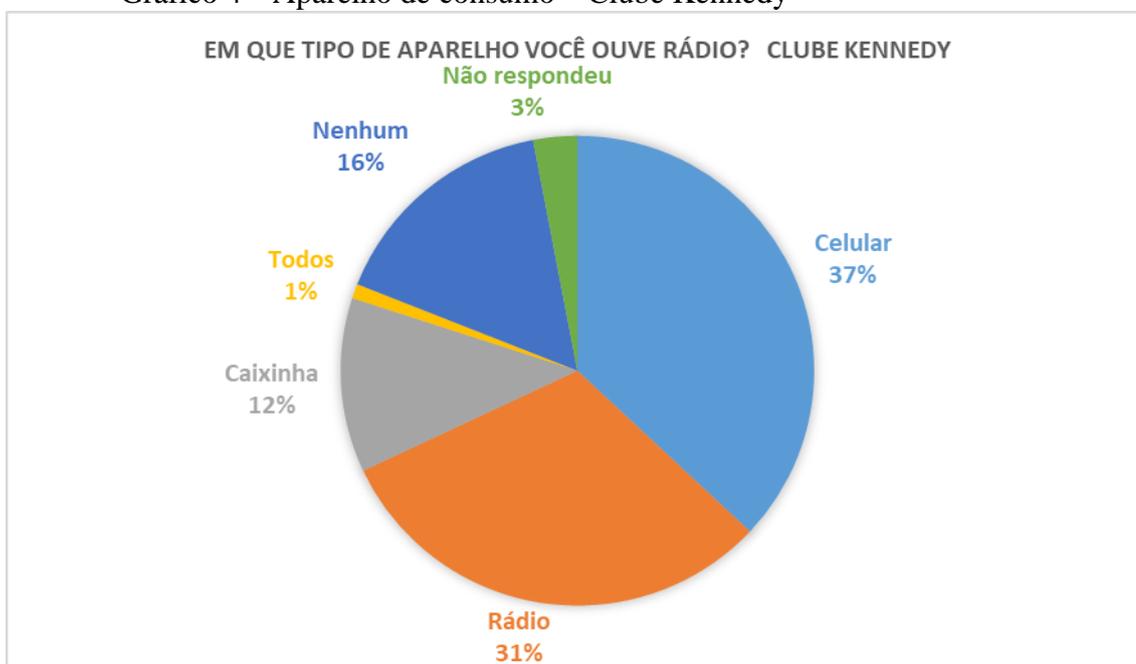
Os gráficos mostram que apesar do celular ser o dispositivo mais utilizado para a realização desse consumo, o aparelho de rádio é uma realidade no contexto de boa parte dos estudantes. Outro dado importante e complementar ao gráfico é o consumo de música no *smartphone* dentro do espaço escolar. Nas duas escolas, apenas 20% dos estudantes questionados responderam não ouvir música no celular estando no ambiente escolar, enquanto a maioria o faz, ainda que esporadicamente.

Gráfico 3: Aparelho de consumo – Clube Bonsucesso



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 4 – Aparelho de consumo – Clube Kennedy



Fonte: dados da pesquisa

É importante destacar que nos questionários as perguntas foram direcionadas para o consumo radiofônico em seus diferentes aspectos, mas nenhum questionamento específico foi feito acerca do acesso ao aparelho de *smartphone*. Nesse sentido, não temos um percentual

exato de estudantes que possuem tal aparelho, entretanto, os demais índices da pesquisa, sobretudo no que se refere ao consumo de música no celular, permite-nos concluir que grande parte dos estudantes têm acesso ao *smartphone*.

Sobre o que eles mais gostam de escutar na programação da rádio escolar do Clube Kennedy a opção música foi sinalizada em 90% dos questionários, somando as intercessões com os demais gêneros; o item esporte ficou como a segunda opção, mas com uma pontuação bem inferior, enquanto os gêneros informativos (entrevistas, notícias, debates) apareceram infimamente interseccionados com música. Os percentuais isolados, seguindo os que marcaram apenas música e apenas esporte, foram de 79% e 10%, respectivamente.

Na escola do Clube Bonsucesso, a realidade é bem semelhante, a música pontua em torno de 90% dos questionários, seguida do esporte, que como opção exclusiva aparece com apenas 5%; porém, interseccionado com música aproxima-se dos 15%, e muito timidamente aparecem os gêneros informativos, que somados chegam próximo aos 5%.

O gênero musical é, majoritariamente, o favorito, contudo, o esportivo pontua, nas duas realidades, mais que o informativo. Sendo a música o gênero favorito de consumo radiofônico nas duas escolas, coube também a esta pesquisa mapear as preferências musicais nesses contextos e identificar o papel dos Clubes de Rádio nessas mediações.

É válido ressaltar que os estudantes marcaram várias opções, quando não, todas. Assim, os números expressos nos gráficos 5 e 6, a seguir, indicam quantas vezes cada estilo foi assinalado no total de questionários.

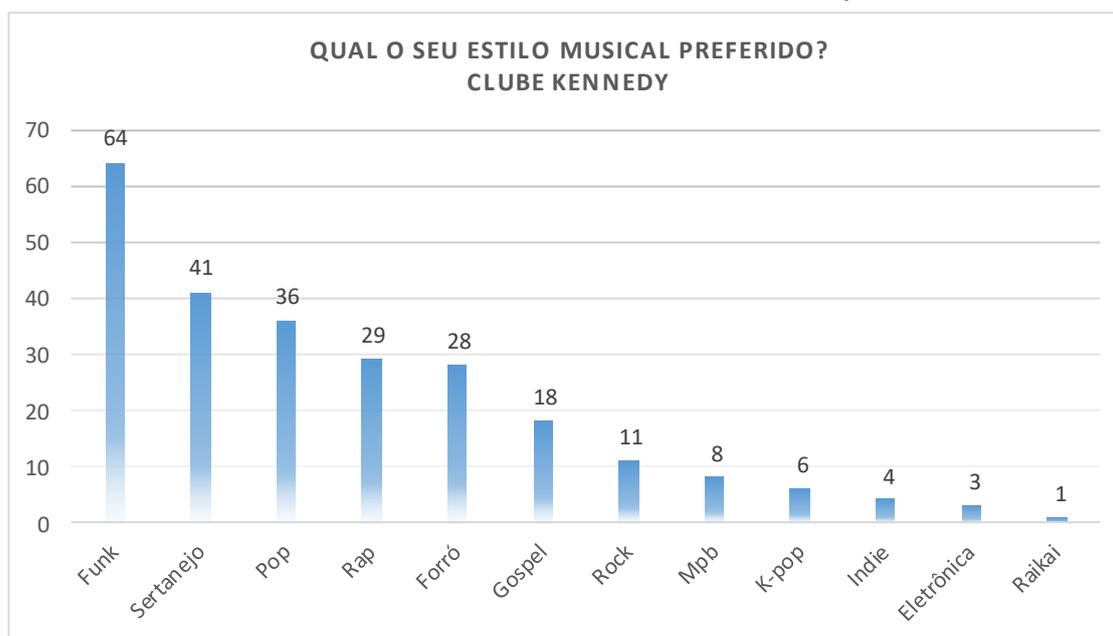
Gráfico 5 – Estilo Preferido – Clube Bonsucesso



Fonte: dados da pesquisa.

Na escola do Clube Bonsucesso, há uma disputa acirrada do funk com o rap. Ainda assim, o estilo mais tocado na rádio é o sertanejo (discussão realizada na *mimesis* III). O fato é que os gráficos 5 e 6, permitem visualizar a diversidade de estilos musicais consumidos pelos estudantes, desde o funk à música clássica, passando pela música religiosa e coreana.

Gráfico 6 – Estilo Preferido – Clube Kennedy



Fonte: dados da pesquisa²³.

No Clube Kennedy, o funk pontua com folga a primeira colocação, enquanto figura como o segundo colocado o gênero sertanejo, que no circuito nacional aparece como o mais tocado nas rádios. (IBOPE, 2017) Nas duas escolas, o funk fica em primeiro lugar e isso pode ser atribuído à nacionalização do funk carioca, que atravessou dois movimentos importantes, o primeiro na década de 1990, e o segundo, recentemente, em 2008. Nesse segundo momento, a inserção do funk carioca e suas influências ganharam todo o Brasil, principalmente, o público jovem. Esse recente fôlego, impulsionado pelo mercado, inaugura um novo momento de produção e consumo, inclusive, por conta dos acessíveis processos de gravação e distribuição, além da visibilidade conferida pela grande mídia e pelas redes sociais virtuais, com destaque para o *Youtube* (*site* de compartilhamento de vídeos).

Desde meados da década de 1990, o funk carioca deixou de ser apenas uma diversão da juventude pobre e favelada do Rio de Janeiro. Atualmente, o funk carioca, além

²³ A palavra “Raikai” aparece no gráfico como uma resposta dada por um participante pesquisado, no entanto, a pesquisa não pode precisar se o estudante fez uma referência à banda musical denominada “Haikai” ou ao poema de estilo japonês.

de ser uma espécie de porta-voz dessa juventude, é uma prática que penetrou o universo da chamada classe média, como também transformou-se em uma cadeia de produção e consumo, criando novas oportunidades econômicas, sobretudo, para os jovens de baixa renda. (LOPES, 2010, p.88)

Além dos artistas absorvidos pela grande mídia, como Anitta e Ludmilla, que começaram suas carreiras como MCs²⁴ e foram migrando para um funk mais comercial, muitos MCs funkeiros, sobretudo, jovens, têm divulgado seus trabalhos através das redes sociais e conquistado a juventude com suas batidas e letras com conteúdo sexual. Durante as visitas e rodas de conversa, os estudantes sempre questionavam o fato de não poderem ouvir “funk pesado” na rádio escolar.

De fato, a demanda por “funk pesado” é alta e não encontra correspondência no gosto musical do núcleo gestor da escola e dos professores; no entanto, nos eventos de culminância de disciplinas eletivas e datas comemorativas que acompanhei nas duas escolas, o funk foi um estilo tocado e utilizado pelos grupos de dança durante as festas, sem nenhuma interferência. Entretanto, apesar das batidas fortes, as letras das músicas não continham um teor sexual explícito. Acredito que esse é um assunto importante que precisa ser abordado e amplamente dialogado na escola, de maneira que haja não só uma desconstrução de preconceitos culturais, mas também para que as decisões não sejam impostas ou colocadas sob forma de proibições, atingindo diretamente o discurso do protagonismo juvenil e do propósito educativo dialógico.

Sintetizando o mundo prefigurado e a realidade em que se encontram os sujeitos desta pesquisa a partir dos dados expostos, é possível traçar um desenho de elevado consumo midiático, com destaque para os dispositivos móveis em uma cultura sonora fundamentada, principalmente, no gênero musical, com a presença considerável do aparelho de rádio, que ficou como segundo colocado nas duas escolas; preferências musicais acentuadas no funk, sertanejo e rap; e sociabilidades mediadas pelo virtual (uso significativo das redes sociais). As percepções relacionadas ao fazer radiofônico e as potencialidades de uma rádio escolar encontram-se, ainda, bastante reduzidas e toda a experiência se simplifica no entretenimento musical. Isso pode ser explicado pela ausência de formação/monitoria voltadas para os Clubes de Rádio e também pelo sucateamento dos aparelhos, o que corrobora com uma re-elaboração bastante trivial do que eles conhecem de rádio.

²⁴ Acrônimo para Mestre de Cerimônias, haja vista os MC's atuarem, inicialmente, nos eventos como apresentadores.

5.2 MÍMESIS II – CONFIGURANDO AS EXPERIÊNCIAS DOS CLUBES DE RÁDIO

É nessa segunda etapa que as experiências e agenciamentos se configuram, onde os acontecimentos se sequenciam. No ambiente escolar, essas experiências são vívidas, múltiplas, sobretudo, nos períodos livres, onde os estudantes podem brincar, descansar ou mesmo participar dos clubes. Foram nesses momentos de “ócio” que acompanhei as experiências dos Clubes de Rádio, dentro e fora das reuniões e programações. Durante as vinte e duas visitas realizadas, pude participar da concepção da programação “ao vivo” dentro do estúdio e também como ouvinte no auditório durante os momentos do almoço²⁵, onde a programação acontece de forma mais longa (das 11h30 às 13h).

Segundo Ricoeur (2010), a etapa referente à configuração é o caminho entre o prefigurado, estabelecido contextualmente (culturalmente), e a produção de sentidos reconfigurada pós-experiência. Para o autor, configurar é mediar, a “*mimesis* II só tem uma posição intermediária porque tem uma função de mediação. Ora, essa função de mediação deriva do caráter dinâmico da operação de configuração”. (RICOEUR, 2010, p. 113/114) É sob esse caráter dinâmico, configurado na convivência diária, que os estudantes desenvolvem parte de suas experiências. Nos Clubes de Rádio, especificamente, elas se desdobram em atividades de gestão, produção e recepção. Os estudantes aprendem a compartilhar, gerenciar, interagir. É onde dialogam, brigam e configuram suas realidades individuais numa experiência coletiva que poderíamos, analogamente, identificar como a intriga, o ápice da dinâmica narrativa.

[...] esse dinamismo consiste em que a intriga já exerce, no seu próprio campo textual, uma função de integração e, nesse sentido, de mediação, que lhe permite operar, fora desse próprio campo, uma mediação de maior amplitude entre a pré-compreensão e, se ousar dizer, a pós-compreensão da ordem da ação e de seus traços temporais. (idem, p. 114)

Assim sendo, começaremos pontuando essas experiências a partir das características de cada Clube.

²⁵ Numa das escolas, cheguei, inclusive, a acompanhar a programação, algumas vezes, almoçando com os estudantes e com a coordenadora. Na outra escola, apesar de ter sido convidada a participar do almoço, mas por não me sentir à vontade, optei por me dedicar apenas à escuta.

5.2.1 Como se configuram os Clubes Kennedy e Bonsucesso

5.2.1.1 Estrutura

As duas escolas, onde se desenvolvem os Clubes de Rádio investigados, localizam-se na periferia da capital cearense, uma no Bairro Bonsucesso e a outra no Bairro Presidente Kennedy. Ambas possuem refeitórios que também funcionam como auditórios, onde são compartilhadas as programações radiofônicas. As veiculações se restringem a esses espaços por não haver extensão do equipamento radiofônico para outras partes das escolas, como quadra de esportes, corredores e sala dos professores. As instituições dos Bairros Bonsucesso e Kennedy são um tanto quanto semelhantes em termos de estrutura física, ambas possuem quadra de esporte, refeitório e tiveram, respectivamente, 420 e 350 alunos matriculados em 2017, com dez a onze salas de aula cada escola. A escola em Bonsucesso possui um pequeno estúdio de rádio, localizado numa das extremidades do corredor das salas de aula que ficam no primeiro andar. O estúdio possui uma janela de vidro direcionada para o auditório que fica no térreo do prédio, o que permite visualizar o que acontece no espaço durante a programação. Ao contrário, a escola em Presidente Kennedy não possui um lugar específico para as atividades radiofônicas; estas acontecem no palco do auditório com uma caixa de som de tamanho médio e um microfone de apoio. O estúdio do Clube Bonsucesso é equipado com mesa de som, microfone (quebrado, na época das visitas) ar-condicionado (que deixou de funcionar no segundo semestre de 2017 por falta de manutenção), e as caixas de som que estão instaladas nas paredes do auditório, o que permite uma amplificação melhor do som.

Figura 5 – Estúdio Bonsucesso



Fonte: registros da autora.

Figura 6 – Auditório Kennedy – Halloween



Fonte: registros da autora.

5.2.1.2 Funcionamento

Os dois clubes²⁶ possuem ainda outras especificidades. Como a proposta dos Clubes de Protagonismo é que cada grupo tenha liberdade para traçar seu plano de ação, respeitando o contrato de convivência, então cada clube acompanhado apresentou formas diferentes de funcionamento de sua rádio. O Clube Bonsucesso funciona diariamente durante o período do almoço e de intervalos do lanche, nos turnos matutino e vespertino. Essa constância foi observada principalmente em 2017. O Clube Kennedy, no segundo semestre de 2016, funcionava nos horários de almoço nas segundas, quartas, sextas e em datas comemorativas. Depois foi alterado para as terças e quintas, mantendo as datas comemorativas, e finalizou o ano apenas com atuação nas datas festivas. Em 2017 essas inconstâncias se mantiveram, porém as datas comemorativas continuaram como ponto fixo das atividades da rádio.

²⁶ Os dois clubes intitularam suas rádios com as siglas dos nomes das escolas, entretanto, serão usados títulos fictícios ligados aos seus respectivos bairros a fim de facilitar a correlação e preservar a identidade dos mesmos, como já foi explicitado na introdução da pesquisa.

5.2.1.3 Quadros de gestão

Quanto às funções, os dois clubes organizam-se com presidente e vice-presidente, entretanto, como o interesse pelos Clubes de Rádio é sempre grande, os gestores dos Clubes distribuem outras funções com a finalidade de facilitar o trabalho e ampliar as possibilidades de participação. Nos dois clubes são eleitos monitores (chamados também de “apoio” ou “mão direita”), que se revezam nas atividades, e também secretários. Apenas em um dos clubes há a participação de um tesoureiro e uma locutora.

Em uma de minhas visitas, a presidente do Clube Kennedy chegou a afirmar que a rádio (referindo-se ao clube) era a “cabeça da escola” e que seus integrantes sempre eram elogiados pelo bom trabalho que desenvolviam na escola, chegando, inclusive, a ganharem como “Clube Destaque” (clube mais atuante), em 2016. Ao tratar das datas comemorativas, nas visitas feitas no segundo semestre de 2016, sempre faziam referência ao Clube da Decoração e contavam que os dois clubes trabalhavam juntos para fazerem os eventos da escola acontecerem. Por essa razão, uma das funções estabelecidas pelo Clube Kennedy é a de tesouraria. No início, estranhei a ideia de um tesoureiro em um Clube de Rádio, entretanto, ao compreender a dinâmica do clube nessa escola, descobri que tal função justifica-se pois os estudantes arrecadam dinheiro entre eles e professores para auxiliar nos gastos das festas que realizam. Além do tesoureiro, o clube agrega ainda funções de secretariado e ‘mão direita’.

5.2.1.4 Programação

A programação do Clube Kennedy é essencialmente musical, com leituras intercaladas de poemas, recados e informes. Os próprios integrantes colocam a caixa de som de mais ou menos 1m de altura sobre o palco, distribuem cadeiras ao redor da caixa para os participantes, equalizam o som e dão início à programação. Quando a música tocada não é consenso dos que permanecem espalhados pelo auditório, automaticamente, há reclamação, seguida de mudança de faixa. Alguns integrantes do clube demonstram constrangimento, outros, insatisfação, mas a programação segue com o que eles têm no *pendrive*, no *notebook* ou no *smartphone*. Durante a leitura dos poemas/recados românticos, geralmente, um deles coloca uma música mais calma ou mesmo romântica e reduz o volume com o intuito de criar uma sonoridade compatível com o que está sendo lido.

No Clube Bonsucesso a programação não é muito diferente. A música é também o principal elemento da rádio e, com a falta de manutenção do microfone, os informes escolares

são gravados no *smartphone* e transmitidos via rádio. Não presenciei em nenhuma das visitas nesse clube a leitura de poemas ou outros textos, salvo quando algum professor utilizava a rádio para alguma atividade específica de sua disciplina ou eletiva, como por exemplo, as eletivas “No embalo dos anos 80” e “Do clássico ao pop, essa caixinha toca tudo”, em que utilizaram a rádio para efetivar suas atividades.

5.2.1.5 Organização e planejamento

Em 2016, o Clube Bonsucesso não realizou reuniões de planejamento; no entanto, no primeiro semestre de 2017, o presidente garantiu que as reuniões com o vice-presidente e a professora de Protagonismo tornaram-se frequentes a fim de melhorar a rádio. Já no Clube Kennedy, as reuniões eram mais frequentes, pois as datas comemorativas exigiam um planejamento prévio para organizar os eventos. No entanto, no que diz respeito às programações normais, tudo acontecia (quando acontecia), “ao vivo” e improvisadamente.

Os núcleos gestores das duas escolas (diretores e coordenadores) me apontaram a dificuldade que os clubes têm de planejar as programações e reconheceram a consequente defasagem potencial das rádios, sugerindo que seria interessante, portanto, que alguém os instríssem e auxiliassem na construção de uma programação mais diversa. Entretanto, como os Clubes de Protagonismo não sugerem a mediação de adultos, apenas o incentivo e o apoio, então, na prática, eles fazem o que conseguem e com o que têm, a julgar pela falta de manutenção dos equipamentos, quando não dos próprios equipamentos. Os dois clubes apresentaram e questionaram os problemas enfrentados por conta da ausência de internet, de cabos de áudio de qualidade e dispositivos para tocarem as músicas.

Apresentados e caracterizados a partir de suas realidades, os clubes serão analisados mediante o que foi observado, tomado como nota no diário de campo e compartilhado em rodas de conversa gravadas e não gravadas. A construção desta *mimesis* seguirá um contorno narrativo e se efetivará a partir das narrativas compartilhadas pelos estudantes, pela interpretação narrativa dos clubes realizada por intermédio da observação participante e pelas reflexões propostas pelo referencial teórico. Como as visitas ocorreram durante três semestres, final de 2016 e 2017, esse acompanhamento dos clubes permitiu, a partir dos eventos que foram se delineando nesse recorte de tempo, a construção de uma cadência narrativa sob a ordem das três principais categorias abordadas: coletividade, convergência e protagonismo.

5.2.2. O “nós” e os “nós” da construção coletiva dos Clubes de Rádio

“(…) nem que a gente bote pessoas de mês a mês, mas a gente vai fazer com que todo mundo faça parte da nossa rádio escolar”. (Presidente do Clube Bonsucesso)

A proposta dos Clubes de Protagonismo é que os grupos sejam formados em torno das áreas de interesse dos estudantes, a fim de que a troca de informações e experiências proporcionem aprendizagens aos envolvidos. É assim que nascem os clubes. Entretanto, ainda que esses sejam concebidos mediante inscrição, às vezes, a estrutura dos mesmos não comporta o número equivalente de inscritos, e exatamente por essa razão o Manual dos Clubes de Protagonismo orienta que haja uma atenção ao volume de trabalho previsto para o clube que está sendo planejado, de modo que a quantidade de pessoas na equipe atenda à necessidade das demandas. Como um dos principais objetivos dos clubes é a integração, o número excessivo de componentes pode ocasionar a ociosidade de muitos e, por conseguinte, problemas de convivência decorrentes da frustração.

A narrativa dos Clubes Bonsucesso e Kennedy começam no primeiro bimestre do ano letivo de 2017, uma vez que as visitas ocorridas no ano anterior aconteceram com o objetivo de conhecer as escolas e as características dos Clubes de Protagonismo.

Inicialmente, o Clube Bonsucesso começou com uma equipe bastante reduzida, porém essa realidade se estendeu até junho por causa do atraso da escola em promover o “Dia D dos Clubes” (destinado às inscrições para os Clubes de Protagonismo), diferente do Clube Kennedy que iniciou as atividades da rádio com uma equipe maior e já delimitada pelo fato das inscrições terem ocorrido logo no início do ano. Entretanto, ainda que em momentos diferentes, os dois Clubes de Rádio apresentaram a mesma problemática, um número considerável de inscritos para uma quantidade restrita de funções.

No Clube Kennedy, de acordo com a presidente da Rádio, 35 estudantes chegaram a se inscrever para participar do Clube, no entanto, os integrantes que já compunham a rádio desde o ano anterior, após reunião chegaram à conclusão de que 25 seria um número suficiente para a boa realização das atividades.

No Clube Bonsucesso, que funcionou com um grupo restrito durante todo o primeiro quadrimestre do ano letivo, a procura foi ainda maior. Em uma roda de conversa realizada no dia 14 de junho, o presidente e o vice-presidente contaram que se surpreenderam com o número de colegas que quiseram participar da rádio e que o número de inscritos chegou a 58. Como o estúdio é pequeno e as atividades limitadas, eles entendiam que 15, ou no máximo 20 estudantes, era o suficiente, ainda que houvesse o desejo que todos participassem. Mostraram-

se preocupados com o número excedente de colegas inscritos e disseram que a seleção seria feita conjuntamente com a professora de Protagonismo.

Nos dois Clubes, o professor de Protagonismo ou um representante do núcleo gestor da escola acompanha o processo e auxilia na escolha final, favorecendo aqueles que apresentam características mais próximas do perfil exigido para o clube e /ou levando em consideração o engajamento e o comportamento do estudante nas atividades escolares. Isso ficou implícito nas falas dos estudantes que definiam os colegas a partir de características como: “esforçado”, “excelente” e também porque parte dos integrantes dos Clubes de Rádio, nas duas escolas, estão envolvidos em outras atividades, como a monitoria da biblioteca, o grêmio, entre outras.

Compreendendo os princípios de coletividade em que se baseia a construção de um Clube de Protagonismo, a legitimidade que norteia o desejo do presidente do Clube Bonsucesso esboçado no subtítulo que abre esse tópico “(...) nem que a gente bote pessoas de mês a mês, mas a gente vai fazer com que todo mundo faça parte da nossa rádio escolar”), revela um esforço para que seus colegas também possam compartilhar da experiência de “fazer a Rádio”. Esse senso de coletividade pôde ser expresso em vários momentos das primeiras rodas de conversa. Quando questionados acerca do que poderia ser feito para melhorar a rádio, ele disse:

Presidente do Clube: O sonho da gente é que a Rádio cresça. A gente já sentou e conversou: vamos fazer com que todo mundo passe pela Rádio? A gente quer melhorar isso, porque a senhora viu que essas meninas ficam isoladas com os celulares delas, a gente quer chamar elas – “se inscrevam pra vocês conhecer”.

Na fala do estudante, fica explícito que o crescimento da rádio está intimamente ligado à integração. A melhoria da rádio poderia estar atrelada a questões técnicas, ou mesmo aos objetivos e conteúdos da rádio, que ainda se apresentam bastante reduzidos, no entanto, a inquietação aponta para um propósito que atende aos princípios de coletividade. O desejo é de que em vez de experiências individualizadas, todos os colegas possam experimentar de um espaço que pertence a todos. No Clube Kennedy, para essa mesma pergunta, as respostas também escaparam a preocupações meramente instrumentais, relacionando a melhoria da rádio à necessidade de harmonia da equipe gestora e à responsabilidade dos que se dispuseram a fazer parte do clube:

- A gente se dar bem! (Referindo-se às dificuldades internas de convivência).

- Tirar quem não vem para as reuniões porque eles não vêm tia, mas depois que alguém fala pra eles sobre o plano que fizemos na reunião, eles vêm “tudim” dizer:

ah...vocês nem me chamaram... mesmo a gente tendo chamado eles, sabe? Eles vêm querendo cobrar as coisas.

O desabafo da última fala ressalta o quanto as experiências estabelecidas por meio da convivência, do contato próximo com o outro, estão permeadas não somente por concordâncias, mas, principalmente por divergências e tensões que vão requerer antes de tudo, respeito, paciência, alteridade. Martín-Barbero (2014) diz que “há comunicação quando a linguagem dá forma à conflituosa experiência do conviver, quando se constitui em horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo”. (p. 29).

Como a categoria de coletividade se estabelece teórica e contextualmente nesta pesquisa, pelas discussões referentes à convivência e diálogo, outros aspectos significativos dessa “conflituosa experiência do conviver” se mostraram pertinentes, como veremos a seguir.

“Tia, a senhora não puxa esse assunto porque a senhora não sai daqui hoje”. (Integrante da equipe gestora do Clube Kennedy)

O alerta acima me foi dado durante uma roda de conversa que tivemos no primeiro semestre de 2017 e refere-se ao questionamento que fiz sobre os problemas que os estudantes enfrentam internamente na equipe de gestão, que se apresentaram de forma latente em suas narrativas. Participaram da roda na ocasião a presidente, o secretário e outros três integrantes da gestão do clube e, em vários momentos da nossa conversa, os componentes revelaram problemas de relacionamento com o secretário, porque, segundo eles, o estudante cobra demais e exige muito da presidente. Entretanto, os problemas internos não se resumem à dificuldade de receberem as cobranças do colega, mas também de tomarem decisões coletivamente.

Presidente: um quer uma coisa, outro decide outra, ou então as outras pessoas esperam só por uma pessoa.

- Opiniões distintas!

- No final das contas dá tudo certo.

Secretário: no final das contas cada um (referindo-se aos colegas) discute comigo.

Quando questionados sobre o trabalho em equipe, apesar de o considerarem bom, ficou clara a dificuldade que o grupo do Clube Kennedy tem de gerenciar a diversidade de opiniões e a tensão com as falas do secretário foi recorrente. As principais cobranças feitas por ele referem-se ao fato de a presidente não conseguir agregar nas reuniões todos os componentes do grupo, não gerenciar situações adversas que comprometem o funcionamento

da rádio, não dar oportunidade a outras pessoas e, por último, por considerá-la “mandona”. O restante da equipe não concorda com o estudante, mas a presidente assume a ‘dificuldade’ de fazer com que todos participem das reuniões e atribui essas ausências à falta de interesse dos participantes. Quanto à responsabilidade sobre o não funcionamento da rádio, ela se defende:

Presidente: Sabe porque ninguém tava colocando lá? (Referindo-se ao ato de colocar a caixa de som no palco para funcionamento da Rádio) Porque eu também sou aluna, eu também tenho os meus direitos e deveres a cumprir. Eu tenho atividades, trabalhos e não tenho só a Rádio para cumprir nas minhas costas. Ele quer que eu faça só! Que eu tenha tempo só pra Rádio, mas eu não tenho.

Secretário: Mas assim, tu tem os dias e tu botou essas pessoas lá, é pra essas pessoas ter compromisso e tá lá. (Referindo-se à equipe de revezamento responsável).

- É justamente, “pra essas pessoas”. Cada um tem que se... (a estudante tentou enfatizar que a responsabilidade era “dessas pessoas” e não da Presidente).

Todos concordaram que esses problemas de relacionamento afetam as atividades do clube e o fato de não conseguirem se entender, prejudica toda a equipe. Ainda assim, todos, com exceção do secretário, concordaram que a presidente do clube ouve o grupo durante as reuniões e na tomada de decisões; entretanto, as discordâncias e os ‘nós’ dessas narrativas se acentuam quando verificadas também as discussões via *chat*.

O Clube Kennedy possui um grupo no *Facebook* com 17 integrantes, dentre eles a coordenadora da escola, a professora madrinha do clube, o ex-presidente já egresso da escola, a pesquisadora e treze integrantes do clube. Em uma discussão que acompanhei no *chat* foi possível perceber que a narrativa do secretário não é isolada. Outra integrante do clube também desabafou sobre a falta de confiança e de oportunidade dada aos participantes e atribuiu as decisões finais à coordenadora da escola, que, em seguida, repreendeu a estudante assegurando-lhe não mandar no clube e questionando-a se não conhecia de perto o funcionamento dos clubes. A integrante confessa que faltou à primeira reunião, mas afirmou estar bastante interessada em participar das atividades. Ainda no *chat*, a coordenadora da escola chegou a compartilhar que a madrinha da rádio (professora destinada a acompanhar os estudantes do Clube) havia comentado sobre a dificuldade dos integrantes do clube de se entenderem.

No Clube Bonsucesso essa realidade apresentou-se de forma diferente no início de 2017, e isso pode ser atribuído ao fato de a equipe caminhar, nesse período, com o presidente e vice-presidente, apenas. Os dois integrantes que iniciaram compartilhando a gestão do clube em 2017 afirmaram não ter algum problema que pudesse afetar o desenvolvimento da rádio, que todas as decisões eram conversadas e que o diálogo entre eles era sempre bastante

harmonioso:

Presidente: Tudo o que eu vou fazer aqui dentro eu chego pra ele e digo: vamos lá, vamos conversar, vamos falar com a tia (professora de Protagonismo) pra gente abrir a inscrição (...). Aí ele: não, ok! Agora se ele discordar, aí pronto! Se ele disser: não, eu não quero! Aí a gente chama tia X (nome da professora de Protagonismo). Graças a Deus, até agora é o sim de todos dois.

Vice-presidente: Assim, eu nunca discordo das ideias dele, todas as ideias dele são legais, assim, pra melhora da rádio, eu não discordo das opiniões dele, eu dou super bem com ele, a gente é muito amigo.

Mais à frente, veremos que as narrativas destes personagens se desintegram no decorrer do ano letivo e que o desfecho dessa história é outro. No entanto, ainda no início do ano letivo, as principais dificuldades enfrentadas pelo Clube Bonsucesso referem-se aos ouvintes que brigam quando querem uma música que a rádio não pode tocar (funk²⁷, por exemplo), ou por não quererem obedecer à lista de espera. Contrariados, chutam a porta do estúdio e desrespeitam os responsáveis pelo clube.

Outro aspecto relevante acerca das experiências coletivas refere-se à participação da comunidade escolar na programação radiofônica. No Clube Bonsucesso, durante várias visitas, presenciei estudantes irem à porta do estúdio pedir músicas, vi alguns entregarem os próprios celulares com a música já selecionada, ouvi outros gritarem pedindo para tirar a música que estava sendo tocada por não gostarem, como também observei aqueles que, durante a programação da rádio, optam por suas escutas individualizadas no *smartphone*. Como a programação mais longa acontece no intervalo do almoço (uma hora e meia), os primeiros quarenta minutos, quando o refeitório está mais cheio porque todos estão almoçando, é quando a escuta se dá de forma mais ampla. Depois disso, os professores vão para sua sala e grande parte dos estudantes se dispersam em outras atividades. Geralmente, a interação descrita anteriormente se dá por meio daqueles que ficam no refeitório/auditório, onde as caixas de som são instaladas, e no corredor onde se localiza o estúdio.

No Clube Kennedy, percebi algumas semelhanças com o outro clube, tanto no que diz respeito à interação quanto à dispersão. Quando a música não agrada, os estudantes gritam pedindo para trocar e quando gostam, interagem cantando e dançando, mas não verifiquei o troca-troca de *smartphones* durante a programação. A opção da escuta individualizada também é real nessa escola e quanto aos professores, após o almoço, a maioria não permanece no auditório.

Quando questionados sobre a variedade musical, os dois clubes afirmaram ser bastante

²⁷ Nos dois Clubes existe uma proibição para o funk, cujas letras apresentem conteúdo que eles denominam de “imoral” e para o rock “pesado”.

democráticos, mas que o estilo favorito da maioria e, portanto, o mais tocado no momento, era o sertanejo (outra narrativa entregue nas primeiras rodas que se desfaz com o aprofundamento da pesquisa e com as rodas e questionários destinados à construção de sentido dos ouvintes). Como o uso do celular é comum na programação musical, questionei com os clubes se não há uma tendência a replicarem a *playlist* pronta do *smartphone* do responsável pela programação. De acordo com a dupla do Clube Bonsucesso, isso só acontece quando eles ficam totalmente sem internet, mas ainda assim colocam as músicas escolhidas pelos colegas, que se dispõem a entregar seus próprios *smartphones* a fim de serem atendidos, e quando não há pedidos eles tentam colocar músicas que a maioria se identifique.

No Clube Kennedy, por não haver internet disponível no primeiro semestre para os estudantes e os planejamentos em torno da programação serem mínimos, acabavam tocando o que havia no *pendrive* ou celular de alguém da equipe. Durante a primeira roda de conversa gravada cheguei a ouvir uma das integrantes dizer: “O que nós botar tem que escutar!” apesar de todo o grupo participante garantir que respeita a variedade de ritmos musicais (informação questionada pelos ouvintes na *mimesis* III).

Os Clubes de Protagonismo recebem um direcionamento de fortalecerem suas equipes para que permaneçam atuantes no ano letivo seguinte, e acredito que por essa razão o discurso do legado é bem presente. No Clube Bonsucesso, por exemplo, o presidente de 2017 foi um apoio (monitor ajudante) em 2016 e no Clube Kennedy boa parte da equipe gestora desse ano eu já havia conhecido das visitas realizadas no ano anterior. Na primeira roda de conversa gravada, perguntei a cada equipe o que haviam recebido como legado da equipe anterior. O Clube Kennedy, consensualmente, destacou o caderno com o registro dos eventos referentes às datas comemorativas, cujas ideias serviram de inspiração, e o Clube Bonsucesso apontou o quesito responsabilidade.

Presidente: a responsabilidade deles. Eu fui um apoio ano passado e cheguei a presidente. Eles deixaram para nós uma responsabilidade que a gente só seguiu em frente hoje, eles ainda vêm aqui e parabenizam a gente.

Como já foi citado no decorrer da pesquisa, mas propositadamente reiterado nesta etapa, por se tratar de um aspecto ligado à representatividade de uma coletividade, os cargos de liderança dos clubes podem se dar por consenso, votação ou legado. No Clube Kennedy, a presidente foi escolhida por votação. O Clube Bonsucesso iniciou o ano com o funcionamento de um Clube de Rádio e a proposta de criação de mais um; porém, por decisão própria, dois colegas decidiram se unir para formar apenas um clube e, consensualmente, definiram que o

presidente seria o que já estava dando andamento às atividades (e que havia colaborado com a Rádio no ano anterior) e que o idealizador da segunda proposta seria o vice-presidente.

Presidente: Eram duas rádios, a dele e a minha, aí eu tava sem vice-presidente, aí eu disse: não, vamos juntar, a gente não tá tendo espaço nem pra uma, vamos juntar as duas.

Vice-presidente: O meu não funcionava e também ia demorar muito e ele (o colega) precisava de mim.

Mesmo com a proposta de unir os projetos para formação de um único clube, as expressões ‘a dele e a minha’ e ‘o meu não funcionava’ dão relevo a insinuações de projetos individualistas à frente das rádios.

No segundo semestre letivo de 2017, entretanto, as realidades foram drasticamente alteradas nos clubes das duas escolas e os problemas de convivência foram decisivos para tais mudanças. As surpresas vieram por conta da saída/substituição do vice-presidente do Clube Bonsucesso e a notícia de uma longa pausa do Clube Kennedy até a retomada das atividades sob responsabilidade de um professor.

No meu retorno à escola do Clube Bonsucesso, logo nos primeiros minutos, antes mesmo de subir as escadas que dão acesso ao andar do estúdio da rádio, encontrei o vice-presidente do clube e perguntei-lhe como estavam as atividades naquele período. Em tom de desagrado disse-me não saber mais nada e que sem razão havia sido retirado do clube. Tentei ouvi-lo para compreender melhor a situação, mas mostrou-se bastante magoado inviabilizando a extensão da conversa. Depois desse momento, fui ao estúdio e encontrei uma nova integrante no comando da programação. Permaneci dentro do estúdio, acompanhando a programação musical e o compartilhamento de um informe acerca do desperdício de comida, em referência aquele momento de horário do almoço. Aproveitei para conversar e ficar a par de algumas das novas mudanças. Então, ela explicou-me que depois das inscrições, 15 alunos foram selecionados para a nova fase do clube e que, naquele dia, era a responsável pela programação. Eu comentei a importância do informe que havia acabado de ouvir e ela acrescentou: “Quando não tem aula ou quando tem provas, a gente também usa a rádio para comunicados”.

No final da visita daquele dia consegui conversar com o presidente do clube e questionei quais as razões do rompimento com o vice na gestão e ele afirmou-me que o colega não estava tendo responsabilidade com as atividades da rádio, que surgiram alguns problemas e, por isso, optou pela saída do vice-presidente da rádio. Os depoimentos de um e outro apresentaram muitas contradições e revelaram a dificuldade de desenvolver uma atividade de

forma dialogada e compartilhada, a partir da resolução de conflitos. Durante uma das rodas de conversa com o novo grupo, busquei informações acerca da seleção dos inscritos no “Dia D dos clubes”.

Pesquisadora: Como vocês chegaram a esses 15, dos 50 inscritos?

Presidente: A gente fez o sorteio e aí a gente chamou a professora pra ver se dava certo na Rádio e a gente viu o temperamento. Foram 15 e mais os apoios que já tinham.

Pesquisadora: Então o temperamento foi um aspecto importante na escolha. E a professora de protagonismo participou desse processo?

- Ele e a professora de protagonismo são assim tia (a estudante fez um gesto referente à proximidade dos dois).

Em todas as minhas visitas ao longo do ano, o presidente da rádio sempre se mostrou participativo junto à professora e ressaltou que suas decisões e ideias eram compartilhadas com ela e que, consecutivamente, recebia apoio e confiança. Percebi que o presidente era um aluno atuante, engajado nas atividades da escola e havia sido convidado, inclusive, para integrar o grêmio. Aproveitei o momento para perguntar aos demais integrantes como era a relação deles com o presidente:

- Ótimo! (vários)

- Bom!

Pesquisadora: Todo mundo aqui tem opinião ou eles (presidente e vice) monopolizam as opiniões?

- Eles não mandam em nada.

Presidente: A gente não manda em nada, tia, é todo mundo.

No Clube Kennedy, meu retorno no segundo semestre aconteceu na festa do Halloween, divulgada na página do Facebook da escola. Fui com o objetivo de acompanhar a presença da rádio no evento, mas me deparei com um grupo de professores conduzindo a festa. Fiquei observando o andamento da programação até que o secretário do clube me viu e logo me encheu de informações. Disse que a rádio voltou a funcionar naquele dia, no horário do almoço, e não no desenvolvimento da festa. Comentou também a saída da presidente e da vice-presidente do clube e a nova direção da rádio por um professor. Pouco tempo depois, a presidente da rádio também veio até mim e, toda animada, contou-me que a rádio estava bem melhor e mais organizada, que o professor havia reservado um lugar no final do corredor do primeiro andar e ali improvisado uma espécie de estúdio. Comunicou também que a

amplificação do som havia melhorado com a mudança, que uma colega havia retornado para a locução da rádio, que estavam fazendo leitura de horóscopo, dando dicas de leitura e que, dali por diante, as programações voltariam a ser semanais. Ao final da festa conheci o professor, apresentei-lhe a pesquisa e comuniquei-lhe que retornaria para acompanhar as programações semanais.

Saí da escola do Clube Kennedy cheia de interrogações acerca do rompimento, da (não) autonomia do clube na condução da rádio, das novas mudanças físicas, da alteração de função dos integrantes e da inserção de outros estudantes. Tais surpresas trariam novas discussões para as rodas de conversa e muito material para reflexão. Mas, antes disso, era necessário acompanhar algumas programações desse novo momento e compreender a inserção do professor nesse processo. Voltei na semana seguinte e cheguei propositadamente com antecedência a fim de acompanhar a montagem do estúdio improvisado e não perder nada da programação. No entanto, no horário exato de começar a atividade radiofônica, nada aconteceu. Fui para o pátio e fiquei circulando até que a Presidente da Rádio veio comunicar-me que talvez não houvesse funcionamento por conta da ausência do professor. Naquele dia, desde que cheguei à escola tentei comunicar minha visita à diretora ou coordenadora, mas elas passaram todo o intervalo numa reunião. Com o não funcionamento da rádio, permaneci mais tempo esperando até que uma delas pudesse me atender; entretanto, acabei me deparando com uma situação grave e constrangedora. Ao retornar da reunião a diretora me recebeu e expliquei-lhe que havia combinado com o professor de acompanhar a atividade naquele dia, mas como não havia ocorrido eu gostaria de informar meu retorno na semana seguinte. Nesse mesmo momento, a presidente da rádio e uma outra integrante entraram na sala e pediram à diretora para colocar a rádio no ar. A diretora rispidamente afirmou: “O professor está fora da escola, a rádio só funciona com ele!” Na ocasião, o constrangimento foi geral, então eu rapidamente agendei minha visita para a semana seguinte, agradei pela colaboração da escola com minha pesquisa e fui embora.

A situação narrada acima atesta o quanto as relações de poder são decisivas no desenvolvimento das atividades nos contextos escolares e, de igual forma, como as ações arbitrárias decorrentes dessas relações suprimem a liberdade dos estudantes, comprometendo o processo educativo. Freire (1996) contesta essas práticas arbitrárias tão presentes e equivocadas em espaços educacionais: “assim como inexiste disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, a rigor, autoridade ou liberdade” (p. 54). Além disso, a realidade apresentada pelo Clube Kennedy no segundo semestre de 2017 fere diretamente a proposta pedagógica do Clube de Protagonismo. Quando a rádio passa a depender

exclusivamente da presença do professor para funcionar, esvai-se a ideia de protagonismo. É importante ressaltar que os integrantes do Clube expuseram que o tempo de pausa da Rádio e o retorno das atividades com o professor deveu-se principalmente aos conflitos de convivência entre os integrantes do clube.

Quando questionei na roda de conversa sobre a escolha de um outro nome para o Clube de Rádio, tendo em vista que eles mesmos não consideravam-no semelhante a uma rádio (ver *mimesis* I), eles não compreenderam e trouxeram à tona a nova fase da rádio.

- Agora tem outra rádio com o professor “A”, aí a rádio tá funcionando muito melhor, tá até igual a rádio funcional.

- Só não tem estúdio. Outro interrompe: Tem!

Presidente: A gente improvisa né? No dia do *halloween* a gente fez lá em cima, montou o som e tudo, ficou top lá em cima.

- Foi, é porque teve uma reunião e ele escolheu quem ia participar da rádio, não foi você que se inscreveu e entrou não. Ele que escolheu, ele saiu chamando as pessoas que tinham responsabilidade.

Eu questionei: Então essa ideia de remontar a rádio foi ideia da direção?

- Não. Ficou muito melhor.

- Foi ideia do professor, do próprio “A”. Ele viu que a rádio não tava funcionando e chamou alunos bons para fazer funcionar.

- Tá muito melhor a rádio.

Presidente: Mil vezes melhor!

A avaliação positiva da nova formatação da rádio foi unânime entre os integrantes do clube, o agravante é que eles não conseguiram compreender e, por conseguinte, questionar a decisão individual do professor em reativar a rádio, em selecionar os estudantes que ele considerava “bons” para participar, e ainda reinaugurar a rádio e não dar continuidade, um possível indício do mundo prefigurado, que representado pelas decisões autoritárias da gestão escolar, se sobrepôs à percepção do que, de fato, deveria ser o melhor para o clube e para os estudantes. Todas essas decisões confrontam-se com os princípios da coletividade e do protagonismo, tão caros à atividade educativa e à proposta aderida pela escola. Essa roda de conversa, cujas narrativas foram compartilhadas, aconteceu na minha terceira visita após a “reinauguração” e, no entanto, a rádio que voltou com a proposta de funcionar semanalmente, estava inoperante pela terceira semana consecutiva por conta das ausências do professor no horário destinado à programação. Então, questionei-os: Só que ela só funcionou na reinauguração, não é? De lá para cá ela não funcionou mais. E porque ela não está

funcionando?

Presidente: Porque o professor A, ele tem os compromissos dele.

Locutora: Porque quem tem de fazer o roteiro de cada rádio são os alunos, não é o professor, são os alunos e os alunos não tão apresentando ideias. Eu e a minha colega, a gente apresentou uma ideia e nem essa ideia foi colocada em prática.

Pesquisadora: E porque você acha que ela não foi colocada em prática?

Locutora: Não sei, talvez... (colega interrompe: porque já passou o tema.). Não, não era nem o tema, era aqueles “programites” que a gente colocou no roteiro, só que nunca foi colocada em prática.

- Mas tudo depende dele. Um dia desse eu fui falar com ele e ele disse que ninguém tava indo atrás.

- A gente pergunta, ele não fala nada.

Então insisti em perguntar se mesmo com essa inatividade eles ainda consideravam que a rádio estava melhor agora. Eles disseram:

- Tá muito melhor agora.

- Tá mais organizada...

Presidente: É porque tá mais organizada.

Locutora: Em questão de organização sim, mas... (Alguém interrompeu: E de informação também) de atuação não.

- Em questão de organização tá perfeito, mas de atuação, acho que eu prefiro a do ano passado.

Pesquisadora: Que pelo menos estava acontecendo?

- Tava tendo, nem que fosse só uma musicazinha, mas tava tendo.

Tendo em vista que a comunicação e o diálogo pressupõem uma relação de troca que se dá por mediação e esta pode se configurar das mais variadas formas, as experiências verificadas nos clubes apontaram que os problemas, as discussões e mesmo as situações mais delicadas de relacionamento revelam a verdade do “estar com o outro”, do “se dispor” e “se expor ao outro” através de sugestões, ideias, comportamentos, ações e opiniões comuns à convivência mediada pela comunicação. Martín-Barbero (2014) elucida essa realidade da seguinte forma: “A palavra não é um mundo à parte, mas faz parte da *práxis* do homem: “a justiça é o direito à palavra”, pois é a possibilidade de ser sujeito em um mundo onde a linguagem constitui o mais expressivo lugar do “nós”.” (p. 34) Esse “nós”, no entanto, requer, necessariamente, diálogo, comunicação. Isso não significa consenso, passividade, mas

compreensão acerca da importância de se propor ao outro, ao grupo, mais ao projeto/plano/ideia, a oportunidade, a disposição de que todos os envolvidos conheçam e compartilhem o seu pensar sobre o mesmo, como nos adverte Freire (1977):

A comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. (...) Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. (p.67)

Apesar de, em determinados momentos, a preocupação com os princípios da coletividade se insinuar nas narrativas dos estudantes, a realidade demonstra uma série de rompimentos que acabam por afetar não somente o bom desenvolvimento das atividades, mas o convívio entre as partes. Esses rompimentos revelam não apenas a incapacidade do diálogo, da resolução dos problemas entre os estudantes, mas também as incongruências das gestões escolares que, em suas arbitrariedades, comprometem diretamente o processo educativo.

5.2.3 A Rádio Escolar em tempos de convergência

Smartphones, playlist, internet, wifi, facebook, messenger, pen drive, hashtags. A rádio escolar não está sozinha, não se reduz interativa e operacionalmente à mesa e caixas de som, microfones e computadores. Basta visitar um Clube de Rádio para perceber que com um bom sinal de internet, os estudantes poderiam ampliar significativamente os canais de participação, o atendimento aos pedidos musicais mais diversos, empreenderem formas alternativas de compartilharem os informes, as entrevistas e todo o conteúdo que quisessem disponibilizar. Os princípios dialógicos e de coletividade podem ser potencializados pelas páginas nas redes sociais e, inclusive, nos *chats* destinados aos grupos de gestão. Mas, de que forma a convergência tem contribuído e/ou concorrido com a rádio escolar? Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos Clubes de Rádio nas experiências analisadas?

No primeiro semestre de 2017, os estudantes da escola do Clube Bonsucesso tinham acesso à internet, ainda que bem reduzido, ou “fraco” como eles diziam, enquanto que na escola do Clube Kennedy eles não possuíam acesso nenhum. No segundo semestre do ano letivo, essas realidades foram invertidas e as narrativas alteradas.

“O que a gente queria mesmo era um *wifi* só pra rádio” (Vice-presidente do Clube

Bonsucesso)

Essa foi uma queixa dos dois clubes. Na escola do Clube Bonsucesso os estudantes possuíam, no primeiro semestre de 2017, acesso à internet e podiam utilizá-la nos tempos livres, considerando-se que os *smartphones* só podem ser usados fora da sala de aula, com exceção para as atividades planejadas que demandem o uso dos mesmos. A conexão de rede sem fio podia ser acessada por meio da senha do aluno, disponível em cartazes espalhados pela escola. No entanto, a qualidade do sinal não era suficiente para atender à demanda dos estudantes e da rádio; por essa razão, as atividades e programações do clube eram, significativamente, prejudicadas.

Na escola onde funciona o Clube Kennedy os estudantes não tiveram acesso à internet durante o primeiro semestre letivo e, por esse motivo, a programação quase sempre ocorria pelo compartilhamento de listas musicais prontas, restringindo os níveis de participação e interação, contribuindo para que o *smartphone* fosse um possível concorrente da rádio escolar. Quando questionados sobre a existência de internet no auditório para as atividades do clube, eles responderam:

Presidente: Não, não temos. Só o meu 4G mesmo, quando eu trago.

Secretário: Fica também muito difícil porque a gente quer botar outras coisas e não pode porque não tem Internet.

A essa mesma pergunta, o presidente do Clube Bonsucesso disse: “Eu canso de botar dados móveis no meu celular”. Então perguntei como fica a programação quando os dados de internet móvel acabam e ele continuou:

- Aí a gente tem que usar o *wifi* que é ruim. Fica caindo... pra carregar a música é um minuto, dois, aí a gente perde tempo e o pessoal “esculhamba” a gente lá fora.

Vice-presidente: A gente sabe que é muito difícil a gente conseguir coisas altas, mas o que a gente queria mesmo era um *wifi* só pra rádio.

Na ausência de internet garantida pela escola, os dois clubes disponibilizam, quando podem, o sinal de internet pago por eles mesmos, através de seus dispositivos móveis, ou seja, o *smartphone*, que pode funcionar como um concorrente à escuta coletiva proporcionada pela rádio também tem se revelado um excelente convergente, pois ao apresentar múltiplas funções acaba por facilitar e garantir, inclusive, que os clubes consigam funcionar sem transtornos maiores. Além disso, a falta de computadores para guardar, editar e disponibilizar os arquivos de áudio é minimizada pelos *smartphones*. É com o *smartphone* e o *pendrive* que os clubes preparam as *playlist*, gravam os informes, baixam as músicas e compartilham nas rádios.

Figura 7: *Smartphone* conectado à mesa de som no Clube Bonsucesso



Fonte: registros da autora.

No Clube Bonsucesso os microfones permaneciam quebrados desde a minha primeira visita no segundo período de 2016. Logo, a alternativa encontrada pelos gestores do clube foi utilizar a função gravador do *smartphone* para garantir que os informes fossem divulgados para a comunidade escolar. Em situações muito específicas, quando o uso do microfone é extremamente necessário, o diretor da escola cede um microfone sem fio, destinado aos eventos escolares, para que o Clube de Rádio faça uso.

Durante as observações participantes no Clube Kennedy percebi que a prática de receber os *smartphones* dos colegas para ampliar a programação da rádio não acontece. No Clube Bonsucesso, no entanto, presenciei várias vezes os estudantes batendo na porta do estúdio e, em seguida, entregando o aparelho com a música pronta para ser executada. Achei curioso o fato de optarem por compartilhar sua escolha com toda a escola quando a escuta poderia ser feita individualmente pelos fones de ouvido (esse ponto será discutido na terceira parte da análise, *mimesis* III), mas também me intrigou o fato de que, nesse “vai e vem” de aparelhos, o risco de queda e outros danos poderiam ocasionar problemas desagradáveis aos responsáveis pelo clube e à gestão escolar. Nesse sentido, eles compartilharam da mesma preocupação e o presidente comentou:

- Se um cabo desse queima no celular, aí vão dizer que foi nós. É uma responsabilidade grande a gente tá com o celular dos outros aqui dentro. Tem gente que entende, a gente explica, mas tem gente...

Percebi ainda nas narrativas que parte das reclamações dos clubes estavam atreladas à falta ou redução do sinal de internet e que sempre recorriam a esse argumento para explicar a restrição das programações. Diante da apresentação dessa dependência, eu perguntei aos dois clubes se eles achavam que havia possibilidade de fazer uma programação legal para a rádio sem o uso da internet. No Clube Kennedy, eles responderam:

- Dá, dá sim.

- Não.

Locutora: É necessária muita boa vontade, procurar material físico como jornal, revista é mais complicado do que procurar na internet, é menos objetivo.

Pesquisadora: Então porque mesmo achando que dá para fazer, vocês não fazem?

- Porque é mais difícil.

- Porque internet é o meio mais rápido.

- Como a colega disse, as revistas, as coisas materiais, elas não são objetivas. Na internet você pesquisa o que quer e você vai ter a resposta.

- E nem sempre no jornal vai ter o que você precisa, vai ter coisas aleatórias. Aí vai que eu tô querendo pesquisar sobre a consciência negra, nem toda revista, nem todo jornal vai tá falando sobre isso.

No Clube Bonsucesso as opiniões foram divididas; no entanto, dois argumentos foram bastante significativos: o primeiro, tratando do sucateamento e ausência de aparelhos importantes para o funcionamento da rádio, o outro acerca da negligência no desenvolvimento de atividades atrativas e interativas para a rádio.

Presidente: Se a gente tivesse um computador... porque pra gente usar o *pendrive* a gente vai precisar do computador lá na Rádio, porque aquele equipamento não tem entrada USB, aquela mesa de som.

- Não fiquem com raiva! A Rádio não está sendo usada na capacidade total dela, a gente usa a Rádio mas a gente se acostumou naquele estágio que a gente tá. A gente não procura melhorar e se a gente quiser melhorar a gente pode, porque, tipo assim, a gente pode fazer uma lista e botar fora da Rádio, colar e dar o anúncio na rádio: "venham colocar o tipo de música que vocês querem", pra gente poder baixar, aí eles iam colocar o estilo e depois que a gente tivesse baixado os estilos a gente ia pedir pra todo dia, antes do almoço, na hora do recreio, eles anotar a música que eles querem pra na hora do almoço a gente colocar as músicas. É porque nós já estamos acostumados no canto que a gente está, é uma adaptação. A gente tá confortável aqui.

- Em uma semana tá rasgado.

- Tia, eles faz é rasgar, tia.

- Tia, tinha uma menina que num tempo desse ficava andando pela quadra com uma prancheta e aí o pessoal ia lá e butava a música, mas acho nem foi esse “projeto” lá pra rádio.

Presidente: É porque o pessoal não dá a opinião deles, eles acham que é só aquilo que tá lá na rádio.

É interessante apontar que o integrante do Clube Bonsucesso começa sua fala pedindo que os colegas não fiquem chateados, exatamente porque ele iria assinalar as falhas do grupo e apontar alternativas fáceis, possíveis de serem feitas, mas que não eram realizadas. O estudante ressaltou a questão da acomodação e do conforto de não pensar e projetar meios de potencializar a rádio. No Clube Kennedy, a fala da locutora ao dizer “é necessária muita boa vontade”, atesta que alguns componentes dos clubes não desconhecem o potencial da rádio, mas assumem o comportamento apático dos grupos em não se esforçarem no sentido de ampliar as programações.

Tendo em vista que o *smartphone* compõe a realidade dos estudantes e, portanto, é um dispositivo acessível aos dois clubes, tentei compreender, nas rodas de conversa, as razões pelas quais eles não utilizavam os aparelhos para diversificar as atividades radiofônicas já que recorriam a estes para gravar os informes; por que não aproveitavam também para gravar depoimentos dos colegas, entrevistas com os professores, dentre outras possibilidades? No Clube Kennedy eles seguiram coerentes com a resposta da pergunta anterior, mas também citaram o excesso de atividades escolares e os problemas familiares como entraves para uma dedicação maior.

- Porque tem preguiça, é a realidade. (Resposta confirmada por outro colega).

Presidente: A gente se esforçando um pouco mais, dá certo.

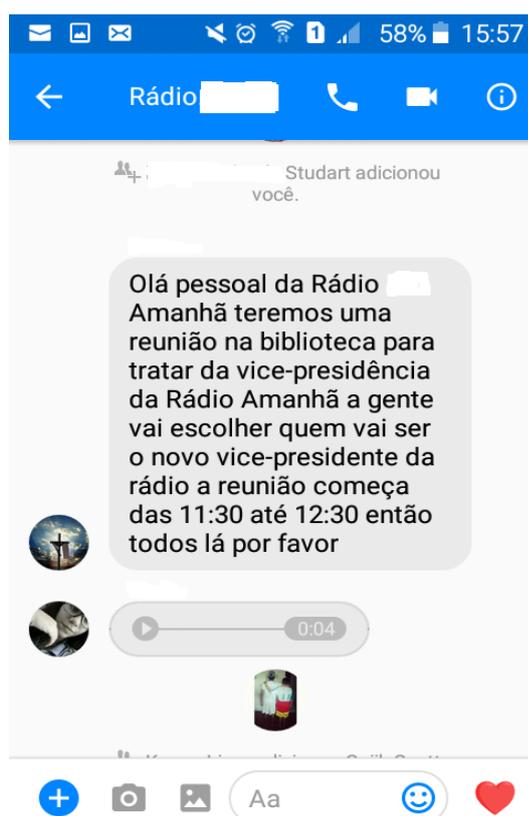
- O problema é que nossa cabeça já é cheia de muita tarefa, muito trabalho, muita prova, muito tudo, aí, geralmente ainda tem as preocupações de casa, aí a cabeça não pensa muito bem.

- Tem gente que explode né? Chora...

Outro aspecto referente à cultura da convergência tem sido o uso dos aplicativos e redes sociais virtuais para ampliar os canais de participação da rádio. O Clube Kennedy está à frente do Clube Bonsucesso nesse sentido. Além de uma página virtual da Rádio, onde divulgam os eventos da escola e as ações do clube, eles possuem dois grupos de conversa no *Facebook Messenger* (aplicativo oficial do respectivo site de rede social, que permite a formação de grupos de relacionamento e compartilhamento de vários tipos de texto). Um

deles já foi descrito na discussão referente à categoria anterior, mas vale acrescentar que nesse grupo eles marcam reuniões, discutem aspectos referentes à rádio, e também fazem usos diversificados: compartilham eventos de interesse dos colegas, jogam e conversam sobre assuntos extraescolares. O segundo grupo é privado, apenas o núcleo gestor do clube participa, “é o grupo que é só pro barraco mesmo, desculpa a palavra”, explicou a presidente.

Figura 8: Diálogo compartilhado no *chat* do Clube Kennedy.



Fonte: *chat* da página do Facebook (2017)

Quanto à página criada no *Facebook*, apesar de possuir apenas 81 curtidas, tem postagens com cerca de 300 visualizações. Embora essas sejam bastante visualizadas, o número de reações, comentários e compartilhamentos ainda é bem reduzido. A equipe acredita que a participação poderia ser bem maior; no entanto, isso não acontece por falta de interesse dos colegas, posto que a página já foi divulgada na rádio e o número de visualizações das postagens aponta o conhecimento da mesma pela comunidade escolar. A participação coletiva que poderia se apresentar de forma mais acentuada e potente nesse espaço, ao contrário, frustra as possibilidades esperadas.

5.2.4. O protagonismo nos Clubes de Rádio

“Aí é assim, quando dá problema a gente tem que dar o nosso jeito, tem que fazer o que der, tem que se virar nos 30” (vice-presidente do Clube Bonsucesso)

Os discursos acerca do protagonismo são diversos e controversos; contudo, como já pontuado anteriormente, as ações protagonistas analisadas neste trabalho referem-se ao que os estudantes conseguem fazer, sem a interferência verticalizada de professores e gestão escolar para colaborar com o desenvolvimento das atividades ligadas ao Clube de Rádio e mesmo escapar às regras autoritárias impostas sem uma discussão mais ampla com a comunidade estudantil. É claro que essas ações protagonizadas pelos estudantes não são capazes de impedir a arbitrariedade de gestões escolares equivocadas, como no desfecho da narrativa do Clube Kennedy, mas ainda assim elas precisam e merecem ser destacadas.

A análise realizada aqui nos aponta uma série de elementos ligados ao protagonismo juvenil e o próprio funcionamento dos Clubes de Rádio demonstra que a vontade de fazer acontecer é superior à realidade que lhes é dada. A criatividade dos estudantes em utilizar os *smartphones*, por exemplo, como suporte para suprir a ausência dos equipamentos necessários é mérito deles. O Clube de Rádio possui especificidades técnicas que demandam uma preparação maior para que seu funcionamento se concretize potencialmente. Entretanto, os estudantes, mesmo sem receberem instruções teóricas, técnicas, monitorias ou mesmo oficinas, engajam-se para manter a rádio ativa. Toda ação é protagonizada por eles com auxílio da professora de Protagonismo para questões de ordem ligadas à convivência ou mediação entre eles e a gestão escolar quando as necessidades são urgentes.

A fala do vice-presidente do clube que abre essa discussão revela o quanto eles são práticos e rápidos na solução de problemas de ordem técnica. O Clube Bonsucesso tem programação diária, três vezes ao dia, e, no entanto, em vez de se apegarem às várias dificuldades que poderiam, facilmente, levá-los à desativação do clube, persistem com o desejo de ampliar a presença da rádio no espaço escolar: “Eu vou até falar com X (provavelmente alguém da gestão da escola) pra gente puxar uma caixa pra quadra, puxar uma caixa para outros espaços porque só tem aqui, aí só escuta quem tá aqui”. A escola em Bonsucesso é ainda mais ampla que a Kennedy; a quadra fica bem distante do auditório. Por essa razão, a ideia sugerida pelo presidente da rádio é interessante, pois amplia as possibilidades comunicativas e interativas dentro da escola.

Para atender aos pedidos dos colegas e promover uma programação mais diversificada, os presidentes dos dois clubes utilizam, muitas vezes, a *internet* de uso pessoal,

disponível em seus *smartphones*, a serviço da rádio. Além de, ainda, disponibilizarem os seus aparelhos para auxiliar tecnicamente a rádio, como os próprios *smartphones*, *pendrives* e cabos de áudio.

Vice-presidente (Clube Bonsucesso): No momento a gente usa até nosso celular mesmo, a gente tava querendo algum dispositivo que desse pra colocar as músicas porque a gente vem com o celular aí descarrega, também tem a questão da entrada...

Presidente: A entrada do meu deu problema...

Vice-presidente: A entrada dele deu problema de tanto ele colocar...

Apesar de não haver mediação de adultos nos Clubes de Protagonismo, o currículo das Escolas de Tempo Integral de Fortaleza dedica uma hora/aula semanalmente para a disciplina de Protagonismo. Em conversa com a professora da disciplina, em uma das escolas investigadas, ela contou-me que não existem conteúdos rígidos ou material cedido pela Secretaria de Educação Municipal para que eles possam seguir ou se inspirarem. Todas as aulas são programadas pelo próprio professor e ela, particularmente, busca atender à realidade dos estudantes de sua escola. Por compreender que os clubes se fundamentam no trabalho em equipe, então, parte das suas aulas busca promover o fortalecimento dos laços de amizade, da alteridade e convivência; entretanto, sempre que um assunto ligado à cultura juvenil toma conta das conversas na escola, ela tenta trazer as reflexões necessárias em suas aulas. Além disso, ela também explicou que acompanha as atividades dos clubes no que diz respeito à organização e dias de funcionamento.

Nas rodas de conversa com os clubes perguntei se a disciplina colaborava com o desenvolvimento dos clubes de rádio. No Clube Kennedy o “sim” foi unanimidade e, em seguida, argumentaram:

Presidente: Ajuda e muito!

Secretário: Ajuda os clubes a planejar, ver o que está faltando para os clubes.

- Nossa professora, ela ajuda, ela é chata, mas ela ajuda muito. Ela dá ideias pra gente, faz com que a gente crie mais laços na equipe, passa vídeos pra mostrar como é o grupo em outras escolas.

Secretário: O meu professor foi falar da Rádio porque ninguém tava botando o som, ninguém tava dando as notícias da escola.

No Clube Bonsucesso a avaliação não foi diferente, antes mesmo desse questionamento específico os estudantes compartilharam que todo o processo de nova formação do clube tem sido acompanhado pela professora e chegaram, inclusive, a citar seu

nome 17 vezes durante a roda de conversa.

Presidente: Ajuda porque a tia trabalha muito a questão da amizade, da união, sempre nas aulas dela ela fala que a união faz a força. É raro ela trabalhar em fileiras, ela só trabalha em grupos e é sempre trazendo atividades que a gente tem que ir e ela sempre vai modificando as pessoas.

Como o discurso do Protagonismo é bastante presente nas duas escolas, acreditei ser pertinente ouvi-los e pontuar a compreensão que eles têm do que é ser um estudante protagonista. Inicialmente, sentiram dificuldade de elaborar respostas para a pergunta, alguns riram, abaixaram a cabeça, revelaram insegurança. No Clube Kennedy, apenas a presidente quis responder: “É cumprir com todos os deveres e também ter os seus direitos”. No Clube Bonsucesso os dois (presidente e vice) optaram por falar:

Presidente: Meu Deus, esqueci o que ia dizer... é a gente saber se avaliar, é a gente saber fazer, tomar a frente, não o professor. É a gente ter experiência própria, ter atitude, porque o protagonista ele tem que ter atitude. Antes eu tinha vergonha de falar, agora não, agora eu falo pelos cotovelos dentro da sala, eu levanto a mão... sei sim respeitar a opinião dos outros, é tanto que a gente senta em grupos e o pessoal não gosta da minha opinião, só que eu respeito a deles e eles as minhas, sempre unidos.

Vice-presidente: Eu acho que eu sei me avaliar, uma vez eu tava lá na quadra, aí o pessoal foi tudo saindo e ficou dois copos, eu trouxe os copos, eu não deixei lá. Se eu tivesse deixado lá os copos, ia ficar feio. Tem muito aluno que faz isso, a gente sabe que o canto certo de comer é aqui e não no pátio porque você vai pra quadra e deixa o copo lá, aí vem outro, pega e vai jogar na areia, a gente andando pela quadra a gente vê esse tipo de coisa.

Pesquisadora: Então essas atitudes são ...

Presidente: São protagonistas porque nem todo aluno faz isso.

Pesquisadora: Vocês recebem essas referências na aula de Protagonismo?

Presidente: Na aula, porque nem todo aluno faz isso, as vezes a sala tá suja e eu fico sozinho na sala de aula, eu perco cinco minutos da aula mas nem por isso eu morro. Às vezes o pessoal deixa os copos, joga casca de banana no chão, eu apanho pra ninguém cair, a gente tenta ajudar a escola e nem todos zelam pelo patrimônio público.

Quando questionados sobre a forma como poderiam exercer o Protagonismo a partir dos Clubes de Rádio, a compreensão da pergunta foi bem difícil para os dois clubes. Após algumas reelaborações e exemplos, os estudantes do Clube Bonsucesso, de forma bem subjetiva, identificaram a Rádio como um espaço para ouvir e respeitar o outro, enquanto a Presidente do Clube Kennedy foi mais enfática: “Indo atrás das coisas... melhorias para a Rádio, ouvindo crítica e correndo atrás do que a gente vai fazer na Rádio”.

No entanto, o Clube Kennedy é um exemplo significativo das incongruências verticalizadas da gestão escolar. Como já apontado nas narrativas acerca da coletividade, o andamento desse clube foi drasticamente alterado no segundo semestre do ano letivo de 2017. Por conta, principalmente, dos problemas relacionados à convivência, as atividades foram paralisadas e, quando retomadas, aconteceram de forma bastante contraditória ao discurso da proposta elucidada no Manual dos Clubes de Protagonismo. Não por causa da presença do professor no desenvolvimento da atividade radiofônica, até porque a concepção do discurso do Protagonismo não exclui a presença de professores ou demais membros da instituição das experiências educativas, o próprio MCP (Manual dos Clubes de Protagonismo) alerta:

Não podemos esquecer que a Equipe Escolar tem papel fundamental no desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo. Os estudantes necessitam de orientação, estímulo, apreciação, compreensão e, acima de tudo, colaboração de adultos na organização e execução dos seus Clubes. (MANUAL CLUBES DE PROTAGONISMO, 2015, p. 44)

No entanto, o que ocorreu no Clube Kennedy não foi a colaboração de um professor na condução das atividades, mas a transferência da responsabilidade do Clube (formado coletivamente pelos estudantes) para um professor, ratificada na fala da diretora da escola ao declarar que a rádio só funcionaria com o docente. A compreensão desenvolvida nesta pesquisa converge com o pensamento freireano: “Se a educação é dialógica, é óbvio que o papel do professor, em qualquer situação, é importante”. (FREIRE, 1977, p.53). Nesse sentido, ao impedir que os estudantes pudessem desenvolver as atividades da rádio por conta da ausência do professor, a autonomia do clube foi afetada. É certo que essa era uma equipe que já havia apresentado diversos problemas de relacionamento e organização no decorrer do ano, entretanto, a resolução tomada pela gestão da escola para sanar essa dificuldade culminou com uma “reinauguração” que não se estabeleceu, a julgar pelos estudantes terem afirmado que a Rádio voltaria a funcionar semanalmente, mas após três visitas consecutivas minhas no horário determinado para o funcionamento, não verifiquei a continuidade da programação radiofônica.

Nas duas instituições, os clubes afirmaram existir um direcionamento das gestões escolares para que os estudantes não coloquem “funk” nas rádios, sob a explicação de que algumas letras são imorais ou fazem apologias ao crime ou às drogas. O fato é que nas duas escolas esse estilo musical foi o mais votado, eleito o favorito da maioria. Em algumas visitas pude vê-los escolher para tocar alguns “funks” da cantora Anitta, por exemplo, sem que houvesse qualquer problema. Como também verifiquei alguns outros com batidas mais fortes

serem imediatamente reprimidos. Percebi que há uma preocupação dos diretores e professores com o conteúdo das letras musicais, todavia há uma necessidade de um diálogo mais esclarecedor entre docentes e discentes, para que as ações sejam educativas e não proibitivas. No Clube Bonsucesso, uma lista de pontos contendo regras de convivência, exposta na porta do estúdio, tem como sexta regra a indicação: Não tocar música de duplo sentido (imorais). Eu levei essa discussão para as Rodas de conversas e ao perguntar sobre a existência de restrições para as atividades radiofônicas, no Clube Kennedy as respostas imediatas também foram:

- Tocar funk.
- É, botar funk, mas de vez em quando a gente bota.
- Funk pode, só não pode os pesados.

Pesquisadora: Mas porque mesmo não podendo vocês colocam?

- Porque ...
- Não, tia, não é nós, geralmente é o pessoal do nono ano.
- Do k-pop! (Alguém completou, fazendo referência ao grupo que gosta de música coreana e utiliza frequentemente a caixa de som).
- Porque são teimosos.

Pesquisadora: Mas quando acontece a teimosia, alguém fala: “Não, não pode”?

- A gente bota, mas às vezes eles mandam a gente tirar, quando eles estão vendo assim que o funk tá muito esculhambado, aí a gente vai e tira, a gente não... Eles mandam a gente tirar.

As narrativas acima denotam que, em se tratando do funk, a compreensão deles acerca das razões sobre o que é e o que não é permitido ainda é dúbia. Mas, a subversividade deles em “arriscar” colocar o funk chamou-me a atenção durante a observação participante. Ao questioná-los sobre isso, a primeira resposta direta foi ‘a teimosia’. Essa teimosia me pareceu, muitas vezes, a tentativa de dizer: “É o que nós gostamos, é o que preferimos, é o que nos comunica”. Mas, as tentativas eram sempre frustradas. No Clube Bonsucesso, acrescentei: Vocês podem selecionar alguns funks, não podem? Vários disseram que sim e começaram, inclusive, a citar nomes de músicas, mas um estudante respondeu:

- A professora tem um pouco de preconceito com o funk, mas quando a gente coloca o funk ela reclama que a gente não pode colocar, mesmo sem apologia a nada, só a música normal.

Ainda na tentativa de compreender a relação das gestões escolares com as gestões dos Clubes e perceber os entraves que afetam os exercícios do Protagonismo, questionei nas rodas

específicas para os integrantes dos Clubes como se estabeleciam esses relacionamentos. No Clube Bonsucesso, as narrativas foram as seguintes:

- A gente tá almoçando, a música nem tá muito alta e ela (referindo-se à diretora) manda nós abaixar.

Presidente: - os alunos pedem pra aumentar e ela pede pra abaixar.

- É porque assim, ela fala que a hora do almoço é uma hora pra relaxar, então ela quer músicas calmas, ela não quer música rápida, não quer música com agressividade, ela quer uma música pra dormir (ironizou). Aí os alunos não querem, ela quer aquilo, mesmo sendo hora do almoço os alunos quer uma música pra escutar e curtir. Eles não querem relaxar na hora do almoço, eles querem cuidar (riso geral). Aí ela fica com raiva.

(Em outro momento da roda, esse mesmo estudante chegou a criticar a diretora, afirmando: “a diretora critica esse tipo de música assim que, digamos, tente formar a gente”).

- Só quem quer descansar é ela.

- E eles não entendem o gosto pessoal das outras pessoas, eles só querem saber do deles.

-Tipo, tá tocando uma música, aí tem uns professores que manda abaixar do nada, a música nem...

- Às vezes, tudo bem, tá alta, a gente abaixa, aí fica baixo e eles pedem pra abaixar mais ainda.

-Tipo, se não for uma música que o professor goste, ele pede pra abaixar, mas se for uma que ele goste, ele deixa.

Presidente - Eles não sabem respeitar as músicas da Rádio.

-A gente coloca Jorge e Mateus, eles não gostam, a gente coloca Marília Mendonça, pedem pra aumentar.

Os estudantes apontaram a interferência da diretora e dos professores, sobretudo, na regulação do volume do som e nas escolhas musicais. A queixa do presidente do Clube é bastante direta e significativa, ao dizer que eles (docentes e gestores) não respeitam as músicas da Rádio. Na sua fala, o estudante demonstra sua insatisfação e denuncia a fragilidade da autonomia conferida aos clubes. Contudo, ainda mais sério foi a ponderação do colega ao dizer que a diretora não gosta de músicas que “tente formar a gente”, sendo o desenvolvimento formativo crítico um pilar do processo educativo e um importante objetivo dos meios de comunicação na escola. Ainda nessa discussão, perguntei se as rádios têm uma relação direta com a diretoria das escolas. Os integrantes do Bonsucesso responderam que sim, que a Rádio não era independente e que, por razão da diretora ter assumido recentemente tal função, eles não haviam participado de nenhuma reunião com ela. Contudo, em visitas

feitas no início do ano, eles haviam relatado comportamentos semelhantes acerca do diretor anterior que, inclusive, ameaçava paralisar as atividades do Clube caso não houvesse sujeição às normas.

No Clube Kennedy, eles declararam, num primeiro momento, uma relação bem tranquila com a diretoria da escola, principalmente, com a coordenadora que era a pessoa mais próxima do Clube, mais presente e atuante que a própria “madrinha da Rádio”. No entanto, quando perguntei se eles dialogavam sobre a programação da Rádio com a diretora, eles responderam:

- Não. (Vários)
- Ela nunca tem tempo pra sentar com a gente...
- A gente conversava mais com a coordenadora.
- A outra é brava (referindo-se à diretora)

As narrativas desses estudantes afirmam o que verifiquei durante as visitas realizadas nessa escola: que as informações acerca do andamento do clube eram dadas sempre pela coordenadora, e que também era ela quem acompanhava as apresentações da Rádio no auditório, corrigia a postura dos estudantes no palco e reunia o grupo quando eu queria conversar com eles. Sendo assim, percebi, de fato, um distanciamento da diretora com relação às atividades da Rádio. Ao identificá-la como brava, o desabafo da estudante nos remete à ocasião em que a gestora escolar impediu o funcionamento da Rádio por conta da ausência do professor, ou seja, ainda que a maioria tenha identificado uma relação de tranquilidade entre gestão escolar e clube, o fato é que durante a investigação algumas situações já expostas apontam para um diálogo diretamente afetado por intransigências.

Embora tendo sido observados e apontados relevantes aspectos relativos à coletividade, convergência e protagonismo, a forma como a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, bem como as gestões escolares conduzem as atividades revela uma distância alarmante entre o que propõe o Manual dos Clubes de Protagonismo e o que é realizado no cotidiano dos Clubes de Rádio. A potencialidade das atividades que poderia ser impulsionada mediante formação, mediação de membros da comunidade escolar, investimento, manutenção dos equipamentos e, sobretudo, compreensão da relevância das atividades educacionais por parte do corpo docente e gestor, acaba por não se estabelecer, comprometendo o engajamento e desenvolvimento dos estudantes e das atividades.

5.3 *MÍMESIS* III: COM A PALAVRA, OS OUVINTES: DESLOCAMENTOS DA RECEPÇÃO DOS CLUBES DE RÁDIO

As experiências radiofônicas se concretizam na escuta; portanto, tão importante quanto descrever o contexto cultural dos estudantes, suas experiências de gestão e produção radiofônicas é compreender qual a leitura que os colegas “ouvintes” fazem da programação e do próprio Clube de Rádio e como se caracterizam essas escutas. A partir das narrativas compartilhadas pelos ouvintes das rádios escolares pretendeu-se aqui verificar as construções de sentido acerca desse dispositivo midiático, da atividade desenvolvida pelas equipes dos clubes, bem como a recepção das programações radiofônicas e uso dos dispositivos móveis como alternativa de consumo híbrido e/ou concorrente. Embora no decorrer do texto haja a utilização dos termos escuta, recepção, acolhimento, leitura (próprios da terceira *mímesis*) todos esses são adotados a partir da perspectiva de mediação proposta por Martín-Barbero:

O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. (...) Mediação significa que entre estímulo e resposta há um espesso de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. (*apud* Soares, 2014, p. 13)

Nesse propósito, insere-se o desenvolvimento da terceira *mímesis*. A etapa de refiguração que fecha o arco mimético proposto por Ricoeur (2010), complementando a atividade de mediação da *mímesis* II, pré narrada na *mímesis* I. “*Mímesis* III marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor” (Ricoeur, 2010, p. 123), é o momento em que as experiências se desdobram numa temporalidade, segundo o autor, específica. No caso das programações radiofônicas, ainda que a escuta se estabeleça paralelamente à transmissão, as construções de sentido ou leitura dessas escutas se estendem para além da ordem simultânea de recepção. Ao se completar numa teoria de recepção, a *mímesis* III inclui ainda um importante elemento nesse processo de ressignificação da obra, a referência.

Uma estética da recepção não pode incluir o problema da *comunicação* sem incluir também o da *referência*. O que é comunicado é, em última instância, para além do sentido de uma obra, o mundo que ela projeta e que constitui o seu horizonte. Nesse sentido, o ouvinte ou o leitor o recebem de acordo com a sua própria capacidade de acolhimento que, também ela, se define por uma situação ao mesmo tempo limitada e aberta para um horizonte de mundo. (*idem*, p.132)

Essa capacidade de acolhimento é ponto-chave de análise e discussão nessa etapa da pesquisa, tendo em vista que o grande nó na recepção das programações radiofônicas se

enrijece no acolhimento enviesado ou na rejeição do que é compartilhado pelos clubes investigados. Apesar de a grande maioria dos pesquisados acharem legal ter uma rádio na escola, com números próximos aos 90% e 95%, nas escolas dos Clubes Kennedy e Bonsucesso, respectivamente, as queixas com relação à veiculação massiva de apenas alguns estilos musicais são expressivas e, no Clube Kennedy, o limiar dos índices de “audiência” são inquietantes.

Na escola do Clube Kennedy, os que acompanham sempre ou esporadicamente a programação da rádio escolar somou 55% e os que quase nunca acompanham, 45%. Talvez esse desinteresse esteja relacionado ao fato do Clube Kennedy não possuir uma programação regular e constante. Sua participação mais ativa nas datas comemorativas faz com que o clube não seja facilmente reconhecido como um Clube de Rádio e ainda dos 103 estudantes que preencheram o questionário, com exceção dos dez que disseram já participar da rádio, apenas 23 responderam que gostariam de fazer parte do clube.

Na escola do Clube Bonsucesso essa realidade mostrou-se diferente: 80% foi a soma dos que assinalaram acompanhar sempre ou esporadicamente a programação da rádio escolar e apenas 20% ‘quase nunca’. Sobre o interesse em participar da rádio da escola, as opiniões ficaram bem divididas, quase que empatadas. É interessante destacar que, nas duas escolas, outros clubes, sobretudo os relacionados às atividades esportivas, funcionam no mesmo horário de funcionamento da rádio e esse pode ser mais um fator concorrente para o não interesse de muitos em participar do Clube de Rádio. Após a refeição, embora um número razoável de estudantes se mantenha no auditório e nos arredores, não são todos que participam da recepção das rádios.

Como foi apontado anteriormente, as críticas destinadas às programações das rádios são expressivas e denunciam, principalmente, a falta de variedade musical em seus compartilhamentos. Na primeira *mimesis*, os gráficos referentes às duas escolas revelaram que o funk, o sertanejo e o rap foram os estilos mais votados, entretanto, outros estilos musicais foram bastante pontuados.

Partindo do pressuposto de que a rádio deve servir à comunidade escolar, priorizar determinados estilos por conta de escolhas individuais de integrantes do clube (ainda que ocasionados por impedimentos da própria falta de investimento/manutenção das rádios) diminui o potencial de interação da rádio e o acolhimento da programação pelos ouvintes.

Em consulta ampliada, por meio da aplicação de questionário, perguntei aos estudantes o que eles gostariam que estivesse na programação das rádios de suas escolas. Os resultados apontaram que a variedade musical é a maior cobrança das comunidades estudantis

investigadas, ratificando aspectos das narrativas já entregues nas outras duas *mímesis*.

Quadro 1: O que falta na programação – Kennedy

Variedade musical: 51%

Clube Kennedy

Responderam não saber: 9%
 Não responderam: 8%
 Notícia: 8%
 Esporte: 5%
 Piadas: 4%
 Palavras de aprovação: 5%
 Mais caixas pela escola: 3%
 Participação de todos os alunos: 1%
 Outros: 6%

Fonte: dados da pesquisa.

Quadro 2: O que falta na programação – Bonsucesso

Variedade Musical: 67%

Clube Bonsucesso

Notícia/informes: 8%
 Palavras de aprovação: 11%
 Entretenimento: 7%
 Não responderam: 4%
 Dias definidos para cada estilo: 1%
 Veiculação no celular: 1%
 Locutor: 1%

Fonte: dados da pesquisa.

O mesmo questionamento foi levado para as rodas de conversa direcionadas aos ouvintes e as narrativas não só atestam como complementam os números. No Clube Kennedy, eles disseram:

- Organização.
- Mais variedades.
- Mas as músicas poderiam ser mais variadas.
- Mpb, internacional...
- Só é funk e k-pop (dois disseram a mesma coisa).
- Antigamente era melhor, antigamente funcionava direito a rádio, agora esse ano (2017), faz tempo que a rádio não funciona realmente como ela é.

- Só nas datas comemorativas mesmo que eu vi a rádio funcionando.

- O grêmio podia ajudar também.

Pesquisadora: Quando a Rádio funciona, vocês gostam?

- Sim.

- Mais ou menos porque, tipo assim, como não tem um clube de rádio oficial, as pessoas que pegam as coisas, é mais pra aquelas pessoas que gostam de escutar aquilo, tipo hip-hop e não é todo mundo que gosta de hip-hop, aí, é por isso que tem vez que eu prefiro escutar as minhas músicas do que as músicas da rádio.

Uma das grandes questões do Clube Kennedy em 2017 foi a inconstância de funcionamento da rádio em dias externos às datas comemorativas, apesar dos dias festivos serem o principal alvo do clube, tanto em 2016 quanto no início de 2017, havia dias estabelecidos para seu funcionamento. Tanto que a última proposta era de um funcionamento semanal, às quartas-feiras. Contudo, essa inatividade permitiu que grupos de estudantes utilizassem a caixa de som da rádio para compartilhar música no auditório. Por essa razão, um dos ouvintes insinuou não haver na escola uma rádio oficial. Durante a aplicação dos questionários muitos estudantes fizeram reclamações contundentes relacionadas, principalmente, à desorganização do clube e à falta de variedade musical.

Na escola do Clube Bonsucesso, as reclamações quanto à falta de variedade musical e à restrição nas programações foram semelhantes. Ao perguntar se eles ouviam o que gostavam na rádio escolar, todos responderam simultaneamente que não, então eu provoquei:

Pesquisadora: Quais são os estilos de música que vocês gostariam de ouvir e que não toca na rádio?

- Rap internacional.

- Rock, rap.

- Internacional.

Pesquisadora: E vocês acham que essas músicas não tocam porquê?

- Eles acham que é por causa de letras imorais, essas coisas, não! Porque essas músicas são mais cultura mesmo e é o que tá faltando na rádio. Porque é só sertanejo, sertanejo, sertanejo...

- Como ela falou, é cultura. Porque o brasileiro não pode ouvir outra música que fale outra língua, tipo o rock, diz que já é do demônio. É a mesma coisa se você escutar um rap, já diz que tá fazendo apologia ao crime.

- É falta de conhecimento. É igual o reggae, é um estilo muito aceitado por alguns e rejeitado por outros, por conta que existem pessoas que usam droga por conta disso, mas não tem nada a ver.

- Eu já presenciei um caso de uma mãe que chegou aqui na hora do almoço e foi almoçar com o filho, aí ela até se irritou, realmente a música era muito desagradável para a hora do almoço, ficar tocando música tão agitada assim, sabe, forró. Eu acho muito agitado para a hora do almoço.

- Uma coisa mais lenta assim para descansar.

- Música paz e amor.

No diálogo acima, os estudantes apontaram aspectos relevantes a serem discutidos. Primeiro, as músicas que eles gostariam de ouvir não são tocadas, ou seja, ao restringir o compartilhamento de apenas alguns estilos musicais, o Clube de Rádio deixa de atender a maioria dos estudantes, impedindo não só uma interação maior do corpo discente com a rádio, como reduzindo o potencial que esse dispositivo midiático tem de socializar uma gama de músicas com múltiplas referências, com vistas a contribuir para o enriquecimento cultural da comunidade escolar, como bem argumentou um dos ouvintes. Segundo, os ouvintes colocaram que a equipe do clube usa o argumento das letras imorais para não ampliar a diversidade musical e apontam ainda a ratificação do preconceito que há com o rock, o rap e reggae. É válido lembrar que, nessa escola, os estilos mais votados foram o funk e o rap, contudo a massificação do sertanejo foi uma reclamação generalizada. Em uma roda de conversa realizada anteriormente com os integrantes do clube, estes chegaram a criticar as reclamações constantes dos colegas ouvintes e se defenderam:

- Presidente: mas no caso é porque nem todo dia a gente tem um 4G pra gastar com esse povo.

- Justamente, todo mundo reclama que a gente só tem aquelas músicas, mas eles têm que entender que a gente tem aquelas músicas no nosso celular, que a gente não tem nenhuma obrigação de tá colocando nosso celular lá.

- Não tem Internet.

- Justamente! Não tem Internet, não tem vários equipamentos que a gente precisava. Tem professor que reclama que a gente não coloca música. Outros estão achando ruim, então traz o celular deles ou então a professora X (de Protagonismo), que ela também ajuda a rádio, fazer um *pendrive* com várias músicas e a gente colocava. Mas assim, tipo, eu só tenho sertanejo no meu celular, aí o povo reclama que eu só boto sertanejo. Mas é o que eu tenho, eu não sou obrigada a baixar nada.

- Presidente: A gente até baixa música que a gente não gosta.

Os problemas elencados pela equipe do clube revelam as dificuldades de desenvolver um projeto de rádio com equipamentos sucateados, ausência de internet e, ainda, manifestam o desconhecimento da função da rádio escolar, tanto por parte dos integrantes do clube quanto do corpo docente e gestor, os quais poderiam colaborar na mediação desses conflitos. Ao utilizarem os próprios aparelhos celulares no funcionamento da rádio, os integrantes do clube

acabam compartilhando as suas *playlist* pessoais nas programações, afetando gravemente o potencial interativo, coletivo e cultural do meio. Quando o presidente do clube chama os colegas ouvintes de “esse povo”, há uma demonstração clara do desgaste de uma relação estabelecida sob os equívocos de que, em sua atuação, o clube não possa ser alvo de críticas e cobranças. É certo que as cobranças são constantes e os recursos para atendê-las, mínimos. Por essa razão, sem uma fundamentação formativa e técnica, tão necessária ao desenvolvimento das atividades, o que se verifica é uma contraposição equivocada entre os integrantes do clube e os demais colegas. Ratificamos também aqui a discussão já realizada no tópico “Mídia Sonora” quando apontamos a redução da rádio escolar ao funcionamento de reprodução musical semelhante aos demais dispositivos presentes nesse contexto: os *smartphones* e as caixinhas de música, com uma única diferença: a amplificação do som.

Mesmo com todas as controvérsias entre clube e ouvintes, percebi que no Clube Bonsucesso, na tentativa de atender à demanda dos ouvintes, os monitores recebem os *smartphones* dos colegas para tocar suas músicas preferidas (outro ponto criticado pelo presidente, por conta dos transtornos que podem ocorrer com a queda de um aparelho). Entretanto, questionei na roda de ouvintes o significado desse comportamento, tendo em vista que essa escuta via *smartphone* poderia se dar de forma individual e repetidas vezes.

Pesquisadora: Algumas vezes, durante o ano, fiquei dentro do estúdio acompanhando o pessoal pedindo música, entregando o celular, enfim. Como vocês veem esse ato de entregar o celular para tocar a música de vocês? Porque se você pode ouvir sozinho, quando você entrega, tem algo aí...

- Meio desconfiada, alguma coisa pode acontecer.

- Medo.

- É, porque a responsabilidade é nossa por ter dado e eles por ter recebido.

- Eu acho que quando a gente pede uma música pra tocar na rádio é porque meio que a gente quer compartilhar a música que a gente tá ouvindo, mas eu acho meio errado essa questão da gente dar, porque, na verdade, era para ter um *wifi* na escola, próprio para as pessoas da rádio. (depois da fala de uma colega, ele continuou...): assim como os professores, o clube da rádio era para ter um computador também, e se eles já não tiverem né? Mas, a internet também é bem essencial para esse tipo de coisa.

Pesquisadora: Então a entrega do celular tem a ver com o compartilhamento da música?

- Sim, eu já pedi música lá e eu queria que todo mundo ouvisse porque eu amo a letra da música e tal.

Apesar de inseguros com os riscos da entrega dos aparelhos e de reconhecerem a necessidade de equipamentos básicos para o funcionamento da rádio, os estudantes

confirmaram que a entrega do *smartphone* sinaliza a proposta de compartilhar com a maioria aquilo que eles têm escutado, suas preferências ou novidades musicais. Mais um aspecto que atende a propósitos coletivos e ainda ratifica os usos e consumos híbridos do *smartphone*. Dos fones de ouvido para as caixas amplificadoras da rádio, a escolha individual é socializada e ampliada.

Continuando a discussão referente ao Clube Bonsucesso, percebi, ainda, durante as visitas, que a impossibilidade do clube de atender a maioria gerava transtornos, e, por vezes, reações bastante agressivas. A porta do estúdio apresenta danos ocasionados por chutes e empurrões, pois os estudantes quando querem uma música vão até o local para fazer o pedido diretamente ao monitor responsável; contudo, a impaciência na espera do atendimento ou a sensação de rejeição quando há uma resposta negativa ao seu pedido, por vezes gera embates intensos. Por isso, na tentativa de compreender tais comportamentos, levei o assunto para a roda de ouvintes e eles não só confirmaram as ocorrências, como expuseram as razões.

- É, chutam, batem no vidro, eu fico até meio constrangido.

- Porque se eles não dão atenção...? A atenção que a gente precisa...

- Eles não valorizam.

Pesquisadora: Então vocês acham que a galera chuta a porta porque o Clube da Rádio não dá assistência, é isso?

- É!

- Eu acho.

Pesquisadora: É só isso? Será?

- Vandalismo.

- Também tem essa.

- Se bater na porta não resolve, eu acho que chamando a atenção chutando...

Pesquisadora: Então é uma forma de chamar a atenção?

- É, mais eu acho ridículo isso, chutar a porta, que atitude “macheira”, chutar a porta, muito errado.

- Exatamente. É ridículo? É! Mas que chama a atenção, chama.

- É errado, não dão atenção...é igual a galera que bateu no vidro lá, tacou com força, pediram pra eu ir embora, fui pedir uma música...

- As pessoas da rádio ficam muito deitadas, eles tudo se soltam dentro da rádio, deitam nas cadeiras, empinam as mesas...

- E não tem mais nada para anotar os pedidos.

- Era tipo, a rádio é como se fosse um trabalho pro estudante, como se fosse adulto, só que o pessoal aí é mais desrespeitado, eles fazem o que quiser.

- Eles levam com brincadeira.

Pesquisadora: Quando vocês pedem uma música e ela não é tocada, o que acontece? Vocês conversam com eles depois ou só ficam chateados?

- Nós tenta.

- Assim, se a gente for conversar com eles, a gente é meio que rejeitado, então a gente prefere ficar na nossa e esperar alguma ação de alguém que faça o que a gente quer. Porque assim, pra mim a rádio é a voz dos alunos, o que a gente pedir eles têm que (atender, alguém completou), é atender.

- Que eu saiba a rádio era para ter diversidade de música, porque essa é a proposta da rádio, ter diversidade.

Os argumentos expostos nas narrativas acima revelam que os comportamentos agressivos constituem uma maneira dos estudantes de chamarem a atenção dos monitores do clube, de se fazerem ouvir e serem atendidos em seus pedidos musicais. Pode ser traduzido como uma reação ao que eles interpretam como desrespeito e indiferença por parte dos colegas que atuam na rádio. As narrativas demonstram que eles entendem o equívoco de tais atitudes, definindo-as, inclusive, como atos de vandalismo, mas acreditam ser uma possibilidade de serem ouvidos. Além disso, eles denunciam ainda os comportamentos incoerentes dos integrantes do clube dentro do estúdio. A visão apresentada pelos componentes da roda de conversa sobre a recepção do clube foi negativa e crítica, sobretudo, no sentido de não se sentirem acolhidos, valorizados e representados nas programações da rádio.

Na escola do Clube Kennedy, a construção de sentidos a respeito da recepção do clube e de sua programação também não foi positiva, entretanto, as críticas não foram tão incisivas, até porque a atuação da rádio não é presente no cotidiano desta escola e, portanto, sua presença é habitualmente substituída por outros elementos ou atividades. Perguntei ao grupo de ouvintes como se sentem quando não têm seus pedidos atendidos no dia que a rádio funciona e apenas um respondeu:

- Eu fico normal, até porque se a rádio não tocasse a música que eu quisesse eu ia escutar de outra forma.

Pesquisadora: Então o *smartphone* é uma opção quando vocês não conseguem ouvir por outro canal a música que gostam?

- Isso.

Durante as visitas, percebi claramente que parte dos estudantes optam pelos fones

durante as programações radiofônicas, ou, ainda, oscilam entre os fones e as rádios. Então busquei compreender esses usos que, para mim, tanto se apresentavam como uma escuta protagonista, quanto como um elemento de concorrência à programação radiofônica. Nesse sentido, questionei com os ouvintes o que os faziam trocar a rádio pelos fones. No Clube Bonsucesso, eles afirmaram basicamente o que o estudante do Clube Kennedy apontou anteriormente:

- A diversidade de música.

- O fato de não ter música que a gente quer, a cultura que a gente precisa. Porque a maioria dos alunos acha que só o funk é a música certa, ou então só o sertanejo. Não existe isso! Cada um tem a diversidade de ser... A música que quer escutar.

- No *smartphone* a gente pode escolher a música e na rádio a gente não tem a oportunidade de escolher.

- O almoço termina doze horas, eu acho que quando a gente sai da sala era pra eles colocarem uma música mais adequada pra você se sentir bem e depois do almoço, aí sim, todo mundo já terminou de almoçar, já é doze horas, aí coloca umas músicas que... Porque quando tem música que todo mundo gosta, todo mundo canta, aí... mas na hora do almoço eu acho muito errado tá tocando uma música que, sei lá, extravagante assim sabe?

Nas narrativas apresentadas aqui, é possível afirmar que o *smartphone* é uma possibilidade de consumo autônomo, protagonista, uma vez que as rádios não conseguem suprir as demandas dos estudantes. Assim sendo, todas as vezes que a programação se apresenta de forma restrita, e, por vezes, uniformizada, os estudantes buscam a variedade e/ou suas preferências nos usos dos dispositivos móveis.

Grande parte dos pesquisados que responderam aos questionários assinalou a música como o elemento mais acessado no consumo radiofônico, enquanto que a aparição de elementos relacionados à Comunicação, como entrevistas e notícias, se deu de maneira bastante ínfima. Ainda assim, achei necessário que esses dados fossem resignificados pelos ouvintes e então questionei (como o fiz com os integrantes do Clube – *Mímesis I*) se eles achavam que a Rádio Escolar poderia trazer elementos discutidos em sala para a sua programação. Os ouvintes do Clube Kennedy responderam:

- Sim.

- Ia ajudar muito.

- Até porque a gente passa uma hora aqui, né, aí a gente fica bem entediado.

Pesquisadora: Se isso acontecesse, se a Rádio fosse mais atuante, com entrevistas, debates, vocês curtiriam essa ideia ou vocês ainda assim prefeririam o *smartphone*?

- Se a rádio fosse desse jeito que você tá dizendo, pra mim eu tirava o fone dos ouvidos e preferia escutar a rádio mesmo normal da escola.

No Clube Bonsucesso, vários estudantes responderam afirmativamente e um estudante até fez um paralelo citando o exemplo da professora de História, que levou um rap para dar aula sobre Racismo e o quanto a iniciativa havia gerado interesse na turma. Mas, diante do dado de que a música era majoritariamente a preferência da comunidade discente, continuei:

Pesquisadora: Mas vocês acham que se a Rádio Escolar trouxesse muitas entrevistas, muito debate, muitos informes, vocês acham que os colegas de vocês iriam curtir?

- Sim! (Vários)

Pesquisadora: Ou iriam reclamar, tipo: “Ah, agora tem muita coisa e pouca música”!

- É verdade, ia saturar muito.

- Alguns.

Pesquisadora: Então teria que ser uma coisa bem equilibrada?

- É!

Pesquisadora: Se isso acontecesse vocês acham que iriam ouvir, se fosse uma programação diversificada com música, com debate, com entrevista, ou vocês iam preferir ficar nos *smartphones*?

- Os dois.

- É, os dois.

- Se a rádio melhorasse muito no gosto de música aí ia ser melhor, aí eu provavelmente ia escutar.

Mesmo diante da possibilidade de uma programação ampliada e diversificada eles não excluíam o uso do *smartphone*; o aparelho, que faz parte do cotidiano da grande maioria, por conta da portabilidade e mobilidade, faz com que seja sempre uma fonte importante não só de comunicação, mas de entretenimento. Ainda assim, os estudantes sinalizaram o interesse em uma rádio escolar que dialogasse com a sala de aula e, conseqüentemente, ampliasse sua grade de programação. Durante nossas rodas de conversa, eu também busquei identificar se havia tentativas de contribuição, diálogos e sugestões dos ouvintes para os clubes e como eles viam os integrantes responsáveis pela rádio.

Na escola do Clube Kennedy, o diálogo se deu da seguinte forma:

Pesquisadora: Vocês questionam os colegas do Clube. Algum de vocês já chegou para perguntar sobre o funcionamento da Rádio?

- Não, eu já cheguei ao grêmio da escola. Eu cheguei pro grêmio da escola e falei, “a rádio tem que melhorar mais, vocês têm que falar com ela, tem que ajudar a rádio, estruturar...”

- Não, eu não cheguei a falar, mas eu guardo pra mim que podia melhorar bastante.

Pesquisadora: Como vocês veem os colegas do Clube de Rádio? Eles são um grupinho à parte ou...

- Não sei nem quem são.

- Eu também não.

- Também não.

Pesquisadora: Nem os do início do ano?

- Não.

- O que eu sei é que os integrantes só são dois, X (a locutora) e Y (Y foi presidente do Clube em 2016 e já não estudava mais na escola.)

- E eu não sei nenhum da rádio, sei do grêmio.

Pesquisadora: E como vocês veem esses seus colegas?

- X é bem calma e o Y era muito organizado.

Pesquisadora: E dentro da Rádio?

- Dentro da rádio eu não sei porque eu não convivia, é tipo, mais fechado assim o clube.

- É porque a maioria da escola é dividida, ela tem a parte do povo que gosta do k-pop, a parte do povo que gosta do funk, o povo que gosta do esporte, o povo que gosta do celular, o povo que gosta de estudar, tudo. Aí, quando junta nunca dá pra bater, entendeu? Aí o povo tem que entender que, tipo, não é aquela música que ele gosta que a escola toda vai gostar.

Os ouvintes do Clube Kennedy apontaram aspectos alarmantes referentes à mediação do clube com os ouvintes. O distanciamento do Clube de Rádio com a comunidade discente é tão real que os participantes das rodas de conversa só reconheceram uma integrante do clube, e esse dado pode estar atrelado ao fato de essa ser não só a locutora, mas uma estudante bastante engajada em outros clubes e atividades desenvolvidas pela escola. É importante lembrar que esse clube se “apresenta” no palco do auditório, logo os integrantes eram vistos; todavia, a recorrente inoperância da rádio em 2017 fez com que o clube se tornasse menos significativo e representativo. A atuação quase que restrita às datas comemorativas fizeram com que, em 2017, a rádio passasse despercebida, além de o clube ser caracterizado pelos ouvintes como um grupo fechado.

No Clube Bonsucesso, como as atividades da rádio são diárias, a equipe gestora é

conhecida de todos. Ainda assim, para as perguntas “Como vocês veem os colegas da rádio? Vocês acham que aqueles que estão lá, estão por qual razão?” os ouvintes responderam:

- Alguns estão lá só por estar mesmo e outros porque gostam.

- Isso realmente eu nunca entendi direito.

Pesquisadora: Porque houve o dia das inscrições? É isso?

- Sim. Eu acho que o certo mais seria é ... Além de dividir bem, criar um programa, ter um locutor próprio, ter uma pessoa com a voz boa e tal. Eles deveriam testar, sabe? Fazer testes, fazer uma “provazinha” fácil, primeiro para testar o conhecimento da pessoa que tá na rádio, porque a rádio não é pra ter qualquer “traste” lá, qualquer pessoa que vai colocando lá, tem que ser uma pessoa que tem certo conhecimento, principalmente na placa de som lá, tem gente que nem na placa de som sabe mexer direito.

- E dá defeito e a culpa é nossa praticamente.

- Aí fica lá, fica quebrado lá.

Pesquisadora: Então não existe um perfil dos que estão lá, tipo, os melhores alunos da escola... Não tem isso não, né?

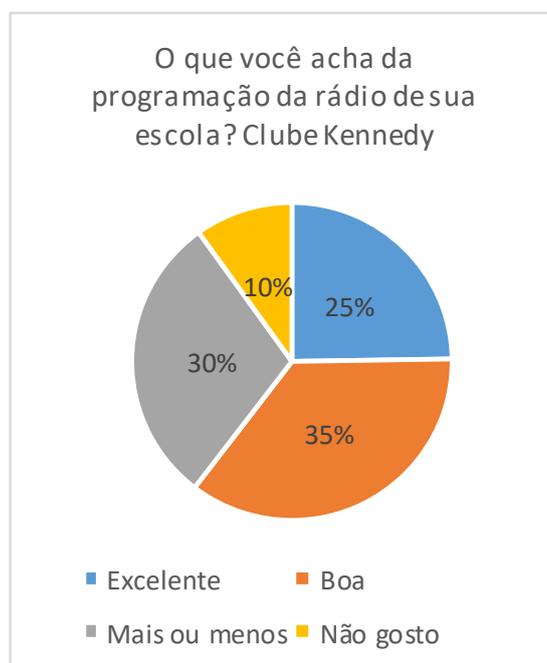
(Vários responderam que não).

- Mas eu posso dizer que tem pessoas lá que são interessadas realmente na música, mas outras que estão lá só por tá, porque acha que é mais interessante do que ficar ouvindo a música.

Um dos ouvintes questionou o processo de seleção para formação da equipe do Clube de Rádio por acreditar que a falta de conhecimento técnico e da linguagem radiofônica contribui para a vulnerabilidade do bom funcionamento dos equipamentos. Durante a observação participante não presenciei nenhum problema no que diz respeito à equalização do som ou manipulação de quaisquer equipamentos. Em minha primeira visita de 2017 encontrei o vice-presidente de 2016 que havia retornado à escola para compartilhar sua experiência com os novos integrantes. Com relação ao perfil dos integrantes do clube, como a formação da equipe se estabelece por meio do processo de inscrições e só no caso de excedentes é que há uma seleção, os ouvintes não conseguiram identificar aspectos de representação, mas expuseram a percepção de que nem todos os participantes apresentam um interesse legítimo pelos propósitos da rádio.

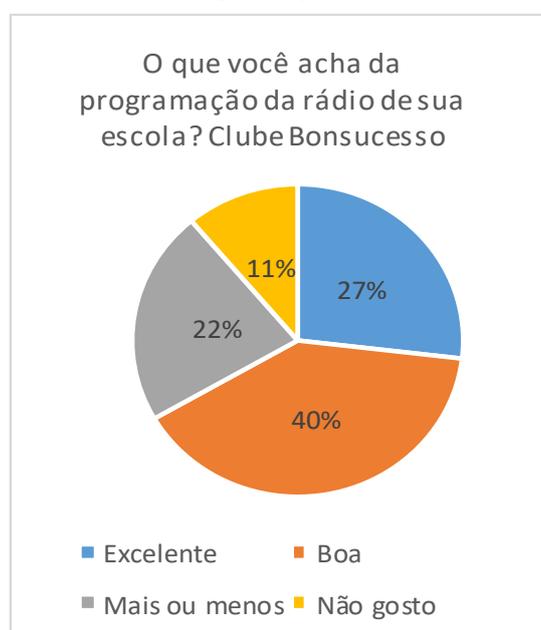
Embora as narrativas e números apresentados até aqui exponham insatisfação com relação à atuação dos clubes e suas programações radiofônicas, os questionários apresentaram ainda uma aparente contradição. Ao classificar objetivamente a programação das rádios, os índices de aprovação foram superiores ao de desaprovação nas duas realidades. Vejamos os gráficos 7 e 8, a seguir:

Gráfico 7 – Programação Kennedy



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 8 – Programação Bonsucesso



Fonte: dados da pesquisa.

Os dois clubes tiveram suas programações consideradas pela maioria como “Boa”. O Clube Bonsucesso obteve seu segundo percentual como “Excelente”. Para compreender essa

contradição vamos recordar os primeiros números apontados no início do capítulo, cujos percentuais de 90% e 95% dos estudantes dos Clubes Kennedy e Bonsucesso, respectivamente, consideram legal ter uma rádio escolar. Esses percentuais podem insinuar que, ainda que as rádios não cumpram a totalidade de seus propósitos, e mesmo com as implicações de ordem técnica e formativa, as programações existem e são importantes para os ambientes escolares. Outro ponto a considerar é a complacência dos estudantes para com os colegas e o cuidado com a imagem das rádios frente à pesquisa realizada de fora para dentro. Mesmo alguns considerando a investigação como uma possibilidade de benefícios para a rádio e a escola, minha presença gerou, por vezes, especulações referentes a exercícios de fiscalização. O fato é que esse ponto específico do questionário contradisse as inúmeras queixas dos ouvintes nas rodas de conversa; entretanto, os pontos de interpretação citados devem ser considerados.

Gráfico 9: Lembrança - Bonsucesso

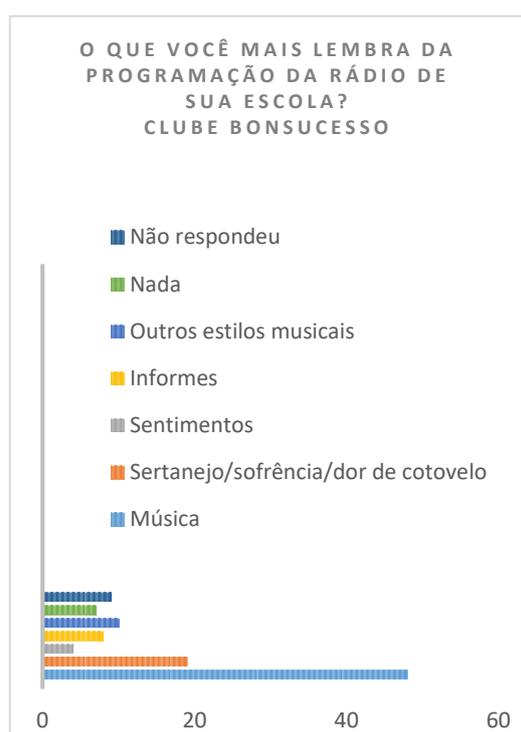
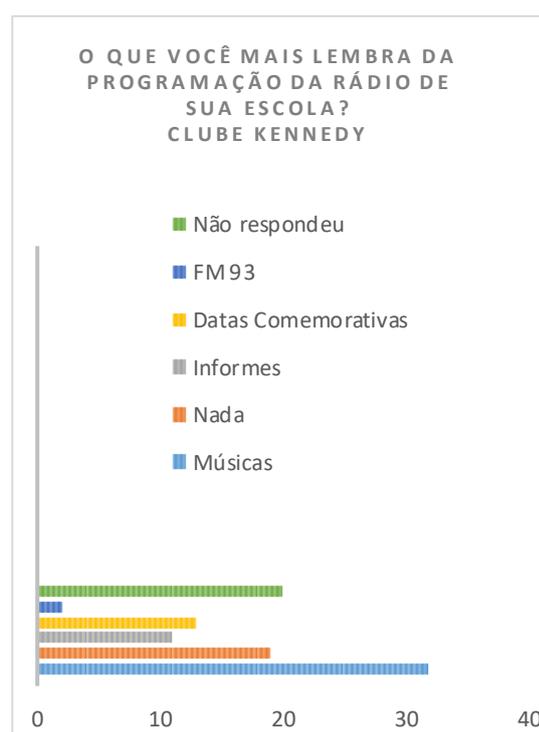


Gráfico 10: Lembrança - Kennedy



Fonte: dados de pesquisa

Quando questionados sobre o elemento de maior referência das programações de suas rádios, os resultados não surpreenderam: música foi a peça radiofônica mais recordada pelos estudantes. Os dados dos Gráficos 9 e 10 apontam as principais singularidades dos Clubes no que diz respeito à programação de suas rádios.

No Clube Bonsucesso, o segundo elemento mais lembrado pelos estudantes foi “sertanejo, sofrência/ dor de cotovelo”²⁸, o que nos permite fazer uma referência direta à crítica abordada na roda de conversa dos ouvintes e ao argumento de uma das monitoras do clube, que afirmou compartilhar bastante músicas sertanejas porque era a *playlist* de seu *smartphone*. Ou seja, o compartilhamento excessivo desse estilo musical fez com que um número significativo de estudantes o atrelasse à memória da rádio escolar. No Clube Kennedy, após a maior referência estar ligada à música, o segundo índice apresenta um número considerável de estudantes que optaram por não responder a pergunta, seguido dos que responderam não lembrar de “nada” e só em quarto lugar aparecem as “datas comemorativas”. Significa dizer que a presença e participação ‘ínfima’ da Rádio deve ser um aspecto importante de reflexão para a gestão escolar e para o Clube Kennedy, com vistas a melhorar sua atuação e, conseqüentemente, ampliar a interação e participação da comunidade escolar.

Após a apresentação das leituras e narrativas construídas ao longo das três *mímesis*, interessa ainda identificar, dentro dos aspectos de recepção, o que seria para esses estudantes uma rádio escolar nota 10. Nas rodas de ouvintes, cada escola apresentou peculiaridades em seus argumentos. Para os ouvintes do Clube Kennedy a rádio precisa priorizar a participação e organizar-se melhor estruturalmente:

- Ser bem participativa, tipo, tudo o que tiver acontecendo tanto no núcleo gestor, sala dos professores ou no cotidiano da escola, eles avisassem.
- Pra mim uma rádio estruturada é, tipo, como acontece nos filmes, cada canto da escola tem uma caixa de som, as caixas de som tá ligada lá no auditório de rádio, pra mim teria que ter tipo essa sala só pro clube de rádio.
- Um local só pra rádio, uma sala que não usa mais.

Enquanto para os ouvintes do Clube Bonsucesso as características de uma rádio escolar ideal precisam estar apoiadas, principalmente, pelo respeito e valorização do ouvinte.

- Começando pelo básico, fazendo com que as pessoas da rádio viessem respeitar mais nós porque quando o estudante X começou a ajeitar lá as coisas da rádio, porque tava tudo meio quebrado, aí eu comecei a ajudar. Aí quando eles chamavam pra pedir as músicas, eu pedia as músicas pra eles, eles sempre anotavam lá e tocavam, mas agora, o estudante X mesmo, ele foi pedir uma música, aí quando

²⁸ De acordo com levantamento divulgado pela Kantar IBOPE Media sobre Rádio e Consumo de Música, os artistas mais ouvidos entre janeiro e julho de 2017 foram: Jorge e Mateus, Marília Mendonça, Henrique e Juliano, Luan Santana e Simone e Simaria, todos representantes da música sertaneja. Das cem músicas mais ouvidas, 50% se referem a esse estilo.

Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/consumo-de-musica/>
Acesso: 16 Maio. 2018.

chegou lá, aí geral bateu assim na porta e pediu pra gente ir embora, a gente ficou, tipo, até meio constrangido, sabe? Achei que fosse, sei lá, um direito nosso pedir uma música.

- Respeitar nós.

Os integrantes dos clubes também expuseram suas expectativas para uma atuação mais significativa em 2018. Para a equipe do Clube Kennedy não poderá faltar uma sala específica para a rádio (ponto em comum com os ouvintes), internet e maior organização. No que diz respeito à programação, segundo a presidente do clube, não poderá faltar:

- Presidente: Notícias, horóscopo do dia, música, o de sempre, mas tipo assim, horóscopo do dia eu queria colocar porque toda rádio tem horóscopo do dia. É isso, notícias que tá acontecendo pelo mundo, notícias da escola, notícias do IFCE, do SPAECE, pra todos os alunos ficar por dentro das provas, das feiras de ciências, das feiras de humanas, das coisas que acontecem na escola.

Quanto aos integrantes do Clube Bonsucesso, a rádio escolar nota 10 precisa de todos os equipamentos necessários, incluindo ar-condicionado (o estúdio é pequeno e quente), computador e internet. Perguntei como eles avaliavam a programação, já que ao fazerem menção a questões de ordem técnica e estrutural, pareciam satisfeitos com o conteúdo.

- Pra quem gosta de sertanejo até que tá, mas tem gente que reclama.

- Presidente: O povo dessa escola não gosta de comunicação, essa é a verdade (Alguém interrompe: só quer ouvir música). Quando vocês vão dar um comunicado eles ficam tudo falando “merda”.

A presidente do Clube Kennedy demonstrou uma preocupação com a diversidade do conteúdo e, principalmente, com o ouvinte. Ao sugerir que a rádio compartilhe notícias sobre o IFCE e SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará), revela a percepção da importância de os estudantes projetarem o trajeto para o Ensino Médio, sobretudo, para os estudantes do 9º Ano, e ainda estarem informados acerca dos testes de desempenho externos que são aplicados na escola, tendo em vista o discurso operante de que os alunos se dediquem para realizarem boas provas e as escolas possam sejam beneficiadas. A presidente propõe ainda a divulgação dos eventos promovidos pela escola, o que implica incentivo e participação da comunidade escolar, atingindo um importante objetivo da rádio, que é o fomento da comunicação com propósitos pedagógicos.

Já o presidente do Clube Bonsucesso, ao afirmar que os estudantes de sua escola não gostam de comunicação, ele se apoia nesse argumento fácil e reducionista para eximir o clube da responsabilidade de ampliar a programação. O que os ouvintes desse clube narraram ao expor a falta de valorização com que são tratados fica ratificado nesse último diálogo, quando

a monitora declara que a rádio está legal para quem gosta de sertanejo e o presidente recebe com desdém as críticas feitas pelos colegas ouvintes quando os comunicados são socializados.

De fato, durante as visitas e mesmo nas discussões promovidas com os integrantes dos clubes, a preocupação com os ouvintes não direcionou a concepção do funcionamento das rádios e os argumentos utilizados pelas equipes de gestão dos clubes recaem sempre na falta de equipamentos necessários e na responsabilização dos ouvintes, pois “são eles que rasgam as listas de pedidos musicais”, são “eles que só querem funk”, “eles que só sabem reclamar”.

Mesmo tendo sido delineada a partir das narrativas estudantis, a recepção das atividades radiofônicas pelos demais integrantes da comunidade escolar é ponto relevante para o fechamento da *mimesis* III. Nesse sentido, a busca por essas outras chaves de leitura se efetivou nos trabalhos desenvolvidos por Patrício (2014, 2015), cujo objetivo foi demonstrar a percepção e avaliação dos professores e dos coordenadores do ‘Mais Educação’ sobre as experiências de Rádio Educativo em vinte e uma escolas de Fortaleza. Tais pesquisas, além de nos apresentarem leituras dessas atividades a partir de outros olhares, complementam a investigação aqui realizada.

Os resultados da pesquisa realizada com o objetivo de identificar a percepção dos professores quanto ao Rádio Educativo demonstram que a visão desses profissionais está diretamente ligada ao aprendizado: “O que se sobressai nas respostas, entre os professores participantes e não participantes da rádio escolar, é a dimensão mais ampla do referencial educativo”. (p. 13) O desenvolvimento da investigação revelou três níveis de percepção do corpo docente no que diz respeito às experiências radiofônicas. A primeira enfatiza propósitos direcionados ao ensino e compreende que o meio é importante na sua relação com a sala de aula, pois os alunos têm a oportunidade de expor seus textos, compartilhar dicas de leituras e demais informações do contexto escolar, além de trabalhar questões referentes à oralidade. A segunda percepção é mais abrangente; porém, ainda centraliza a escola, uma vez que todas as partilhas realizadas nessas experiências funcionam como aprendizado e ainda possibilitam autonomia na busca de conhecimentos. Por fim, a terceira percepção amplia a aprendizagem para as desinências sociais oriundas da Comunicação, como a integração com o outro e o mundo, conhecimento, informação e cidadania.

Dentre as diversas narrativas expostas no trabalho de Patrício (2014), uma, especificamente, não só dialoga com vários momentos desta análise como ratifica a permanência de um discurso estereotipado acerca dos estilos musicais que devem e não devem fazer parte dos espaços escolares. Para a professora entrevistada, é necessário que a Rádio Escolar “possa transmitir ideias e valores dentro da escola. Tirando essas músicas que

não tem estilo e não colocar dentro da escola. Colocar músicas de cultura”. (p. 14)

Quanto à visão dos coordenadores do Programa Mais Educação, que no contexto dos Clubes de Protagonismo exercem função aproximada do professor de Protagonismo ou um integrante da gestão escolar destinado a acompanhar as atividades, a rádio escolar é um espaço de aprendizagens que, além de contribuir para a melhoria da leitura e da escrita, corrobora para a autonomia dos estudantes. As narrativas dos coordenadores são análogas às dos professores, com relevância para o potencial educativo do meio. É válido destacar também a preocupação recorrente com os tipos de músicas compartilhadas: “O objetivo tem que ser educar. Falar sobre datas comemorativas, divulgar coisas que eles não sabem (...), tocar música boa, mas que eles gostam, tocar músicas que eles não conhecem, mas podem vir a gostar”. (p. 49) Para Patrício (2015), os resultados denunciam a ausência da percepção crítica da Comunicação com relação às possibilidades do Rádio Educativo e isso pode ser entendido como consequência da falta de formação específica, o que corrobora para o reducionismo dessas atividades.

Os deslocamentos de recepção da rádio escolar revelam aspectos importantes acerca das percepções dos diferentes grupos que compõem a escola, dentro das limitações a que o funcionamento das rádios escolares está submetido. Em síntese, de acordo com as narrativas apresentadas, podemos salientar que os ouvintes querem, principalmente, ser valorizados e acolhidos em seus pedidos musicais. Os integrantes dos clubes querem dispor das condições estruturais necessárias para melhor funcionamento das rádios, mas também esboçam o anseio de um exercício mais autônomo e compreensivo com relação às interferências da gestão escolar, enquanto professores, coordenadores e gestores imaginam uma rádio escolar que atenda aos propósitos educativos/pedagógicos e apresente uma programação musical caracterizada por eles como “boa” e “cultural”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida com os Clubes de Rádio apresentou resultados significativos no que diz respeito aos objetivos propostos e às questões de pesquisa levantadas inicialmente. Contudo, ratificou vários outros pontos evidenciados nas investigações mencionadas no estado da arte, sobretudo no que se refere à identificação do potencial das atividades educacionais com rádio e aos entraves limitadores ocasionados pela falta de estrutura técnica e formativa.

Apesar de fazerem parte da mesma rede educacional, de compartilharem do mesmo projeto pedagógico, cada escola apresenta suas especificidades, assim como cada Clube de Rádio vivencia, ainda que com determinadas similaridades, experiências distintas em seus processos de gestão, produção e recepção. Nesse sentido, o recurso metodológico de análise empregado, além de apresentar uma possibilidade nova para os estudos educacionais, mostrou-se imprescindível por possibilitar a construção da pesquisa a partir das percepções dos próprios sujeitos acerca dos mais variados aspectos que compõem a complexidade de suas experiências com as mediações radiofônicas. Mais do que o olhar da observadora, o método propiciou uma compreensão mais profunda de leitura das programações, das gestões dos clubes e das escutas, compreendendo desde o mapeamento da cultura sonora dos estudantes até a recepção dos clubes e suas programações.

Partindo das categorias centrais de análise, coletividade, convergência e protagonismo, início com as decorrências mais significativas em torno do objetivo geral que foi investigar, da gestão à escuta, como as experiências educacionais nos Clubes de Rádio são desenvolvidas, identificando se, e de que maneira, os princípios dialógicos são promovidos.

Os espaços e experiências de convivência compartilhados pelos estudantes são permeados de complexidade e, exatamente por isso, a dimensão coletiva é por vezes fomentada, por vezes interrompida. Uma série de ocorrências observadas no decorrer da pesquisa e ‘sentidas’ em suas narrativas impulsionaram o agenciamento de ações sob a perspectiva do diálogo e da preocupação com o coletivo, mas outras tantas denotaram arbitrariedades e individualismos. Vejamos:

O trabalho em equipe, a divisão de funções, a escolha do presidente e vice-presidente dos clubes pelo voto ou consenso do grupo, a abertura de inscrições para o ingresso no clube e a formação de equipes de revezamento para possibilitar a participação de um número maior de estudantes, tudo isso demonstra que os espaços proporcionados pelos clubes fomentam a expectativa de coletividade. Entretanto, apesar de gerirem os clubes em equipe, de

compartilharem sugestões, as dificuldades de relacionamento não são anuladas nesse processo, e, inclusive, ocasionam saída de integrantes e mesmo a paralisação de atividades, como verificado no Clube Bonsucesso e no Clube Kennedy, nesta ordem.

Durante a observação participante e as rodas de conversa com as equipes gestoras dos Clubes, ficou clara a percepção dos integrantes acerca da importância do trabalho em equipe e da manutenção do contrato de convivência para que as atividades e o grupo se desenvolvam da melhor forma. Contudo, na prática, os problemas são operantes e, em grande parte, não contornados da forma mais coerente. Apesar das decisões internas dos clubes se darem, geralmente, de forma colegiada, em momentos decisivos, a última palavra é do presidente ou de algum representante da escola.

Mesmo sendo gestados dentro da proposta de Clubes de Protagonismo, os Clubes de rádio sofrem inferências de professores e membros da gestão escolar, sobretudo no que diz respeito às músicas compartilhadas. As narrativas protagonizadas pelos estudantes apontam que as preferências estudantis são prioridade desde que o corpo docente e gestor não se interponham. Nesse sentido, a coletividade é afetada não apenas pelas interferências externas, mas também internas, quando os próprios monitores dos clubes ou gestores escolares, por falta de internet ou equipamentos necessários para o exercício ampliado da rádio, socializam suas próprias *playlist* musicais. As reações, portanto, a essas ocorrências são reais e chegam a ser violentas, contrariando os propósitos dialógicos basilares que deveriam orientar essas mediações. Dessa forma, entende-se que tais mediações nesses espaços são incisivamente conflitantes pela proximidade dos sujeitos envolvidos, tanto da produção quanto da recepção, que compartilham os mesmos espaços e se relacionam, comungam de experiências correlatas, mesmo vivenciando-as de forma particular.

Com relação a como se caracterizam as escutas nos auditórios das escolas após a convergência rádio/dispositivos móveis, as realidades observadas demonstram que esse processo de cultura convergente, ainda em curso, está começando a se esboçar no universo escolar. O fato de a escola ainda se apresentar como um ambiente bastante divergente, com dificuldades de acesso à *internet* no interior de seus espaços, por exemplo, revela o quanto as experiências precisam e tendem a se modificar futuramente.

As duas escolas apresentaram dificuldades semelhantes nesse quesito e suas realidades permitem concluir com segurança que a incorporação dos dispositivos móveis ao cotidiano dos estudantes ampliou as possibilidades de consumo sonoro, hibridizando os usos desses meios. Por meio dos fones de ouvido, das caixinhas de música e das rádios, os estudantes se revezam em escutas individuais, em pequenos grupos e em coletivas experiências. E mesmo

com a conveniência da portabilidade e da escolha protagonista de optar pela sua própria *playlist*, a rádio escolar mantém sua importância enquanto dispositivo midiático pedagógico. Prova disso é que os *smartphones* se amplificam através dos Clubes de Rádio, quando o estudante troca sua escuta individualizada para socializar sua preferência, entregando seu aparelho para que seja executada a sua escolha musical. As escutas radiofônicas que pretendem acontecer de forma coletiva são impulsionadas com essas ocorrências, mas não se isentam de concorrerem com os fones de ouvido e as caixinhas.

Outros aspectos da cultura da convergência também têm marcado as experiências dos Clubes de Rádio. A realidade experimentada pelos estudantes se configura em contextos cada vez mais midiaticizados; nesse sentido, foi possível verificar a ramificação da rádio do Clube Kennedy para o ambiente virtual, com a criação de uma página no *facebook* e *chat* para a socialização de comunicados e chamadas de reuniões. Contudo, a abertura desses canais comunicativos, apesar de ampliarem os espaços de participação da rádio, trouxeram resultados não muito proeminentes, ratificando a máxima de Jenkins (2009) de que a convergência se dá através das mentes, dos cérebros e não das máquinas. Os estudantes não conseguem potencializar esses espaços para atrair a participação dos colegas porque os usos e compreensões acerca da cultura digital são ainda limitados em sua realidade escolar. A página virtual do clube possui um número significativo de visualizações, mas as interações dos estudantes são mínimas. O compartilhamento restringe-se a fotos das atividades escolares, enquanto a página poderia ser utilizada para enquetes, divulgação de lançamentos musicais, clipes, formação de *playlist* com a sugestão dos participantes da página, ou seja, as finalidades podem ser variadas, entretanto, os usos ainda são restritos. É fundamental impulsionar esse espaço para que os objetivos de integração, participação e coletividade se ampliem e se efetivem.

Nessa sequência, podemos atestar que o funcionamento das rádios efetiva-se realmente por conta do uso do *smartphone* no Clube Bonsucesso e do *pendrive* ou *notebook* no Clube Kennedy, tendo em vista as duas escolas apresentarem inconstância com relação à disponibilidade de *internet* em seus espaços. Por consequência, os dispositivos móveis suprem essa carência viabilizando minimamente as atividades das rádios no contexto escolar.

Podemos afirmar que uma das principais conclusões alcançadas nesta pesquisa foi a de que as rádios escolares aqui investigadas se comportam similarmente como os demais dispositivos encontrados nos espaços escolares, com o diferencial de que estes são utilizados proeminentemente para escutas individuais, enquanto as rádios se prestam (ou deveriam) a uma escuta coletiva mais ampla. Ao atuarem como meras reprodutoras de *playlist* musicais,

negligenciam características básicas do potencial expressivo, interativo, informativo, cultural e, especialmente, educativo do meio. Mesmo com a possibilidade real de utilizarem os dispositivos móveis para gravarem entrevistas, depoimentos, conteúdos pedagógicos e afins, estes são utilizados reiteradamente para compartilhamento musical. Ressalta-se, mais uma vez, que o reducionismo das rádios denuncia a ausência de um processo formativo necessário não apenas para os integrantes dos clubes, como também para o corpo docente e gestor das escolas.

Efetivamente, as rádios escolares podem mediar experiências significativas para toda a comunidade escolar, desde que haja compreensão de suas potencialidades e planejamento estratégico de seus usos. A escola do Clube Bonsucesso, por exemplo, ofereceu duas disciplinas eletivas a partir do uso do Rádio e, usufruindo da oportunidade de acompanhar a culminância das duas atividades, pude perceber a diferença de resultados referentes à programação dos clubes e das eletivas. Além dos repertórios musicais seguirem na direção dos objetivos propostos por cada disciplina, houve compartilhamento de informações, elaboração de radionovela, recados dos ouvintes e *feedback* das atividades propostas. Um número expressivo de estudantes permaneceu no auditório enquanto outros dançavam, cantavam, alguns fotografavam e filmavam os colegas. Foi perceptível o entusiasmo e a satisfação dos estudantes, professores e funcionários. Contudo, a concepção de protagonismo juvenil verificada nessa investigação, ao resignar a presença mediadora de professores, atrofia, em vez de impulsionar as ações estudantis.

Diante disso, é possível afirmar que traços de Protagonismo se esboçam nas experiências dos Clubes de Rádio, mas não se efetivam propriamente. O uso criativo dos *smartphones* como suporte para as rádios, por exemplo, atesta o protagonismo inventivo para driblar as deficiências estruturais das rádios, mas não se ampliam, ainda valendo-se de investimento financeiro dos presidentes dos clubes quando precisam disponibilizar seus dados móveis de *internet* particular a serviço da rádio.

A criação da página virtual, do *chat* e a manutenção das atividades mesmo com todas as ausências que demarcam esses espaços, são traços de Protagonismo que precisam ser ponderados, mas que ainda são muito tímidos. Nesse sentido, um ponto pertinente a ser trabalhado e que ratifica o desencontro do discurso do protagonismo juvenil em suas implementações práticas, foi a arbitrariedade cometida com o Clube Kennedy. Na tentativa de resolver os problemas de convivência enfrentados pela equipe do clube, a responsabilidade da rádio foi transferida para um professor. Todavia, mesmo a troca de direção não assegurou a proposta de funcionamento semanal objetivado na “reinauguração” da rádio. Nesse processo,

os estudantes perderam a legitimidade de atuar livremente (só com a presença do professor responsável), ficando impedidos de dar continuidade às experiências radiofônicas. Dessa forma, o discurso do estudante protagonista fundamentado na autonomia e na potência do jovem enquanto sujeito de suas ações, espaço e experiências se esvai no confronto arbitrário das relações de poder instituídas.

Compreendendo as dimensões da escuta, poucas pesquisas abordadas no estado da arte se propuseram a investigar aspectos de recepção das programações radiofônicas escolares. Nessa perspectiva, a presente pesquisa trouxe outro diferencial: verificar, não somente através da aplicação de questionários, mas, principalmente, pelas narrativas dos ouvintes, como eles leem os clubes e avaliam/acolhem suas respectivas programações. O resultado dos questionários sinalizou uma avaliação genericamente positiva da atuação das rádios escolares, com exigências voltadas para a variedade da programação musical; entretanto, as ressignificações dessas mediações nas Rodas de conversa denotaram uma avaliação criteriosa tanto da atuação dos clubes quanto de suas programações.

As narrativas demonstraram que os ouvintes das rádios escolares não se sentem valorizados, respeitados e atendidos em suas solicitações diversas e pedidos musicais. Não se identificam com as programações e ainda questionam a participação de integrantes que não se adequam às demandas de um Clube de Rádio. Os ouvintes são críticos no que concerne à desorganização dos clubes, o reducionismo das programações e a necessidade de informações mais relativas às atividades cotidianas da escola. As rodas de conversa, tanto com os integrantes dos clubes quanto com os ouvintes, apontaram ainda a compreensão dos estudantes acerca do potencial educativo das rádios escolares e, de forma correlata, assinalaram como a ausência de investimentos compromete suas atividades radiofônicas.

Nas últimas considerações, alguns questionamentos surgiram e persistiram após a pesquisa, dentre eles: 1) Porque o trabalho com gêneros jornalísticos, parte integrante do currículo da disciplina de Língua Portuguesa e do livro didático, não contribui para a inserção de conteúdos jornalísticos nas rádios escolares, uma vez que essa seria uma forma interessante de diversificar a programação e socializar as produções estudantis? 2) As produções comunicativas realizadas voluntariamente no ambiente escolar, como vídeos, fotos e textos compartilhados entre os alunos em suas páginas pessoais de rede social virtual não indicariam um significativo e legítimo exercício de Protagonismo? Quais significações transbordam dessas vivências escolares e ganham visibilidade nas redes e o que esses conteúdos podem acrescentar à realidade de cada um em particular e coletivamente?

Diante do que foi averiguado e aqui exposto, há de perceber-se, principalmente, a necessidade de pesquisas interventivas que integrem rádio, *smartphones* e *internet*, a fim de ampliar as discussões sobre convergência no espaço escolar a partir de experiências que estimulem a produção coletiva e colaborativa dos estudantes, uma vez que o uso do *smartphone* aliado à experiência das rádios pode se ampliar para uma rede produtiva capaz de alimentar redes sociais virtuais e ainda fomentar e alimentar outras mídias escolares como o jornal mural, o jornal escolar ou *zines*. Assim, a partir dos resultados da intervenção seria possível identificar não só as possibilidades, mas a potência dessa colaboração descentralizada, ramificada para a criação de um ambiente escolar convergente, capaz de conectar estudantes, professores e comunidade escolar.

No desenvolvimento desta pesquisa, identifiquei esboços dessa possível realidade no Clube Kennedy, na criação da página da rádio no *facebook*, com um *chat* para a gestão do clube. Entretanto, por não conseguir consolidar um trabalho saudável em equipe e estabelecer efetivamente a rádio escolar, conseqüentemente os demais canais não se potencializaram. A ausência de diretividade e mediação impediram que as atividades se desenvolvessem e, portanto, fomentassem com eficácia a produção coletiva do espaço midiático escolar. Daí, a relevância da pesquisa-ação.

O percurso de análise demonstrou o quanto as categorias coletividade, convergência e protagonismo dialogam e se atravessam. As tentativas de promover a rádio só se consolidaram em alguns momentos, quando as equipes estavam integradas. Essa integração estimulava a participação, que de uma ou outra forma, acabava ancorando-se em possibilidades oriundas da cultura da convergência: o próprio *smartphone* como suporte para a rádio, para a busca e compartilhamento de música, o *chat*, a página na *internet*, o 3G e, da mesma forma, todas as vezes que as equipes não conseguiam se integrar, o resultado era um trabalho individual limitado, culminando, inclusive, com a paralisação das atividades em um dos clubes. Nas narrativas compartilhadas, por vezes, os assuntos se entrecruzavam e as três *mímesis* denotaram claramente esses atravessamentos.

Apesar de todas as dificuldades apresentadas, as experiências observadas podem ser facilmente potencializadas, se compreendidas em suas inúmeras possibilidades e assistidas em suas necessidades pela gestão escolar e demais órgãos competentes. A presença da rádio escolar altera a cultura da escola e estabelece um cenário sonoro que marca o horário do almoço e intervalos promovendo interação entre os estudantes, professores e gestores, ampliando as possibilidades não só pedagógicas, como foi identificado com as atividades das

disciplinas eletivas na escola do bairro Bonsucesso, mas comunicativas, interativas, participativas e culturais.

Podemos concluir, finalmente, que são necessários às equipes dos clubes momentos formativos que permitam-lhes compreender as inúmeras possibilidades que a rádio escolar pode acrescentar às suas vivências na diversificação de suas atividades, tornando o cenário escolar um ambiente participativo e transformador. Nesse contexto, sinto-me motivada a firmar o compromisso de não só devolver às escolas investigadas os mapas de consumo elaborados na *mímesis* I e os resultados mais gerais da pesquisa, como disponibilizar minha experiência junto aos clubes e às gestões escolares, a fim de colaborar com outras rodas de conversa, oficinas e o que mais as experiências nos permitirem.

Creio, dessa forma, que todas as vezes que as ações coletivas são estimuladas, a criatividade, a participação e o protagonismo aparecem, e num contexto culturalmente midiático a convergência não só amplia essas possibilidades, como também os espaços para esses exercícios.

REFERÊNCIAS

- ABADE, Flávia Lemos; AFONSO, Maria Lúcia M. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (Recivam), 2008. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/lapip/PARA_REINVENTAR_AS_RODAS.pdf>
- Acesso em: 30. Jun. 2018.
- ALBERTIN, Daniela Oliveira. **Educação pelo tempo do rádio: Desafios e perspectivas**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo (SP), 2016.
- ALMEIDA, Everton Vasconcelos de. **O potencial da rádio na escola: formação crítica na voz de estudantes de escola pública**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2015.
- ANGROSINO, Michel. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- APARICI, Roberto. **Introdução: a Educomunicação para além do 2.0**. In: APARICI, Roberto. (Org.) *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, p 29-42.
- ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **A rádio no espaço escolar: para falar e escrever melhor**. São Paulo: Annablume, 2008.
- ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau**. São Paulo: Annablume, 1999.
- BALESTRIN, Vanessa Angélica. **O rádio na escola e a construção da cidadania participativa: um estudo de caso sobre a utilização do rádio no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba (SC), 2014.
- BARBALHO, Alexandre. **A criação está no ar: juventudes, política, cultura e mídia**. Fortaleza: Eduece, 2013.
- BARICHELLO, Eugenia Mariana da Rocha. **A autoria na elaboração de uma tese**. In: MOURA, Cláudia Peixoto de, IMMACOLATA, Maria Vassallo de Lopes. (Orgs). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p 129-150.
- BRAGA, J. L. e CALAZANS, R. **Comunicação e Educação: Questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker 2001.
- BRAGA, José Luiz. **Aprendizagem versus Educação na Sociedade Mediatizada**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e sociabilidade”, do X Encontro Nacional da Compós, Brasília (DF), 2001.
- BRANCO, Aline Santana Castelo. **Educação sexual e comunicação: o rádio como alternativa pedagógica nas escolas a partir de uma intervenção**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual), Universidade Est. Paulista Júlio De Mesquita Filho,

Araraquara (SP), 2016.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Passo a passo Mais Educação**. Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf. Acesso em: 18 Jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Programa Mais Educação**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao..> Acesso em: 18 Jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Diretrizes e normas regulamentadoras sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília-DF, 2016. Disponível em: <http://www.dvprppg.ufc.br/cep/index.php/pt-br/resolucoes>. Acesso em: 18 Jun. 2018.

BUENO, D. A. **Rádio Escola Roda Pião: comunicação, mídia e cidadania na prática pedagógica**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal De Goiás, Goiânia (GO), 2013.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **A tríplice mimese de Paul Ricoeur como fundamento para o processo de mediação jornalística**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos de Jornalismo”, do XIX Encontro da Compós, Rio de Janeiro (RJ), 2010.

CARVALHO, Carlos Alberto de & SANT’ANA, Guilherme Antônio Carneiro. **A tríplice mímesis como inspiração metodológica para a análise de produtos culturais**. C&S – São Bernardo do Campo, v. 35, n. 1, p. 227-250, jul./dez. 2013. p 229–250.

CAMPOS, Tarciana. **Entre letras e músicas: Experiências juvenis em radioescolas de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2011.

CARDOSO, Tatiana Falcão Rodrigues. **Rádio-escola e ensino de língua portuguesa: uma abordagem com gêneros orais**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (BA), 2015.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação. **A linguagem em movimento**. 3 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

COSTA, Antonio Carlos Gomes; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática**. São Paulo. Fundação Odebrecht, 2006.

COSTA, Antonio Carlos Gomes; ANDRÉ, Simone. **Educação para o Desenvolvimento Humano**. Instituto Ayrton Senna. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

DE SOUZA, Edemilson Gomes de. **Educomunicação e Protagonismo Juvenil: contribuições de uma Rádio Escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado De Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2016.

DE SOUZA, Regina Magalhães. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 2006.

DOURADO, Icilma Nicolau Pazos. **Estratégias para implantação e gestão do projeto: “a rádio da escola na escola da rádio” pelo GEOTEC/BA na rede pública de ensino.** Dissertação (Mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador (BA), 2016.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos e experiências Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FAXINA, Elson e GOMES, Pedro Gilberto. **Mediatização: um novo modo de ser e viver em sociedade.** São Paulo: Paulinas, 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Brasil: Uma abordagem histórica.** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Economia Política e Políticas de Comunicação”, do XVI Encontro da Compós, na Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

FERRÉS I PRATS, Joan. **Educomunicação e cultura participativa.** In: APARICI, Roberto. (Org.). *Educomunicação: para além do 2.0.* São Paulo: Paulinas, 2014. p. 263-277.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLIN, Cida. **Paul Zumthor e a poética da voz.** In: MEDITSCH, Eduardo. (Org.). *Teorias do Rádio: Textos e contextos.* Florianópolis: Insular, Vol. I, 2005. p. 259-267.

GOMES, Luana Amorim. **Limites e potencialidades da participação estudantil em experiências de radioescola em Fortaleza.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2013.

GONCALVES, Aladim Lopes. **A web rádio-escola como instrumento de educação, cultura e cidadania.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo (SP), 2015.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia. **Expectativas e dilemas na educação de jovens e adultos: a rádio escolar na formação científico-tecnológica.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio De Janeiro, Nilópolis, 2014.

HAYE, Ricardo. **Sobre o discurso radiofônico.** In: MEDITSCH, Eduardo. (Org.). *Teorias do Rádio: Textos e contextos.* Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005. p 347-354.

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação. **Manual Clubes de Protagonismo,** 2015.

Material cedido pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (CE), Coordenadoria Técnica da Educação em Tempo Integral.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, Mário. *A la educación por la comunicación: la práctica de la comunicación educativa*. (Segunda Edición), Ecuador: Quito Ciespal 2001.

KAPLÚN, Mário. **Produccion de programas de rádio**-El guion, la realizacion. Ciespal, 1978.

KAPLÚN, Mário. **Una pedagogia de la comunicación**. Ediciones de La Torre. Madri, 1998.

KAPLÚN, Mário. **A natureza do meio**: limitações e possibilidades do Rádio. In: MEDITSCH, Eduardo e ZUCULOTO, Valci. (Orgs.). *Teorias do Rádio – textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Vol. II, 2008. p 81-100.

KLEIN, Otávio José. **A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos**. Estudos em Comunicação nº1, Abril de 2007, Portugal. p 215-231.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura da portabilidade** - Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. Observatório (OBS*) Journal, 8, (2009). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. p 223-238.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca**.- Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. A virada comunicacional. Ou porque os estudos de “mídiatização”, de hábito e da Teoria dos Media passam ao largo da comunicação. **Revista Famecos - Mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v.22, n. 2, abril, maio e junho de 2015. p 134-144.

MARQUES, Juliana Ferreira. **“Nas ondas da rádio-escola”: a educomunicação conectando saberes na sociedade aprendente**. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão em Organizações Aprendentes) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2014.

MARTÍN, A. G. **Criação multimídia e alfabetização na era digital**. In: APARICI, Roberto. (Org.). *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014. p 187-201.

MARTÍN-BARBERO, J.M. **Heredando el Futuro**. Pensar la Educación desde la Comunicación. In: **Nómadas**. Bogotá, septiembre de 1996, n. 5, p.10-22.

MARTÍN-BARBERO, J.M. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINO; MENEZES. Luís Mauro Sá e José Eugenio de O. **Media Literacy**: competências midiáticas para uma sociedade mídiatizada. *Líbero* – São Paulo – v. 15, n. 29, p. 9-18, jun. de 2012. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Texto-em->

[contexto-Media-Literacy.pdf](#). Acesso em: 18 Jun. 2018.

MARTINS, Larissa de Almeida. **Rádio escola e convergência de mídias no contexto da mídia-educação: uma proposta para o ensino médio**. Dissertação–(Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba (MG), 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MELLO, Maria de Fátima de. **Oralidade na sala de aula: uma proposta didática para o sétimo ano do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado Profissional em LETRAS) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2016.

MIRANDA, L.; SAMPAIO, I. S. V.; LIMA, T. **Fazendo mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal**. Comunicação e Sociedade, Brasil, v.30, n. 51, jul. 2009. Disponível em:
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/855/906>.
Acesso em: 18 Jun. 2018.

MOREIRA, Rosangela Patrícia de Sousa. **O lugar da pesquisa na educação geográfica: relatos de experiências dos alunos do ensino médio - IFBA/campus Valença**. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador (BA), 2015.

NATIVIDADE, Patrícia Duarte Silva da. **Comunicação e Produção de Subjetividade: o caso da rádio escola MDP**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2013.

OLIVEIRA, Luis Fernando Ribeiro De. **Vozario no ar: poder simbólico e reprodução, uma análise das relações que envolvem o projeto rádio escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba (MG), 2014.

OROZCO, G. **Entre telas: novos papéis comunicativos e educativos**. In: APARICI, Roberto. (Org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014, p 279-291.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum – comunidade, mídia, e globalismo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

PATRÍCIO, Edgard. **Movimentos iniciais do rádio ‘escolar’ no Brasil**. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza (CE), 2012.

PATRÍCIO, Edgard. **Rádio educativo - percepções a partir dos coordenadores do Programa Mais Educação1**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,37, Foz do Iguaçu (PR), 2014.

PATRÍCIO, Edgard. **O rádio educativo na percepção de professores da educação básica – O caso rádio escolar do Programa Mais Educação**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38, – Rio de Janeiro (RJ), 2015.

PEDUZZI, M. A articulação de enfoques quantitativos e qualitativos na avaliação em saúde:

contemplando a complexidade dos objetos. **Revista Interface – comunicação, saúde, educação**. Botucatu, SP, v. 4, n.7, 2000, p.126-128.

PEREIRA, Iomar da Costa. **A rádio escolar como recurso didático no ensino de ciências: estratégia para desenvolver alfabetização científica no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista (RO), 2015.

PEREIRA FILHO, Sebastião Faustino. **Procedimentos metodológicos em estudo com Rádio Escolar: relato de uma experiência**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36, Manaus (AM), 2013.

PERUZZO, Cicília M. K. **Observação Participante e Pesquisa-ação**. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PORTON, Simone de Souza Alves de Bona. **Prática educacional no espaço escolar: construindo ecossistemas comunicativos com a linguagem radiofônica**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. Volume I. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, Edivânia Duarte. **Os discursos sobre a educação na rádio escolar: um estudo etnográfico em uma escola pública**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, Natal (RN), 2014.

RODRIGUES, Rosa Luciana Pereira. **Comunicação e seu Processo: reflexões sobre uma experiência com o rádio em sala de aula**. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus (AM), 2013.

SACCOL, Amarolinda, SCHLEMMER, Eliane e BARBOSA, Jorge. **M-learning e u-learning: novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SAGAS, Dismael. **Rádio #tmj: história e ensino de História no cem morar bem – São José, SC**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado De Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SANTIAGO, Aliete do Prado Martins. **“Rádio escolar: proposições didáticas para formação do leitor literário”**. Dissertação (Mestrado em LETRAS) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen (RS), 2016.

SILVA, Mayanna De Jesus. **Educação e Rádio Escola: uma proposta de educação nutricional para adolescentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus São Luís Maracanã**. Dissertação (Mestrado em Educação) –

Universidade Tiradentes, Aracaju (SE), 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira (Coord). **Caminhos da Educomunicação**. Cadernos de Educomunicação. São Paulo: Salesiana, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira (Coord). **Rádio como política pública: uma experiência paradigmática em Educomunicação**. In: PRETTO, Nelson de Luca & TOSTA, Sandra Pereira. (Orgs.). *Do meb à web: o rádio na educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p 115-129.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Caminhos da Educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos**. In: APARICI, Roberto. (Org.). *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014. p 145-166.

SOARES, Maria Salete Prado. **Práticas educacionais da educação infantil na rede municipal de ensino de São Paulo**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, – São Paulo (SP), 2016.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOUSA, Franciane Lima. **Formação do leitor literário: a contação de histórias nas ondas da rádio escolar**. Dissertação (Mestrado Profissional em LETRAS) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2015.

SOUZA, Michelle Cristine Laudilio de. **A rádio escola educacional: uma alternativa para a contextualização da educação e a convivência com o semiárido**. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) – Universidade do Estado Da Bahia, Juazeiro (BA), 2016.

XAVIER, Francisca Joelina. **Da escola às redes sociais: jovens que produzem rádio em uma escola pública estadual de Niterói**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2016.

APÊNDICE A –

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DAS DUAS ESCOLAS INVESTIGADAS

Você não precisa se identificar, ok?!

Esse questionário contém apenas algumas perguntinhas e o objetivo é saber se você curte rádio, música, notícias e o quanto você é conectado nas mídias sonoras. Vamos lá?



1. Quando você ouve a palavra rádio, qual a primeira coisa que vem à sua mente? _____
2. Você ouve rádio? () diariamente () de vez em quando () não ouço
3. Em que lugar você costuma ouvir rádio?
() em casa () no ônibus () na escola () outros lugares. Qual? _____ () não ouço rádio
4. Em que tipo de aparelho você ouve rádio? () aparelho de Rádio () celular () computador () caixinha de música () nenhum
5. O que você mais gosta de escutar?
() músicas () entrevistas () esporte () debates () notícias () outro tipo de programa. Qual? _____
6. Qual o seu estilo musical preferido?
() sertanejo () funk () rock () pop () forró () mpb () gospel () rap () outro. Qual? _____
7. Você acha legal ter uma Rádio na escola? () sim () não
8. Você acompanha a programação da Rádio de sua escola? () sempre () às vezes () quase nunca
9. O que você mais lembra da programação da rádio de sua escola? _____
10. Você gostaria de participar da rádio da sua escola? () já participo () gostaria de participar () não quero participar
11. Você ouve música no seu celular quando está na escola? () sim, todos os dias () não () de vez em quando
12. Você ouve alguma rádio na internet? () sim () de vez em quando () não
13. O que você acha da programação da Rádio de sua escola? () excelente () boa () mais ou menos () não gosto
14. O que você gostaria que tivesse na programação da rádio de sua escola? _____

ANEXO A – PROTOCOLO DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE OBSERVAÇÃO-PARTICIPANTE

Protocolo único

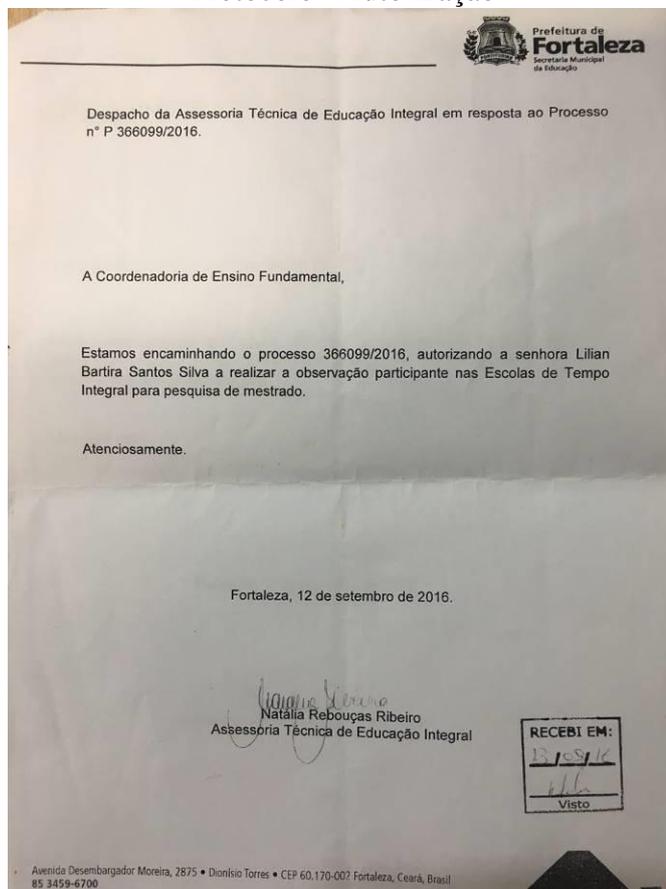
 Sistema de Protocolo Único Prefeitura Municipal de Fortaleza	
Nº Processo :	P366099/2016
Dt. Abertura :	09/09/2016 - 15:50
Local Abertura :	SME/CESAD - Célula de Serviços Administrativos
Local Atual :	SME/COEF - Coordenadoria de Ensino Fundamental
Tipo :	- Protocolo De Documentos Externo Interno
Assunto :	- Relatório
Envolvido :	Lilian Bartira Santos Silva
Observação :	SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE OBSERVAÇÃO - PARTICIPANTE NAS ATIVIDADES EDUCOMUNICATIVAS EM ESCOLAS DE TEMPO INTEGRAL
Folhas :	3
Anexos :	0

Para consultar o processo acesse:
<http://spuevolucao.fortaleza.ce.gov.br/totem>
Fortaleza - 09/09/2016 - 15:50

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza

ANEXO B – PROTOCOLO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE OBSERVAÇÃO-PARTICIPANTE

Protocolo - Autorização



Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza

ANEXO C – SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES ACERCA DOS CLUBES DE PROTAGONISMO VIA e-SIC

e-Sic 1

e-SIC
Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão

Versão 2.0.2
Olá Lilian Bartira Santos Silva - segunda-feira 28/05/2018 SAIR

Registrar Pedido | Consultar Pedido | Consultar Recurso | Dados Cadastrais | Home

Detalhamento de Pedido

Dados do Pedido | Dados da Resposta | Anexos | Dados do Histórico

Data do Evento	Descrição do Evento	Responsável	Justificativa
20/02/2018 16:53:33	Pedido Registrado para o Órgão SME - SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO	SOLICITANTE	N/A
07/03/2018 12:05:03	Pedido Respondido	SME - SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO	N/A

Voltar Gerar Relatório

Acesso a Informação | Manual do Usuário | Primeiro Acesso | Sobre o Sistema

Fonte: <http://www.acessoinformacao.fortaleza.ce.gov.br>

ANEXO D – DADOS DO PEDIDO

e-Sic 2

The screenshot displays the 'Detalhamento de Pedido' (Request Details) page in the e-SIC 2 system. The header includes the e-SIC logo, the text 'Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão', the version 'Versão 2.0.2', and a user greeting: 'Olá Lillian Barbra Santos Silva - segunda-feira 28/05/2018 SAIR'. Navigation links include 'Registrar Pedido', 'Consultar Pedido', 'Consultar Recurso', 'Dados Cadastrais', and 'Home'.

The main content area shows the following details for a request:

- Protocolo:** 00010000009201839
- Solicitante:** Lillian Barbra Santos Silva
- Data de Abertura:** 20/02/2018 16:53
- Orgão Superior:** SME - SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
- Orgão Vinculado:** (empty field)
- Prazo de Atendimento:** 12/03/2018
- Situação:** Respondido
- Forma de recebimento da resposta:** Pelo sistema (com avisos por email)
- Descrição Solicitação:** informações acerca da implantação dos Clubes de Protagonismo na rede municipal pública de educação de Fortaleza.
1. Qual o ano de implantação da política de Clubes de Protagonismo nas escolas?
- Anexos:** Não existem anexos.

At the bottom right of the form, there are two buttons: 'Voltar' and 'Gerar Relatório'. A footer bar contains links for 'Acesso a Informação', 'Manual do Usuário', 'Primeiro Acesso', and 'Sobre o Sistema'.

Fonte: <http://www.acessoainformacao.fortaleza.ce.gov.br>

Conteúdo do pedido: Informações acerca da implantação dos Clubes de Protagonismo na rede municipal pública de educação de Fortaleza.

1. Qual o ano de implantação da política de Clubes de Protagonismo nas escolas?
2. Histórico de adesão das escolas aos Clubes de Protagonismo: Todas aderiram de imediato ou esse modelo foi testado primeiramente em algumas escolas?
3. Existe um material de apoio para a implantação dos Clubes destinado às escolas? Qual?
4. Quantas escolas funcionaram em 2017 com os Clubes de Protagonismo?
5. Quantos Clubes de Rádio Escolar, especificamente, funcionaram em 2017?
6. Existe algum tipo de formação para os integrantes que lideram os Clubes?

Todas as informações referentes a esse modelo pedagógico contribuirão bastante para minha pesquisa acadêmica.

Desde já, obrigada.

ANEXO E– DADOS DE RESPOSTA

e-Sic 3




e-SIC
 Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão

Versão 2.0.2
 Olá Lillian Barreira Santos Silva - segunda-feira 28/05/2018 SAIR

[Registrar Pedido](#) | [Consultar Pedido](#) | [Consultar Recurso](#) | [Dados Cadastrais](#) | [Home](#)

Detalhamento de Pedido

[Dados do Pedido](#) | [Dados da Resposta](#) | [Anexos](#) | [Dados do Histórico](#)

Resposta

Data da Resposta: 07/03/2018

Classificação do Tipo de Resposta: Resposta solicitada inserida no e-SIC

Resposta: Prezada cidadã, Cumprimentando-a cordialmente, em atenção à referida solicitação, temos a informar que os Clubes de Protagonismo é uma Prática e uma vivência prevista na Proposta Pedagógica das nossas ETI - Escolas de Tempo Integral, logo são implementadas desde a criação da ETI, estando presente nas 18 Escolas de Tempo Integral do Município. Tratando-se de uma previsão na proposta Pedagógica, todas aderem de imediato.

Anexos: Não existem anexos.

Fonte: <http://www.acessoinformacao.fortaleza.ce.gov.br>

Prezada cidadã,

Cumprimentando-a cordialmente, em atenção à referida solicitação, temos a informar que os Clubes de Protagonismo é uma Prática e uma vivência prevista na Proposta Pedagógica das nossas ETI - Escolas de Tempo Integral, logo são implementadas desde a criação da ETI, estando presente nas 18 Escolas de Tempo Integral do Município.

Tratando-se de uma previsão na proposta Pedagógica, todas aderem de imediato.

Esses clubes são implementados nas ETI de Ensino Fundamental II no início de cada ano letivo pelos professores que trabalham Protagonismo Juvenil, utilizando uma apostila que direciona estes professores no trabalho junto aos alunos.

Cumpre informar que todas possuem Clubes de Rádio Escolar.

E, por fim, os professores que atuam nesses Clubes possuem formação para auxiliar na condução dos trabalhos.

A SME agradece a sua participação.